

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O REFERENDO NO BRASIL: 30 por cento de abstenções no Rio e em São Paulo

RIO DE JANEIRO, 7. — O plebiscito para o regresso ao regime presidencialista realizou-se, ontem, no Brasil em perfeita ordem, não se tendo registado qualquer incidente notável em todo o país — segundo foi anunciado.

As primeiras indicações obtidas revelam que a participação no escrutínio, nos grandes centros, foi nitidamente inferior à constatada nas eleições gerais de Outubro, onde o número de abstenções alcançou os 25 por cento.

A ausência às urnas, proposta pelos adversários esquerdistas do presidente Goulart, atingiu cerca de 30 por cento no Rio de Janeiro e em São Paulo, elevando-se a 40 por cento noutros pontos do país, nomeadamente em Pernambuco, no Nordeste.

O RESULTADO DO PLEBISCITO PODE AFECTAR O PRESÍDIO DE GOULART

A rejeição do actual regime parlamentar, criado por uma emenda à Constituição depois da renúncia de Jânio Quadros, estava garantida, mas os adeptos do presidente Goulart receavam que uma elevada percentagem de abstencionistas prejudicasse o prestígio do presidente,

apesar do plebiscito restaurar os seus plenos poderes.

Francisco Julião, chefe das Ligas Camponesas, e os comunistas retiraram o seu apoio a João Goulart, acusando-o de não ser capaz de re-

solver os problemas do Brasil e classificando o plebiscito de «farsa para enganar os pobres»...
No Rio de Janeiro a habitual ani-

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

MEIAS PALAVRAS

Segundo lemos no «Século», os repórteres que tiveram a seu cargo a «cobertura», como agora se diz, do incêndio que ocorreu anteontem no Amoníaco Português, encontraram dificuldades, por parte da empresa, para colher os elementos de informação indispensáveis à elaboração da notícia. E «só por meias palavras» — acrescenta aquele nosso prezado colega — conseguiram obter uma amostra de

tado. Empresas particulares recusam-se, do mesmo modo, a elucidar os jornalistas quando estes se lhes dirigem para obter qualquer informação reputada de interesse público. Acontece que, em resultado dessa inexplicável recusa, nem sempre as notícias são rigorosamente exactas e muitas vezes os leitores são induzidos em erro sobre este ou aquele pormenor, apenas porque as entidades interessadas não compreendem a necessidade de satisfazer a curiosidade dos jornalistas, quando é legítima e não há razão válida para ocultar a verdade. E queixam-se depois que os jornais desvirtuam os factos, quando elas foram as primeiras a recusar-lhes os elementos de informação que ajudariam a relatar a história verdadeira. Só por meias palavras os repórteres conseguiram saber alguma coisa acerca do desastre de Estarreja. Aliás, já estamos acostumados a este sistema de informação, num país onde nunca se dizem as palavras completas e se prefere deixar o público na dúvida, em vez de o informar e esclarecer convenientemente. Já o temos dito por mais de uma vez e ainda não foi possível fazê-lo compreender a quem lhe poderia dar remédio: esta reserva inexplicável e sistemática é a fonte mais caudalosa de onde brota em Portugal a água suja do boato.

Empresas particulares recusam-se, do mesmo modo, a elucidar os jornalistas quando estes se lhes dirigem para obter qualquer informação reputada de interesse público. Acontece que, em resultado dessa inexplicável recusa, nem sempre as notícias são rigorosamente exactas e muitas vezes os leitores são induzidos em erro sobre este ou aquele pormenor, apenas porque as entidades interessadas não compreendem a necessidade de satisfazer a curiosidade dos jornalistas, quando é legítima e não há razão válida para ocultar a verdade. E queixam-se depois que os jornais desvirtuam os factos, quando elas foram as primeiras a recusar-lhes os elementos de informação que ajudariam a relatar a história verdadeira. Só por meias palavras os repórteres conseguiram saber alguma coisa acerca do desastre de Estarreja. Aliás, já estamos acostumados a este sistema de informação, num país onde nunca se dizem as palavras completas e se prefere deixar o público na dúvida, em vez de o informar e esclarecer convenientemente. Já o temos dito por mais de uma vez e ainda não foi possível fazê-lo compreender a quem lhe poderia dar remédio: esta reserva inexplicável e sistemática é a fonte mais caudalosa de onde brota em Portugal a água suja do boato.



As palmeiras, que são o expressivo elemento decorativo por toda a Gran Canaria, servem de moldura a este recanto do típico «Barrio de Vegueta», em Las Palmas, onde se ergue o monumento a Colombo

LISBOA-LAS PALMAS EM CARAVELA (IV)

Sugestões expressivas do sentido poético e artístico e da cultura do povo «isleño»

por CÉSAR DOS SANTOS

No meio da trepidante agitação da urbe cosmopolita, lançada vertiginosamente no caminho do progresso e revelando o espírito prático e a noção do utilitarismo imediato dos tempos actuais, surpreende, de facto, o culto que em Las Palmas se presta aos valores intelectuais e se observa, a cada passo, nas mais singelas ou nas mais elevadas expressões e numa intensa actividade cultural e artística. Envolve-nos a música e a poesia do ambiente de característica vinicamente europeia onde a mescla vibrante de exotismo adquire aspectos bizarros e pintorescos no mundo das cores e das formas. Há na alma destes amáveis insulares de vincada personalidade e acentuado pendor artístico enlevos poéticos e brumosas nostalgias dulcificadas por um risonho contemplativismo ou adquirindo apaixonadas veemências ao impulso da ancestralidade marcada pela impetuosi-

dade vulcânica e o embevecimento edénico que dão o carácter dramático ou exultante à ilha lendária no aspecto geológico e na verdejante e colorida decoração da paisagem. Tudo isso se exterioriza

(Continua na 7.ª página)

A ESPANHA VAI POSSUIR NAVIOS ATÓMICOS

MADRID, 7. — «A Espanha não poderá dispor de submarinos atómicos até depois de 1970, mas por

(Continua na última página)

Leopoldville assume a administração da Katanga (anunciou) (Adoula)

LEOPOLDVILLE, 7. — Cyrille Adoula, primeiro-ministro congolês, anunciou hoje um plano de seis

Presidência do Conselho

Com o sr. prof. dr. Oliveira Salazar trabalhou, esta manhã, o ministro de Estado Adjunto do Presidente do Conselho.

pontos para reintegrar a Katanga no Congo.

Por este plano, o Governo central congolês assume provisoriamente a direcção da administração da Katanga — anunciou ainda Adoula.

(Continua na última página)



Destruidas as pontes pelos katangueses, as tropas invasoras das Nações Unidas tiveram de improvisar jangadas para que a sua artilharia ligeira pudesse transpor os rios na marcha sobre Jadotville

PROBLEMAS DA UNIVERSIDADE

IV — Técnica, profissão e cultura pelo prof. Orlando Ribeiro

A DISTINÇÃO que existe em Lisboa entre Universidade e Universidade Técnica é perfeitamente convencional e resulta de se manterem agrupadas, por um lado, as Faculdades tradicionais, e de se terem reunido por outro, várias escolas de origem, índole e fins diferentes. Mas não há qualquer razão para considerar mais técnica a Agronomia ou a Veterinária do que a Farmácia e qualquer distinção de fundo, entre as ciências económicas, políticas e administrativas que se estudam na Faculdade de Direito ou fora dela. A Medicina, a Engenharia, comportam, tanto uma como outra,

um aspecto técnico e um aspecto especulativo. Até as Faculdades de

(Continua na 14.ª página)

Diário de Lisboa

HOJE

Suplemento
desportivo

24
PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA

TAP

Linha de CASCAIS

UMA EXPOSIÇÃO
que documenta
um ano de actividade
da Sociedade Estoril-Sol

Inaugura-se amanhã, à noite, no átrio do Casino Estoril uma exposição-documentário das actividades culturais e recreativas da Sociedade Estoril-Sol durante o ano passado. Artisticamente dispostas em originais «placards», a exposição reúne dezenas de fotografias que correspondem a outras tantas iniciativas da Sociedade Estoril-Sol, num total que pode considerar-se, sem exagero, a mais valiosa contribuição para valorizar, devidamente, a nossa melhor estância de turismo.

Cinemas

ALGÉS — Stadium — Às 21: Os canhões de Navarone (17 anos).
ESTORIL — Casino — Às 17 e às 21 e 30: «O anjo da violência» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Branco — Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (Tel. 212081).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOZ — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 186 (Tel. 2420034).
OEIRAS — Godinho — Rua Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — Brandão — Av. da República, 77-C (Tel. 2471054).
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191).
CASCAIS — Cordeiro — Rua Frederico Arouca, 16 (Tel. 280170).

Catedráticos espanhóis visitaram as minas da Urgeira

CANAS DE SENHORIM, 7 — Depois de terem estado em Coimbra, visitaram as minas de urânio da Urgeira os srs. prof. D. José Maria Otero, presidente da Junta de Energia Nuclear Espanhola; e os seus colaboradores prof. D. Sodra e Allia, eng. Vicente Membrillera, que foram acompanhados pelos seus colaboradores prof. D. Sodra e Rogério Cavaca e João Diniz Ferreira. Desceram aos poços das minas, almoçaram no Hotel da Urgeira e os catedráticos espanhóis partiram, à tarde, para Madrid.

AS VISITAS DE HOJE DOS MEMBROS DAS COMISSÕES DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DO DESPORTO UNIVERSITÁRIO

Os componentes da Comissão Executiva da Federação Internacional do Desporto Universitário — reunida em Lisboa para emitir parecer sobre qual dos dois países, Portugal e Bélgica, deverá organizar os Jogos Mundiais do Desporto Universitário do Verão de 1965 — e da respectiva Comissão de Estatutos e Regulamento, deram hoje um passeio por Sintra, Cascais e os Estoris.

Acompanharam-os, além do sr. Armando Rocha, inspector nacional do desporto universitário e o representante de Portugal nas duas comissões, delegados dos Centros Desportivos Universitários de Lisboa e do Porto e outros dirigentes portugueses.

No Restaurante Mónaco, em Cascais, efectuou-se um almoço no fim do qual o presidente da Comissão

O plebiscito brasileiro foi o derradeiro acto da grave crise janista

(Continuação da página anterior)

mação só principiou depois do encerramento do escrutínio, quando os cariocas puderam saborear o seu primeiro copo de cerveja nos cafés, até então encerrados.

VAO INTENSIFICAR-SE AS RELAÇÕES ENTRE WASHINGTON E BRASÍLIA?

Embora indirectamente, no plebiscito de ontem decidiram-se também as relações entre o Brasil e os Estados Unidos — salienta-se em círculos políticos do Rio de Janeiro. Afirma-se que o plano de estabilização financeira de três anos, de que foi enviada uma cópia à Secretaria da Economia dos Estados Unidos, abre caminho ao estreitamento das relações entre os dois países. Afirma-se, com efeito, que o irmão do presidente Kennedy — o secretário da Justiça norte-americano, Robert Kennedy — nas suas conversações de há um mês com o presidente Goulart lhe declarou abertamente que o Brasil teria de vencer inflação antes de esperar o auxílio financeiro de Washington. Acrescenta-se que teria igualmente sugerido a necessidade de o Brasil vir a reexaminar a sua política de oposição à acção interamericana contra o comunismo em Cuba. Sendo o plebiscito, praticamente, um voto de confiança a Goulart, não poderá deixar de vir a influenciar as relações que este venha a orientar entre Brasília e Washington — comentam os observadores. — (A. N. I.).

OS ACONTECIMENTOS DESDE AGOSTO DE 1961

RIO DE JANEIRO, 7. — Os principais pontos da crise política brasileira, aberta em Agosto de 1961 com a demissão de Jânio Quadros, e de que o referendo de ontem deve constituir o último acto:
— 25 de Agosto de 1961, demissão de Jânio Quadros.
— 27 de Agosto, três ministros militares opõem o seu veto à investidura a dois presidentes de Goulart, que se encontrava, então, em missão oficial na China Popular.
— 30 de Agosto, Leonel Brizolla, governador trabalhista do Rio Grande do Sul, levanta o seu Estado, com o apoio do terceiro Exército, para apoiar Goulart e fazer respeitar a legalidade.
— 2 de Setembro, para evitar a guerra civil, o Congresso instaura

Executiva, o italiano dr. Primo Nebiolo, manifestou o encantamento de todos pelas belezas naturais e dos monumentos que lhes foi dado apreciar; e o dr. Armando Rocha agradeceu tais palavras, dizendo esperar que, durante as horas em que se conservarem ainda em Portugal, as suas agradáveis impressões acerca do nosso País aumentem ainda.

Esta tarde, após uma visita à reitoria da Universidade de Lisboa, haverá, no Hotel Tivoli, nova reunião da Comissão Executiva que concluirá amanhã os seus trabalhos em Lisboa.
Hoje, às 20 e 30, o general Francisco Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, oferecerá, aos membros das duas comissões, um jantar, no Restaurante de Montes Claros.

o regime parlamentar, e Goulart, depois de aceitar o compromisso, regressa ao Brasil.

— 26 de Julho de 1962, Tancredo Neves, que formou o primeiro Gabinete, demite-se e a crise tem repercussões. A Câmara recusa a investidura a dois presidentes de Conselho designados por Goulart. Depois de 15 dias de negociações, o presidente faz aceitar a nomeação de Brochado da Rocha para formar um Ministério de transição.
— 5 de Agosto, demissão de Brochado da Rocha. Goulart sai vencedor da nova crise, obtendo do Parlamento a antecipação da data do referendo para 6 de Janeiro de 1963, em vez da Primavera de 1964, e escolhe ele próprio o primeiro-ministro. As funções são confiadas a Hermes Lima.

— 7 de Outubro, eleições gerais que dão a maioria ao centro-esquerda e que abrem futuras possibilidades de governo a Goulart. — (F. Presse).

ESTÁ EM LISBOA UM DELEGADO da Cruz Vermelha Internacional

Em visita de cortesia à Cruz Vermelha Portuguesa, chegou esta manhã a Lisboa, por via aérea, o sr. dr. Georges Hoffmann, delegado do Comité da Cruz Vermelha Internacional para os Problemas da África do Sul e Equatorial, que dentro de dias segue para Johannesburg.

O sr. dr. Hoffmann, que ainda hoje apresentará cumprimentos aos ministros dos Negócios Estrangeiros e do Ultramar, foi recebido, no aeroporto, pelo secretário-geral da Cruz Vermelha Portuguesa.

Seguiram para Dakar os jornalistas norte-americanos que visitarão Angola

Seguiu, esta manhã, de avião, para Dakar, o grupo de jornalistas norte-americanos que vai efectuar uma viagem de estudos através do Continente africano, incluindo a nossa província de Angola. Aqueles jornalistas principiarão naquela cidade a sua visita à África e devem chegar no dia 20 a Angola, onde permanecerão três dias.

No aeroporto, apresentaram cumprimentos de despedida aos jornalistas norte-americanos, representantes do sr. ministro do Ultramar, do secretário nacional da Informação e da Embaixada dos Estados Unidos.

JÁ HÁ BATATA

Encontra-se já à descarga o primeiro barco chegado a Lisboa com batata estrangeira para o abastecimento do mercado, sendo imediatamente distribuída ao comércio retalhista.

A fiscalização da I. G. A., em colaboração com a Junta Nacional das Frutas está a acompanhar essa distribuição. Os srs. armazeneiros foram notificados de que não podem fazer a distribuição sem apresentarem previamente à I. G. A. uma nota dos retalhistas ou entidades que receberão a batata.

O EMPRÉSTIMO EXTERNO PARA IRRIGAÇÃO E AEROPORTOS

Foi hoje publicada no «Diário do Governo» a declaração firmada pelo ministro das Finanças, segundo a qual «a Nação Portuguesa se constitui devedora da quantia de 150 milhões de marcos», empréstimo que se desdobrará em duas séries, ambas ao juro de 3 1/4 %, destinadas a satisfazer encargos de obras de irrigação e de aeroportos.

As amortizações principiarão em Dezembro de 1965, para a série de 50 milhões de marcos, e em Dezembro de 1967, para a série de 100 milhões.

A CIDADE

INTRIGAS DE BAIRRO

Calças brancas em Janeiro

Lisboa é uma cidade feita para gozar o risonho sol e não para este desabalado e impertinente chover. Quando vêm os dias carrancudos, os negros e caliginosos dias de Inverno, a pobre entristece a mais não poder. As casas, a maioria delas brancas das alegres calçadas, causam dó, parece que ficam transidas da humidade e do frio. Não há lugar em que uma pessoa se aqueça, enxugue os sapatos alagados, seque a roupa-linha repassada. A água corre pelas valetas, precipitada e aflita, desce em torrente as calçadas íngremes, e para a beira-rio as ruas inundam-se, as sarjetas vomitam o enxuro dos canos. Tudo toma um lamentável ar de desconforto, um arzinho infeliz. É uma cidade soalheira, e, nestes dias de céu rabugento, mal humorado, o seu sorriso estival pinga melancolia, de mistura com as grossas lágrimas da chuva. É então que na boca de todo o legítimo lisboeta se ouve o mesmo protesto, a eterna queixa da sua inconformação:
— Que raio de tempo!

Se apertarmos os aguaceiros, do beiral dos telhados a água corre a cantaros e das poças da rua os automóveis espadam a lama para cima do pobre transeunte, como se não bastasse o que das nuvens desaba num incrível dilúvio. As portas das escadas e das lojas ficam coalhadas de gente, destes infelizes que olham para o céu com uma desesperada expressão de suplica, a implorar o bom tempo. A nossa cidade nunca se prepara

rou nem para o frio, nem para a chuva — teima em não despir a sua fresca fatiada de Verão.

— Quando se viu uma invernia assim?!

Quando se viu? São todas iguais — chove, venta, e faz frio da mesma maneira. Nevar é raro que aconteça, mas o Inverno cai-nos fatalmente em cima, sem nos decidirmos a vestir roupa quente, o bom capote, a grossa meia de lã, nesta teima de que nascemos para fruir um perpétuo Estio. O céu, hoje, parece que se desfaz em água e andamos desdos recolhidos pelas portas das escadas, à espera de uma abertura. Raro é o sítio aquecido, onde a gente se retempera à protecção de um lume aceso. O companheiro de emergência, que se abriga comigo neste mesmo portal, vem numa lástima. Todo ele pinga tanta água, como a poeira do seu chapéu de chuva. Olha-me com indizível melancolia e confessa num jeito de infelicidade:

— Esta molha, ando desde manhã a secá-la no corpo.

— A nossa terrinha não está preparada para isto. Calças brancas em Janeiro...

E ele logo completo o rição:

— Sinal de pouco dinheiro. De pouco isso, penso eu. Pior do que a pobreza dos recursos é a miséria das convenções. Meteu-se-nos na cabeça que vivemos constantemente em pleno Agosto, e só Deus sabe o frio que por cá se rapa.

MANUEL MENDES

PEQUENAS NOTÍCIAS

Pelos hospitais

ACIDENTE NO TRABALHO — Recolheu à sala de observações do Hospital de São José, com fracturas graves, António Alberto Araújo, de 18 anos, servente, morador na Rua da Fonte, 50, r/c., o qual caiu do andaime da obra em que trabalhava, em Benfica.

MORTE SUBITA — Foi removido para o Necrotério, por ter chegado já morto ao Hospital de São José, o corpo do estivador António Alves Branco, de 48 anos, residente na Quinta do Armador, 3, na Ajuda. Tinha adoecido subitamente próximo de Alcantara.

Pela Polícia

A QUEM PERTENCEM OS OBJECTOS FURTADOS? — Na Secção de Justiça da P. S. P., que funciona no Governo Civil, encontram-se depositados os mais variados artigos, designadamente sobretudo,

gabardinas, três aparelhos de auscultação, uma peça de pano cru, chapéus-de-chuva, etc., os quais foram furtados do interior de automóveis estacionados em diversas artérias da cidade. As pessoas lesadas devem comparecer, com a possível brevidade, naquela repartição policial, das 9 às 18 horas, a fim de procederem ao reconhecimento dos artigos que lhes pertencem.

Quem perdeu?

Relação dos achados anteontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): duas notas do Banco de Portugal; um chapéu de chuva; uma sombrinha; dois porta-moedas de cabedal com dinheiro; dois pares de óculos graduados; três tampões de rodas de automóvel; um aro de roda de automóvel; um cartão sindical em nome de Manuel Gonçalves Ruivo Martins; uma caderneta da Caixa Geral de Depósitos em nome de Francisco António Martins Rodrigues; um sapato de criança; um bivaque de bombeiro; diversas argolas com chaves; um chapéu para criança; peças de ferramenta para carpinteiro; um anel de ouro com pedra; o bilhete de identidade de António Manuel Vidal Rebelo Ramos; documentos de Paulo Quaresma Roque da Silveira; um aro para roda de automóvel; o diploma primário de Vitor Manuel dos Santos Vasconcelos; um passe da Sociedade Marítima de Transportes; uma luva; um porta-chaves; e diversas argolas com chaves.

Também se encontram no Sindicato Nacional dos Motoristas: dois chapéus de chuva; três sombrinhas; três pares de luvas; uma camisola para homem; um casaco de malha, próprio para homem; um embrulho com roupa suja; um chapéu para homem; uma guitarra dentro de uma caixa de papelão; uma mala de senhora com dinheiro; uma pasta de plástico; uma carteira com 500\$00 e documentos; uma gabardina de «nylon», e um par de luvas.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

CONTENTE

CALÇADOS DE GRANDE LUXO COM A COLABORAÇÃO DE
JEAN Bottier Paristen
DESTRO EMILIO Modelista — Milão
AGORA AOS PREÇOS DO «PRET-A-PORER»
R. S. JUSTA, 98-100

Atrás do reposteiro

- A revista que vai seguir-se no Teatro ABC deve ser assinada pela mesma parceria que escreveu «O Gesto é tudo!...».
- O actor Rogério Paulo tem marcada a data de 15 de Março para se deslocar a Paris a ocupar o seu lugar de assistente na Universidade do Teatro das Nações.
- Um dos números que Florbela Queirós vai interpretar na re-

vista «Lisboa á noite», durante a sua digressão pela província chama-se «Os miúdos da nova vaga». Raul Solnado será o parceiro da jovem actriz.

- Estela Alves gravou ontem, para um disco a editar brevemente e inteiramente preenchido com composições de Alírio Covas, os trechos «O fado é meu», «E's verso de outro fado»; «O fado é meu» e «E's tu, Lisboa!». Estela Alves foi acompanhada pelo conjunto de Jorge Machado, ampliado por um naipe de seis violinos.



CASINO ESTORIL

apresenta no «Wonder Bar» um «show» com

PIA GABRIELI

VEDETA DA CANÇÃO ITALIANA E UMA DAS FAVORITAS DOS FESTIVAIS DE SAN REMO

THE LIMBOETTES

no ritmo estonteante da exótica dança do Limbo

Ballet MARIE LOUISE DIDION

um friso de esculturais bailarinas francesas



No CINEMA, às 21.30: «O ANJO DA VIOLENCIA»

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo, 60\$00. Nos outros dias, consumo mínimo, 40\$00. Todos os dias, jantar, 65\$00. Domingos, à tarde, chá completo, 25\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

OS MESMOS ARTISTAS QUE ACTUAM NO CASINO ESTORIL, EXIBEM-SE, TAMBÉM, TODAS AS NOITES, NO Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

No Variedades

A «vedeta» italiana Patrizia na revista «Ena, tantas»

Já em Lisboa, está a tomar parte nos ensaios da nova revista «Ena, tantas!» a «estrela» italiana do Teatro, do Cinema e da TV, Patrizia, que foi a primeira figura do grande espectáculo de Joaquim Geza, «Ar-riverderci, Roma!».

Patrizia, que interpretou, há pouco, o principal papel do filme italiano «Le due Leggi», dirigido por Mulargia, regressou, há um mês, da Venezuela, por ter sido escolhida, juntamente com a nossa tão conhecida Gelu, para o festival comemorativo do primeiro aniversário da TV oficial de Caracas.

E' esta extraordinária artista a



«vedeta» da nova revista de Anibal Nazaré, António Cruz e Paulo da Fonseca, musicada por Fernando de Carvalho, Carlos Dias, Ferrer Trindade e Carlos Rocha, e que é

ensaiada por Carlos Coelho, com coreografia de Roberto Paratore e a colaboração de Paulo José.

Do elenco fazem parte muitas artistas queridas do público: Leônia Mendes, Maria Adelina, Helena Tavares, Lili Neves, Ausenda Miranda, Maria Dulce, em sensacional estreia, no teatro musicado, e a colaboração de Elvira Velés.

Entre artistas, discípulas, «modelos», «girls» portuguesas e componentes de um «ballet» francês, atinge o numero de 50 os elementos femininos da grande companhia do Teatro Variedades, que assim regressa às suas tradições de teatro de revista.

A montagem está a cargo de Manuel Lima e Mário Alberto, também autores das «maquettes», e os figurinos foram desenhados por Mário Alberto e Jean Jacques e executados nos afamados «ateliers» Paiva, sob a direcção de Josefina Soares. Tudo se prepara, no Variedades, para que a nova revista seja estreada dentro de breves dias.

No ABC

«O GESTO É TUDO!...» com um formidável elenco de jovens artistas

No popular teatro ABC, em duas sessões, às 20 e 45 e 23 horas, José Miguel apresenta, triunfalmente, interpretada por uma nova e grande companhia, em que reaparece

(Continua na página seguinte)

BEATRIZ COSTA

volta ao Teatro?

Nos meios ligados ao Teatro, volta a falar-se com insistência do próximo regresso, aos palcos, de Beatriz Costa — que tem sido vedeta querida de várias gerações. Afirma-se, até, que o regresso da popularíssima actriz se verificará ainda esta época. Assim Beatriz o queira.

A grande actriz francesa

Giséle Casadesus

profere hoje uma conferência na Alliance Française

Prosseguindo no cumprimento do seu programa de expansão da cultura francesa em Portugal, a Alliance Française convidou a grande comediant francesa Giséle Casadesus a deslocar-se ao nosso País onde fará algumas conferências, recitais de grande interesse cultural e artístico.

Rui de Mascarenhas inaugurou uma «Boite» em Saragoça

Rui de Mascarenhas, cançonetista de categoria internacional, logrou agora dois novos e seguros triunfos em Espanha: quatro meses contratado do programa «Calvagem da Fim de Semana», e a presença na inauguração de uma das mais elegantes «boites» de Saragoça.

Actriz de primeiro plano, Giséle Casadesus é a decano dos sociétaires da Comédie Française, e uma das mais populares intérpretes de teatro clássico e moderno, quer na própria Comédie, quer na Televisão, Rádio e Cinema.

A grande comediant, que chegou hoje a Lisboa, profere esta noite, na sede da Alliance Française, na Rua Bramcamp, 13, a sua primeira conferência durante a qual falará sobre «De Montmartre à la Comédie Française».

Será apresentada pelo director-geral no nosso País daquela associação de cultura, sr. dr. Paul Hinderlang.

Depois da sua apresentação em Lisboa, Giséle Casadesus percorrerá outras cidades portuguesas, entre elas Coimbra e Porto, onde igualmente fará conferências e recitais.

Brigitte Bardot

será a heroína de um romance de Moravia

PARIS, 7 — Brigitte Bardot, apesar de dizer sempre que cada novo filme será o ultimo da sua carreira, assinou mais um contrato, desta vez para uma outra película baseada num romance de Alberto Moravia: «Le Mepris».

A Bardot disse ter ficado «cativada» pela história, quando leu o romance de Moravia. O argumento conta a história de um realizador cinematográfico que, durante as filmagens de uma película baseada na «Odisseia», começa a desprezar a mulher. — (A. N. I.).



B. B.

«LISBOA A NOITE»

INICIOU HOJE a sua digressão pela província

A partir de hoje, a triunfal companhia de revistas, que durante cinco meses consecutivos esgotou as lotações do Teatro Avenida, inicia a sua digressão pelo País. Hoje dá espectáculo no Teatro Carlos Manuel, em Sintra; amanhã e depois em Cascais, no Teatro S. José; quinta e sexta-feira no Teatro Luís de Todi, de Setúbal; sábado, no Teatro Joaquim de Almeida, no Montijo; domingo, no Teatro Rosa Damasceno, em Santarém; dia 14, no Cine-Teatro de Alcobaca; dias 15 e 16, no Teatro Avenida, de Coimbra, e, a partir do dia 18, no Teatro Rivoli, do Porto. «Lisboa á noite», uma revista original de Fernando Santos e Nelson de Barros, tem no seu elenco os nomes de: Humberto Madeira, Raul Solnado, a colaboração do consagrado actor António Silva, a revelação do teatro e cinema Florbela Queirós ao lado de Armando Cortés, Helena Vieira, Saldade dos Santos, Adelaide Ribeiro, Simone de Oliveira, Braga Santos, Conjunto Sem Nome, Maria Sabina, Lita Costa, Rolanda, Palmira, Lourdes Cabral, Elli, Luisa, Tanya e um excepcional «ballet» inglês.

CICLO DE CINEMA

sobre o documentário

holandês de 1929 a 1962

No Secretariado Nacional da Informação começa hoje, às 21 e 30, o ciclo de sessões de cinema dedicadas ao documentário holandês, produzido entre 1929 e 1962.

Na sessão de hoje, com filmes cedidos pela embaixada real dos Países Baixos, serão projectadas obras de Joris Ivens, Max de Haas, Van der Linden, Louis Van Gasteren e Jan Urijman.

As sessões, que foram organizadas pela Federação Portuguesa dos Cineclubes e pela Cinemateca Nacional, prosseguem amanhã e terminam no dia seguinte.

JOSÉ MIGUEL APRESENTA

NO ABC

Telef. 366745



Irene Cruz



Berta Loran



Camilo de Oliveira



Nancy Montes



Valentina Felix

HOJE

EM

2 SESSÕES

Às 20,45 e 23 h.

A REVISTA POPULAR DOS AZES E DAS REVELAÇÕES!!!

O GESTO É TUDO...

UMA REVISTA 100% ALEGRE, DINÂMICA E COLORIDA!!!

17 ANOS

POR UMA NOVA E GRANDE COMPANHIA DO GÉNERO!

(Continuação da página anterior)

Salvador, «O gesto é tudo!...», original de Amadeu do Vale, César de Oliveira e Ferro Rodrigues, com música de João Nobre e Carlos Dias.

Em «O gesto é tudo!...», que conquistou Lisboa pela sua graça e originalidade, e pelo luxo e bom gosto da montagem, além de Salvador, triunfaram também Berta Loran, Camilo de Oliveira, Luís Horta, Francisco Nicholson, Vítor Mendes, Mariano Franco, Manuela Maria, Helena Amoretti e um juvenil grupo de insinuantes artistas, entre as quais se destacam Irene Cruz e Valentina Félix, as grandes revelações da revista. A revista conta ainda com a preciosa colaboração da

vedeta sul-americana Nancy Montes e do já famoso «ballet» inglês de Peggy O'Farrell.

Espectáculo para adultos, maiores de 17 anos.

NO CONDES E NO ROMA

O filme «Carícias de luxo» obtém grande sucesso

Não é novo o estilo dessa deliciosa película, presentemente em exibição no Condes e no Roma. Na verdade, «Carícias de luxo» filia-se naquele género de comédias ligeiras norte-americanas onde o bom gosto das montagens e cenas, beneficiadas pelo colorido, e a graciosi-

dade do enredo nos proporcionam duas horas de alegria.

Cary Grant e Doris Day, pela primeira vez juntos, estão irresistíveis de comicidade, a eles se deve grande parte do êxito obtido com este exclusivo da Doperfilme.

Ao lado dos dois aplaudidos comediantes poderemos ainda admirar a notável interpretação de Gig Young e de Autrey Meadows — artistas secundários de primeira categoria.

«Carícias de Luxo» (That Touch of Mink), pelo interesse do seu conflito e pela graça natural das suas situações, resulta num programa aliciante, cem por cento optimista, que deixa toda a gente agradável e surpreendida.

NO AVIS

MARISOL a pequena vedeta que conquistou Lisboa

Marisol é uma menina bonita, azougada, deliciosa.

Não admira, por isso, que os seus filmes, sejam estrondosos êxitos. O seu novo filme, «Tombola», em exibição no Avis, é um autêntico festival de canções, de boa disposição, de alegria e de ternura!

Fotografado em eastmancolor, o filme, que publico e critica acolheram com justificado entusiasmo, confirma os créditos da azougada Marisol como das mais extraordinárias revelações da cinematografia espanhola nos últimos anos, e resulta num dos mais surpreendentes e curiosos programas da semana.

Esgotando as lotações do Avis todas as tardes (em duas sessões), «Tombola» não é só um filme destinado às crianças. Os adultos igualmente vibrarão com as aventuras de Marisol, agora «embrulhada» com uma temível quadrilha de ladrões.

«Tombola» assegurou definitivamente a popularidade da jovem vedeta no nosso País, país que ela tanto admira e ama, e onde tem sido sempre recebida com a maior simpatia e amizade.

ROGÉRIO PAULO

vai ao Porto encenar duas peças antes de seguir para Paris

O actor e encenador Rogério Paulo segue dentro de dias para o Porto onde ficará cerca de dois meses a encenar, para o Teatro Experimental daquela cidade, as peças «Eram todos meus filhos», de Arthur Miller, e «O homem e as armas», de Bernard Shaw. Na peça

TIVOLI

4.ª-feira, 9, às 6,30 da tarde
Recital de Piano de
ANTONIO VICTORINO
D'ALMEIDA

Piano PETROV da Casa Sassetti
Bilhetes à venda
(Maiores de 6 anos)

de Miller, Rogério Paulo interpretará o protagonista, aproveitando o período de representação para preparar «O homem e as armas», em que já não intervirá como actor.

A 15 de Março, Rogério Paulo deve seguir para Paris onde, durante alguns meses, assumirá o cargo de assistente na Universidade do Teatro das Nações, para o que receberá, além de um modesto honorário, um subsídio complementar da Fundação Gulbenkian. Dados esses compromissos, bem como o facto de seguir, depois, para o Brasil, Rogério Paulo não aceitou o recente convite para trabalhar na Televisão Portuguesa, onde já não colabora há alguns anos, como se sabe.

Amanhã, no Tivoli

na sessão clássica será exibido o filme «Ballet Real»

Amanhã, como habitualmente, haverá no Tivoli, a partir das 18 e 30, mais uma sessão clássica de cinema.

O seu programa reveste-se desta vez de um muito especial interesse para o público baletomano pois será reexibido o filme «Ballet Real».

Obra filmada no Covent Garden, de Londres, com a companhia inglesa «Royal Ballet», exigiu de novo a instalação de numerosas camaras apontadas de ângulos diferentes para o palco. Mas a pura reportagem feita com o «Ballet de Moscovo» sucedeu desta vez um filme de maior elaboração cinematográfica, embora conformada aos limites do cinema-reprodução do espectáculo baletico e embora não lhe faltassem também as aberturas do pano de boca, nem os agradecimentos dos artistas no final.

Esta fórmula tem o seu interesse, pois permite levar a milhões de espectadores realizações cénicas de alto nível artístico que normalmente só podem ser admiradas por reduzidas assistências.

Sessão de cinema

no Roma

No cinema Roma, haverá hoje, às 18 e 30, mais uma das habituais sessões de cinema promovidas por um organismo de cultura cinematográfica.

Será exibido o filme «O velho e o mar», de John Sturges.

IMAGEM DO DIA

«BARRABAS», entra hoje, no Politeama e no Tivoli, na sua 4.ª SEMANA de exhibições. O famoso filme de De Laurentis obteve em Lisboa o mesmo êxito que alcançou em todos os países do mundo entre os aplausos do publico e da critica — pela sua realização grandiosa, em technicolor-tecnirama, e pela interpretação de primeira categoria do grande ANTHONY QUINN.

«BARRABAS» é um rigoroso exclusivo que só será reexibido em Lisboa em Setembro de 1963.

NO MARIA VITÓRIA

Telef. 3 17 40

EM 2 SESSÕES

As 20.45 e 23 h.

Hermes Portela apresenta

A MELHOR REVISTA POPULAR DOS ÚLTIMOS 10 ANOS!!!

4.º POETE A PAU!

mês triunfal!

Original de JOSÉ GALHARDO e JOÃO NOBRE, com musica de JOÃO NOBRE e JOÃO DE VASCONCELOS

com AIDA BAPTISTA, COSTINHA, JOSE VIANA, LUISA DURÃO, EMILIO CORREIA, LUCINDA AMARAL, MARIA DA NAZARE, MARIA VITÓRIA, OCTAVIO DE MATOS, FILHO, BARROSO LOPES, no «compère»; E AS GRANDES ATRAÇÕES:

MAY AVRIL, do «Folies Bergères»;

MARIA HELENA, MARIA DO ESPÍRITO SANTO, ALBERTO GRAZIANO e o cantor MA NUEL SEIA á frente de um elenco colossall

BILHETES Á VENDA ATÉ AO FIM DA SEMANA

17 ANOS

VIDA MUSICAL

Concerto de piano e orchestra para o C. C. M.

Na vida musical, como na vida escolar, a entrada do novo ano não representa um início de qualquer coisa ou uma renovação. Nem sequer se sente muito que se está, ou que se esteve em férias. A solenidade do Natal, contudo, terá estado presente, mas não, naturalmente, no programa do Círculo de Cultura Musical para as séries de S. Carlos e do Tivoli, em que se juntaram o pianista Samson François, a Orquestra Sinfónica da E. N. e o maestro Silva Pereira.

Bom programa? Sim, em si. Havia muito tempo que não ouviamos ao vivo o belíssimo e muito especial «Concerto em sol», de Ravel; e a «Rapsódia Espanhola», do mesmo Ravel (só para orchestra), é de uma feérica riqueza de coloridos e de ritmo que realça o perfeito jogo de carácter espanhol e de finura de escrita francesa. Foi esta a obra que a orchestra melhor realizou; mas a direcção de Silva Pereira, sem par-

titura para a Rapsódia, representa uma confiança que não sabemos se é de aplaudir inteiramente. Ela favoreceu, sobretudo, nesta ocorrência, o brilho exterior, o aparato, de acordo com uma expansividade que logo no abrir do programa, com o «Coriolano», de Beethoven, se esqueceu da qualidade da execução.

Claro, estamos a apreciar este programa sob o ângulo da importância que damos a todos os seus elementos, e esquecendo, por um momento, entre outros pormenores, o irregular regime de trabalho a que a orchestra tem de sujeitar-se no decorrer dos seus 11 meses consecutivos de actividade. Continuemos na expectativa do que irá acontecer, dentro de alguns meses, passada a temporada de ópera, por exemplo. (Continuaremos a não acontecer nada, ou quase nada...)

E' tudo o que há de mais natural, pensamos, que um solista de envergadura e de experiência já larga queira e possa ter acção sobre os seus colaboradores — mas Samson François pertence ao género de solistas que nos dão muito mais completa ideia dos seus requisitos de virtuosidade do que da sua competência de intérprete de uma obra não solística. Contudo, quando se encontrou de facto só, inteiramente só, na primeira metade do tão complexo «Adagio», pareceu não se resignar á prodigiosa economia do texto, privando-o da sua subtilidade e da sua profundidade.

Samson François escolheu, para tocar antes de Ravel — ou escolhe-ram para ele — o «Concerto em fá menor», de Chopin. A Orquestra, não bastante feita no Concerto de Ravel, mas com alguns bons pormenores, entre eles, a passagem bastante importante na harpa, por Cecilia Borba, no Concerto de Chopin, muito mais a descoberto, tinha acusado a sua falta de equilíbrio.

(Continua na 15.ª página)

TAUROMAQUIA

A «Orelha de Prata» a Armando Soares

SEVILHA, 7 — A «Orelha de Prata» oferecida pela Associação-Rádio foi conferida ao matador de touros Armando Soares, triunfador recente na praça da Maestranza desta cidade. — (E.).

«Enciclopédia Tauromáquica»

Está já em distribuição o fascículo n.º 4 da «Enciclopédia Tauromáquica Ilustrada», da Editorial Estampa, obra indispensável a todos os amadores do espectáculo que pretendam conhecê-lo conscienciosamente. Como os fascículos anteriores inclui este uma página a cores, além de muitos desenhos e fotografias.

«ENXERTO DO CORAÇÃO»

O Prof. norte-americano Sachs, sumidade mundial da cardiologia, assistiu, recentemente, em Moscovo a uma operação que a cirurgia considerava impossível: a transplantação do coração, processada em dois cães. Conseguiu o Prof. Demikhov salvar a pequenita dinamarchesa Anita, de três anos de idade, que sofre de fibro-endocardite, uma das raras doenças perante a qual a cirurgia se revela impotente?

LEIA A EMPOLGANTE REPORTAGEM DOS ENVIADOS ESPECIAIS DOMINIQUE LAPIERRE E ANDRÉ LEFEBVRE NO NÚMERO DESTA SEMANA DE

PARIS
MATCH

Uma distribuição exclusiva da Livraria Bertrand

«O VIMIOSO»

RESTAURANTE TÍPICO

R. do Norte, 29-A (Junto ao Camões) — Telef. 3 56 07

HOJE

ESTRELA DA NOVEL E GRACIOSA CANTADEIRA

DEOLINDA GOMES

NESTE RESTAURANTE ENCONTRARÃO OS ESTIMADOS CLIENTES, AMBIENTE DE FADO CASTIÇO.

PARA ADULTOS

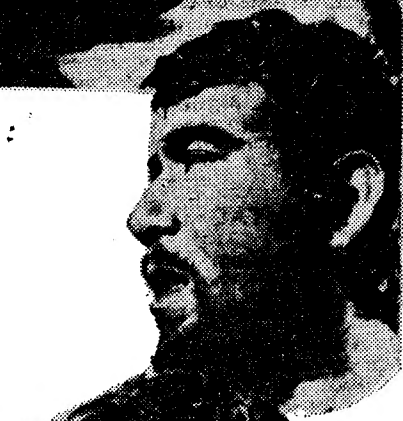
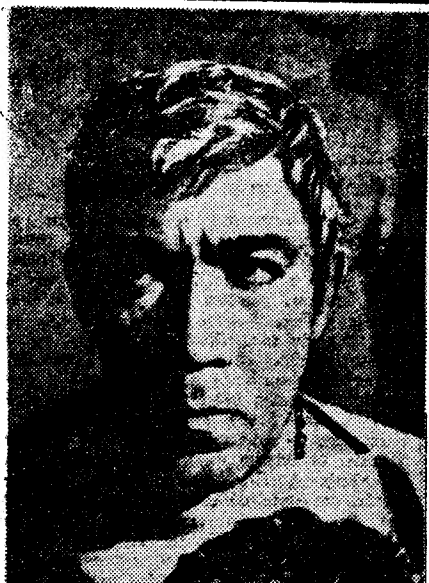
VEJA HOJE NA R. T. P., CERCA DAS 22 H.
NO PROGRAMA DE VARIEDADES
O GRANDE SORTEIO FINAL

do CONCURSO



PREFIRA SEMPRE REFRIGERANTES DE FAMA MUNDIAL CANADA DRY

BARRABAS



SEMANAS
E 4 EXPRESSÕES
DE UM GRANDE ÊXITO

COLUMBIA FILMES apresenta a produção de RICHARD FLORIN

"BARRABAS"

ANTHONY QUINN em "Barrabas"
SILVANA MANGANO • ARTHUR KENNEDY • KATY JURADO
HARRY ANDREWS • VITTORIO GASSMAN
JACK PALANCE • ERNEST BORGNINE

Baseada no livro de RICHARD FLORIN, Prémio Nobel de Literatura. Argumento de GILLES COHEN YVES
Produção de RICHARD FLORIN. Realização de RICHARD FLORIN

TECHNICOLOR
"TECHNICOLOR"
M/12 anos

UM RIGOROSO EXCLUSIVO DE ÉPOCA
TIVOLI • POLITEAMA

RESTAURANTE

FOLCLORE

R. NOVA DA TRINDADE, 22-A
LISBOA
Tel. 324005/35007

Participa aos seus Ex.mos Clientes que se encontra encerrado a partir de hoje, para balanço e férias do seu pessoal, reabrindo ao público no próximo mês de Fevereiro.

A DIRECÇÃO

Adultos
Maiores
de 21 anos
T. Queimada
6-A
Tel. 362889
Fados e Canções das 21 à 1.30 por:
Miguel Silva, Maria Augusta, Natalino Duarte, Maria Amélia Pipoca e Luís Braga
Guitarristas: Ildefonso Frade e Miguel Silva

FINS DE SEMANA NO ALGARVE

Com bilhete de «Fim de Semana» pode fazer turismo de Inverno, visitando a encantadora província do Algarve, de clima tão ameno nesta quadra do ano.

AVENIDA

esta semana ESTREIA
Uma nova Companhia

Para reparação de
MADALENA SOTTO

ao lado de
AUGUSTO DE FIGUEIREDO
BEATRIZ DE ALMEIDA • ALBERTO DE ALMEIDA • GHIRA
LUIS DE CAMPOS • VASCO DE LIMA COUTO
e MARIA DA NAZARE

numa famosa comédia
de MIGUEL MIHURA

OPERAÇÃO BOSSA NOVA

Direcção artística e encenação
do actor JOSÉ VIANA

UM ESPECTÁCULO NOVO, ORIGINAL e DIFERENTE, QUE DIVERTE! CRITICA! ENTERTENEC! e ATÉ FAZ PENSAR!

(MAIORES DE 12 ANOS)

AGUARDEM: O MILAGRE DE ANA SULLIVAN

UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO DE ALTO NÍVEL ARTÍSTICO • PARA MAIORES DE 6 ANOS

HOJE
E TODAS
AS NOITES
AS 21 e 30
17 ANOS
NACIONAL
O ENORME TRIUNFO
OS MAIAS
5.ª-FEIRA (12 ANOS)
ULTIMA DE
PERALTAS E SÉCIAS

ATENÇÃO

A «TOURNÉE» DE
«LISBOA À NOITE»

Hoje, às 21.30 horas, no
Teatro CARLOS MANUEL
— SINTRA

Amanhã e 4.ª feira, no Teatro
S. José — CASCAIS

5.ª e 6.ª feira no Teatro
Luísa Todi — SETUBAL

Sábado, no Teatro Joaquim de
Almeida — MONTIJO

Domingo, no Teatro Rosa Da-
masceno — SANTARÉM

Dia 14, no Teatro-Cine
— ALCOBÇA

Dias 15 e 16, no Teatro Ave-
nida — COIMBRA

A partir do dia 17, no Teatro
Rivoli do PORTO

(ADULTOS)

NÃO TENHA RECEIO...

LEVE A SUA ESPOSA AO
Teatro Monumental
HOJE, às 21.45 h. (ADULTOS)
E RESOLVERA
MUITOS PROBLEMAS

AO VER
A COMÉDIA DE
ALFONSO PASO



UM ÊXITO EXCEPCIONAL
DA NOVA COMPANHIA
TEATRO ALEGRE
DE VASCO MORGADO

com
ASSIS PACHECO, IRENE IS-
DRO, EUNICE MUÑOZ, HENRI-
QUE SANTANA, MARIA HE-
LENA, CARMEN MENDES,
HENRIQUE SANTOS, LÚCIA
MARIANI e HENRIQUE VIANA
RIR! RIR! RIR! RIR!

Cartaz dos Cinemas

TIVOLI
A's 3 e 6.15 da tarde
e 9.30
da noite
(M. 12 anos)
4.ª SEMANA
Anthony Quinn
num dos maiores
filmes de todos os tempos
BARRABAS
(Em rigoroso exclusivo)

ALVALADE
A's 15 (p. red.)
e 21.30
2.ª SEMANA
Telephone 76308
(M. 12 anos)
HATARI
Um maravilhoso novo mundo de diver-
timento
com John Wayne — Elsa Martinelli

SAO JORGE
A's 15.15, 18.15
e 21.30
M. 12 anos
3.ª SEMANA
O primeiro grande êxito do Ano Novo
Cinemascope — Colorido
OS 3 SARGENTOS
com Frank Sinatra — Dean Martin —
Sammy Davis Jr. — Peter Lawford
No programa: ALEGRIA PARI-
SIENSE — pelo Ballet Russo de Monte
Carlo.

CONDES
A's 15.15, 18.15
(p. red.) e 21.30
(M. 17 anos)
Telephone 322523
3.ª SEMANA
Êxito clamoroso da mais atrevida
comédia do ano...
CARÍCIAS DE LUXO
com Cary Grant — Doris Day
Eastmancolor e Panavision

ROYAL
A's 21 horas
(M. 12 anos)
ATLAS
Telephone 865037
O MONTE DOS VENDAVALS

CINEMA IDEAL
A's 21 horas
(M. 17 anos)
UMA TIA
DOS DIABOS
LADRÕES DE GADO

AVIS
A's 15.15, 18.15
e 21.45
(M. 6 anos)
2.ª SEMANA
Um filme cheio
de ternura e alegria
TOMBOLA
com a endiabrada MARISOL que canta
e encanta com a sua voz maravilhosa

SAO LUIZ
A's 15 e 18.15
(p. red.) e 21.30
(M. 12 anos)
Um filme colossal
2.ª SEMANA
Telephone 327172
HATARI
com John Wayne — Elsa Martinelli

POLITEAMA
A's 15.15 e 18.30
(P. r.) e às 21.30
4.ª SEMANA DO
MAIOR DOS
ÊXITOS
Telephone 326305
O grandioso e vibrante filme histórico
BARRABAS
com Anthony Quinn, Silvana Man-
gano e milhares de figurantes
TECNIRAMA (M. 12 anos)

ODEON
A's 15.15 e 18.15
(P. r.) e às 21.30
EM 3.ª SEMANA
DE LOTACÕES
ESGOTADAS!
A rainha do CHANTECLER
com a famosa SARA MONTIEL
A história de uma artista célebre
apaixonada por um rapaz humilde,
que desprezou o seu amor.
EASTMANCOLOR (M. 17 anos)

EDEN
As 15.30, 18.30
e 21.45
(M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Telephone 320768
A SEGUNDA MULHER
com Peter Sellers e Mai Zetterling
Entre duas mulheres, ele teve que
escolher uma...

RESTELO
A's 21.15
(M. 12 anos)
O SR. HOBBS
VAI DE FÉRIAS
com James Stewart e Maureen O'Hara

MONUMENTAL
A's 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
3.ª semana de um
grande êxito
Telephone 555131
Marlon Brando — Trevor Howard
Richard Harris
REVOLTA NA BOUNTY
A's 18.45 (M. 6 anos)
A BELA ADORMECIDA

IMPERIO
A's 15.15 e 21.30
(M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Um grande desem-
penho de
Jeanne Moreau
Telephone 555134

EVA
Um espectáculo do mais alto nível
artístico!

ROMA
A's 15.30 e 21.45
(M. 17 anos)
3.ª SEMANA
A mais sofisticada
comédia do ano!
Telephone 727778
Balcão 729192
CARÍCIAS DE LUXO
um grande «réveillon»

CAPITULO
A's 15 e 21 horas
(M. 17 anos)
MÃOS
CRIMINOSAS
As mãos mais satânicas do mundo
provocam uma vertigem de terror, an-
gústia e pesadelo!
Em complemento: OS MILIONA-
RIOS DE FILADÉLFIA.

LIZ
A's 21 horas
(M. 12 anos)
Telephone 48560
7 NOIVAS PARA 7 IRMÃOS
O AMOR SUBIU DE PREÇO

TERRASSE
A's 21 horas
(M. 17 anos)
Telephone 320917
PRISIONEIRO DA NOITE
UMA CERTA MULHER

CASINO ESTORIL
A's 17 e 21.30
(M. 17 anos)
O ANJO
DA VIOLÊNCIA
c/ Eva Marie Saint

Começaram os doutoramentos dos licenciados em Medicina

Melo do Rego e Teixeira Dinis

Na reitoria da Universidade de Lisboa começaram, esta manhã, as provas de doutoramento, em Medicina, dos licenciados srs. Jorge de Melo do Rego e Luís Teixeira Dinis.

O primeiro daqueles doutorandos começou a discussão e defesa da sua tese sobre o «Factor corporal interino em esterilidade e infertilidade» cerca das 10 e 30. Nos cadeirais reservados ao juri vieram os srs. profs. Toscano Rico, Candido de Oliveira, D. Pedro da Cunha, Mário Moreira, Jorge Horta, Salazar de Sousa, Almeida Lima, Xavier

A próxima lição do prof. Adriano Moreira

Depois de ter deixado o Governo, onde durante cerca de vinte meses exerceu as funções de ministro do Ultramar, o sr. prof. dr. Adriano Moreira retomou agora o seu lugar de professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, do qual é, também, director.

O sr. prof. Adriano Moreira, que lecciona, naquele estabelecimento de ensino, a cadeira de «História das teorias políticas e sociais», dá esta tarde, na Aula Magna do Instituto, a Junqueira, a sua primeira lição, após a saída do Governo.

A entrada é publica, em virtude de muitas pessoas terem manifestado o desejo de ouvir o antigo ministro do Ultramar.

MUITA GENTE ACERTOU NO TOTOBOLA

1749 agentes das Apostas Mutuas Desportivas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, incluindo 106 de Angola, intervieram nesta 16.ª jornada do Totobola que registou 3812336 apostas e uma receita bruta de 5718504 escudos.

A cada um dos dois prémios foram atribuídos 1315255 escudos, que, desta vez, beneficiariam mais de 2300 apostantes.

Houve 93 apostas com 13 resultados certos, dos quais 88 da Metrópole e 5 de Angola, e 2212 com 12 prognósticos certos, sendo 2072 do Continente e 140 de Angola.

A cada aposta com 13 resultados cabem 14142550; e os premiados em segundo lugar receberam 594560.

O prof. José da Silveira proferiu a primeira conferência do ciclo que fará em Portugal

O sr. prof. dr. José da Silveira, catedrático de Tisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade da Baía, que se deslocou ao nosso País, a convite do Ministério da Saúde e Assistência, proferiu esta manhã, no sanatório D. Carlos I, a primeira do ciclo de conferências que proferirá em Portugal.

Perante numerosa assistência, constituída na sua maior parte por especialistas, entre os quais se viam os srs. drs. Lopo Cancela de Abreu, director do Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos e Joaquim Nuno de Almeida, director do sanatório D. Carlos I, aquele catedrático falou sobre «Vacinação BCG por via oral».

Amanhã, com começo às 11 e 30, presidirá a uma mesa redonda sobre «Resistência Bacteriana» e sobre «Tratamento ambulatorio», que decorrerá no mesmo estabelecimento hospital.

COMECOU O INQUÉRITO

às causas do acidente
ferroviário de Alhandra

A comissão de inquérito às causas do acidente ferroviário de Alhandra, nomeada pela C. P. e constituída pelos srs. eng.ª Duarte Neves, Alves Ribeiro e Santos Carvalho, iniciou já a recolha dos elementos indispensáveis para averiguar se o desastre foi devido a deficiências do sistema de sinalização ou a qualquer falta de atenção do pessoal.

Entretanto, foi inteiramente normalizado o tráfego de comboios no local do acidente, tendo uma das locomotivas seguido, pelos seus próprios meios, para Campolide, onde será reparada.

Os prejuízos não são tão vastos como a princípio se supunha, pois apenas dois vagões ficaram destruídos: o furgão de «mercadorias» e o vagão da correspondência do «cortejo» do Porto.

O ministro das Corporações regressou da Madeira

Regressou esta tarde da Madeira, a bordo do paquete «Funchal», o ministro das Corporações, sr. prof. Gonçalves de Proença, que se deslocou aquela ilha para assistir aos festejos da noite de S. Silvestre e, ao mesmo tempo, para tratar de problemas relacionados com a habitação no arquipélago madeirense.

No cais da Rocha, onde o paquete atracou cerca das 16 horas, o sr. prof. Gonçalves de Proença foi cumprimentado por várias entidades e por muitos funcionários superiores do seu Ministério.

Aquele membro do Governo viajou na companhia do seu chefe de gabinete, sr. dr. Meneses Fontes, antigo delegado do I. N. T. P. no Funchal.

ORDEM DOS ADVOGADOS

COIMBRA, 7 — Efectua-se depois de amanhã, às 17 horas, no Palácio de Justiça, o acto de posse dos novos membros do Conselho Distrital de Coimbra da Ordem dos Advogados.

A posse será conferida pelo bastonário da Ordem, sr. dr. Pedro Pitta, que, em seguida, será homenageado com um jantar, no Hotel Astória.

PORTO PELO TELEFONO

O Douro está a subir

PORTO, 7.—Devido á chuva intensa dos ultimos dias, os águas do Douro estão a subir. Esta manhã, na Régua registavam-se 5,08 metros, com tendência para aumentar. A barra do Douro esteve fechada devido ao estado do mar.

Inauguração de uma nova fábrica

Com a presença do governador civil do Porto e de outras entidades, efectuou-se esta tarde a cerimónia da inauguração da fábrica Sitenor (Sociedade de Industrias Têxteis do Norte), á Rua Brito Capelo, em Matosinhos.

A nova unidade fabril, a que estão associadas a Ludlow Corporation, a C. U. F. e a Companhia de Fiação e Tecidos de Vendas Novas, dedicará-se á fabrico, para exportação, de tecidos de juta, com larguras de 4 e 5,5 metros.

A fábrica será benzida pelo sr. D. Florentino de Andrade, e Silva, administrador apostólico da diocese do Porto e, no final, será servida uma merenda aos convidados.

Colhida por uma furgoneta

Recolheu ao Hospital de Santo António, em estado grave, a sr.ª Maria Alice Leitão da Silva, de 26 anos, casada, moradora em Gondomar, a qual foi atropelada, em Rio Tinto, por uma furgoneta, conduzida pela sr.ª Ilda Julia Mesquita, residente na mesma localidade.

O funeral do major Oliva Teles

Causou grande consternação, nesta cidade, o falecimento do major Oliva Teles, cujos restos mortais ficaram hoje sepultados no cemitério da Maia.

O extinto, que contava 67 anos e era natural da Granja, foi um verdadeiro apaixonado pela aviação.

O primoroso lanché foi servido pela conceituada

CONFETARIA OLIVEIRA

Pr. Carlos Alberto, 105-107 — PORTO

A parte de construção civil da «SITENOR» esteve
a cargo da conceituada firma

SOARES DA COSTA, LDA.

Rua do Almada, 597-1.º — PORTO

De ontem para hoje

O CHEFE DO ESTADO visitou a Cruz Vermelha

A Cruz Vermelha Portuguesa, que, além da sua permanente acção humanitária, vem desenvolvendo amplo movimento de assistência moral, e do envio constante de lembranças, aos soldados no Ultramar, recebeu a visita do sr. Presidente da Republica. Acompanhado por sua esposa e por uma de suas filhas, e pelo sr. ministro da Defesa, também com a esposa, o Chefe do Estado foi recebido na sede da benemérita e prestigiosa instituição, pelos presidente e vice-presidente, srs. prof. Castro Freire e tenente-coronel dr. Maças Fernandes e outros dirigentes. D. Margarida de Moraes, presidente da Secção Auxiliar Feminina; D. Maria Amélia Pita e Cunha, presidente da secção de envio de encomendas para os soldados nas provincias ultramarinas, e outras senhoras. Recebeu o sr. almirante Américo Thomaz os agradecimentos pela visita, extensivos a sua esposa, que lhe foram dirigidos pelo sr. prof. Castro Freire; e, depois da missa, acompanhada a cánticos por senhoras enfermeiras da Cruz Vermelha, serviram-lhes um chá e a outros convidados.

O PERIGO NA ESTRADA

Vários desastres de viação, resultantes, em parte, do estado das estradas por motivo das chuvas e outros de imprevistos e imprevidências, e alguns de consequências trágicas, assinalaram o fim-de-semana tempestuoso. Num deles, no sítio do Freixo, na estrada perto de Tomar, morreu o sr. Carlos Ribeiro Marques, sargento da Armada, que viajava de automóvel, o qual foi de encontro a uma árvore, ficando gravemente ferida a esposa, sr.ª D. Elisa Máxima Marques, agora em estado grave no Hospital de São José, em Lisboa. Noutro acidente, no sítio da Quinta do Corvo, próximo de Oliveira de Azeméis onde a estrada estava coberta de geada, embateu um muro o automóvel em que regressava a Aveiro o governador civil do distrito, sr. dr. Manuel Ferreira Santos Lousada, que ficou ferido e veio para Lisboa, recolhendo aqui á sua residência, depois de tratado no Hospital de São José. O motorista, sr. Augusto Marques da Silva Reis, recolheu ao Hospital de Aveiro.

UM DRAMA à luz da candeia

No lugar da Carreirancha (Alqueidão da Serra), um incêndio consumiu todos os parques haveres de um pobre homem, o sr. Vitorino António dos Santos, de 77 anos, viúvo, que, para angariar a subsistência, se dedica a vender castanhas. O fogo irrompeu da humilde residência do triste, salvo pelos vizinhos, por ter caído sobre as roupas da cama um morrão da candeia de azeite que bruxuleava nas noites das suas angustiosas preocupações.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Capitão da Marinha Mercante Francisco Semedo



Capitão Semedo

Acometido de doença subita, o capitão da Marinha Mercante, sr. Francisco Alonso Janes Semedo, de 61 anos, foi transportado, ontem, da sua residência, na Rua Cidade Car. diff. 18, 2.ª, para o Hospital de São José, onde faleceu mais tarde.

Durante a primeira Grande Guerra, trabalhou, como praticante, primeiro na barca «Flores», (mais tarde navio-escola «Sagres», então ao serviço dos Transportes Marítimos do Estado) e depois nos paquetes, da Companhia Nacional de Navegação, «Moçambique» e «Nyassa», neste ultimo já como terceiro piloto. Em 16 de Agosto de 1930, entrou, pela primeira vez, para o serviço da Companhia Colonial de Navegação, como segundo piloto, no paquete «João Belo» e no cargueiro «Casseque»; como imediato no «Malange», no «Benguelas», no «Pátria» e no «Ganda» e, como comandante, nos cargueiros «Lunda», «Kionga» e «Sena».

Desembarcou, doente, em 16 de Maio do ano passado do navio «Benguelas», onde era imediato e estava a tratar agora da sua aposentação. Tinha as seguintes condecorações: «No Mar, 916-918»; «Medalha da Vitória»; e «Medalha comemorativa do esforço dos tripulantes da Marinha Mercante, 1939/45».

O extinto era natural de Lisboa e filho de Alexandre Semedo e de D. Adelinha da Conceição Janes Semedo.

ra vez, para o serviço da Companhia Colonial de Navegação, como segundo piloto, no paquete «João Belo» e no cargueiro «Casseque»; como imediato no «Malange», no «Benguelas», no «Pátria» e no «Ganda» e, como comandante, nos cargueiros «Lunda», «Kionga» e «Sena».

Desembarcou, doente, em 16 de Maio do ano passado do navio «Benguelas», onde era imediato e estava a tratar agora da sua aposentação.

Tinha as seguintes condecorações: «No Mar, 916-918»; «Medalha da Vitória»; e «Medalha comemorativa do esforço dos tripulantes da Marinha Mercante, 1939/45».

O extinto era natural de Lisboa e filho de Alexandre Semedo e de D. Adelinha da Conceição Janes Semedo.

EM 3 LINHAS

Foi autorizada a expropriação necessária para a ampliação do edificio da Camara Municipal do Seixal.

///

Foi nomeado vice-cônsul de Portugal em Hamilton o sr. Filipe da Paiva Macedo.

///

O dr. Francisco Maia de Abreu Lima foi nomeado secretário do ministro das Corporações.

///

Foi nomeado director de serviço dos Serviços Gerais de Clinica Cirurgica dos Hospitais Cívicos o sr. dr. Fernando Pais de Vasconcelos.

///

Lisboa-Las Palmas em Caravela

(Continuação da 1.ª página)

num esteticismo que define a essência da cultura atlântica e nas manifestações do sentimento popular com exuberante vibração emocional e inspirado lirismo.

*

As danças são cheias de movimento, harmonioso e colorido, admiráveis e ricas de sugestões nas atitudes plásticas; e os cantores têm as misteriosas e evocadoras ressonâncias do passado lendário e as sonoridades da vida estuante nestas paragens, os dolentes rumores das lubricas palmeiras, o murmúrio embalador do mar e os acentos doloridos ou as entoações heróicas da canção do trabalho nas plantações entre o impressionante assombro petrificado das montanhas calcinadas pelas lavas. É o amor á terra, apaixonado e enternecido, aquele apego do insular á pátria única, envolto em névoas de sonho, isolada no seu mágico encantamento, orgulhosa na sua rude imponência ou a sorrir aos rapapeitos dos jardins debruçados para a imensidade oceânica — lenda e história, quimera e realidade, mágoas ocultas e jubilos da alma, enlevo e desejo. Tudo isso nos vem bulir na sensibilidade e permanece na memória visual, surpreendendo nos desabafos espontâneos do povo ou quando uma voz quente de mulher, aveludada e meiga, languida e suplice, que se marea de mágoa e depois tem um pique de maliciosa alegria, se eleva do coro másculo e romântico, ondulando ao acompanhamento das guitarras e dos timbres (pequenas e típicas guitarras de quatro cordas), das quais parece escorrer um brando soluçar cristalino, lembrando, por vezes, a melopeia do fado. No rodopio dos *bailles cantados*, entre espumas de raias e fimbrias versicolores de saias esvoaçantes — eles também de saias, recordando-nos os pauliteiros de Miranda — ouvem-se castanholas, píffaros e pandeiretas, numa sugestão alardeante de espanholismo.

O nosso amável e esclarecido companheiro *isleño* acentua as «correlações históricas y estéticas» na expressão folclórica como valor da cultura insular e pensa, á maneira de Maximiano Garcia Venero, «que en las islas hay un genio popular creador de su propio folklore; ta vasto e bello, a través de asimilaciones que han emplazarse a partir de la conquista». Fala-nos, a propósito, dos «Cantares Canarios», que «son la perenne rapsodia del país», e do seu autor, Teobaldo Power, «máxima figura de la música canaria», artista nascido no século passado em Santa Cruz de Tenerife. E, sempre gentil para com o visitante, acrescenta que o famoso compositor, mestre de piano no Conservatório de Madrid, consagrado na Europa e na América, foi pianista de câmara do rei de Portugal.

*

Na companhia desse afável e lúcido amigo e dos hospitaleiros edis, percorremos o burgo, que se nos oferece na plenitude ostensiva e no intimismo dos seus encantos, nos recolhidos lugares das tradições e nas amplitudes da modernidade, com tudo aquilo que é vibração humana e a alma das cidades. A devoção pelas coisas do espírito traduz-se, como dizemos, em simples e cativantes pormenores da grácil e poética singularidade de que se exorna e no exaltador apreço dos valores intelectuais, perpetuando-os em manifestações vivas com o poder da sugestão envolvente, a predominar sobre os anseios e as inquietações de existência quotidiana. Por toda a parte se ostentam essas demonstrações de orgulhoso sentido dignificador dos expoentes da «cultura e da estética insulares», avultando a presença dos «criadores máximos» mais saliente, em Las Palmas, como é natural, a dos gran-canarios, tais os grandes poetas Bartolomé Cairasco Figueiroa, evocado por Cervantes; Alonso de Suesada (pseudónimo de Rafael Romero), um precursor, e Tomás Morales, «poderosa voz» da modernidade; o formidável pintor Nestor de la Torre ou Benito Pérez Galdós, célebre novelista e dramaturgo, «máximo creador literario del Archipiélago».

Não são, contudo, apenas os lédimos representantes «idealismo insular» glorificados em monumentos, através da difusão das suas obras ou nas instituições que constituem focos de cultura para o desenvolvimento e prestígio das letras, das artes e das ciências, mas outros altos espíritos cuja influência contribuiu para o florescimen-

to e a expansão dessa «cultura isleña», desde os jesuítas até os intelectuais insubmissos que, no século XVIII, foram desterrados para as ilhas e impulsionaram a renovação da sua mentalidade. Bairros, avenidas, praças e ruas ostentam nomes gloriosos de cientistas, escritores, poetas e artes, da Gran Canaria e de todas as ilhas do arquipélago, da hispanidade e, também, da universalidade do pensamento. Assim, por exemplo, na toponímia cidadina figuram nomes como os de Galileu, Tolstoi, Victor Hugo, Pascal, Kant, Beethoven ou Lord Byron. O nosso solícito companheiro indicou-nos a *Calle de Portugal*, que corre cerca da famosa praia de las Canteras, e disse-nos de outras sugestões portuguesas ligadas á história e á cultura insulares.

*

Junto á foz do rio Guiniguada, hoje seco e que parece uma torrente de seixos vulcânicos, correndo por um barranco ladeado de palmeiras, eucaliptos e gerânios, fica o velho *Bairro de Vegueta*, célula primitiva da urbe contemporânea e que conserva o carácter do aglomerado colonial, do tempo da sua fundação, após a conquista pelos espanhóis, no declinar do século XV. Nas ruas sossegadas que descem para o mar alinham as casas de dois andares no puro *estilo canario*, a cujas fachadas a pedra calcinada cinzento-azulada dá um efeito especial, refinado pelo cinzel de artistas anónimos e sob o arrendado branco da cal. Os *balcones*, alguns em madeiras preciosas, e as gelosias foram admirável conjunto, pomposo com um vago mistério perfumado de poesia.

Nessas bonitas e românticas varandas são contelações de flores, que enrubescem debruçadas de açoteias ao jeito árabe e sorriem nos pátios com palmeiras, tenras e coloridas verduras e o rescedor de *naranjos*. Aqui se ergue a catedral, que encerra no seu tesouro peças de joalharia de religiosa de Benvenuto Cellini, uma tela famosa atribuída a Goya, um Cristo magnífico do imaginário Luján Pérez, artista rustico com a fanha do génio dos Carristas de Tañaga.

Por ali cerca ficam alguns dos principais centros de cultura. O *Museu Canario*, já referido, que dá notável contributo para o conhecimento da história do arquipélago e também do homem de todas as raças, através de vários instrumentos de estudo e investigação científica. Aí se reconstitui, com o mobiliário original, o quarto onde morreu Pérez Galdós, nascido no

Barrio de Triana em Las Palmas. Junto á margem esquerda do ressequido Guiniguada, que vai ser aterrado segundo o plano de urbanização, ergue-se o teatro municipal com o nome do grande escritor. As belas decorações do foyer, dedicado a Saint-Saëns, são de Néstor de la Torre.

O palácio dos antigos governadores foi transformado na *Casa de Colón*, que reúne valiosas colecções de documentos históricos e onde se incluem os Museus Colombino e de Belas-Artes, com depósitos cedidos pelo Museu madrilenho do Prado, e onde se instalará o Instituto Colombino de Cultura Hispânica. A actividade cultural inclui bolsas de estudo no estrangeiro. No magnífico e original conjunto arquitectónico, inspirado na arte colonial espanhola, admiram-se os formosos pátios de armas e o principal, á entrada, com a sugestão de uma tela escorrendo tintas frescas e rutilantes. Em frente, a *Ermida de San Antonio Abad* aonde ia orar Cristóvão Colombo.

*

No *Pueblo Canario*, exemplo curiosíssimo da *arquitectura isleña*, realização de um sonho amorável de Néstor de la Torre, há, também, um museu que guarda parte da obra do extraordinário artista: a simbologia mitológica do mar, as alegorias ás fontes da vida, irrompendo o forte e luminoso amor humano, com todo o poder criador, de entre as forças genésicas da Natureza, e a preciosa galeria de tipos e costumes do folclore canário. Há um *bodegón*, restaurante típico, exposição e venda de artigos do artesanato e de pássaros e no pátio castiço exibem-se danças e cantares do expressivo folclore, em elevado nível artístico e interpretativo. Próximos, um *Zoo* e um *Aquarium*; e nesse Parque Deorama, o famoso *palace* Santa Catalina, onde propiciaram aos visitantes portugueses uma autêntica «noite de milionários», assistiu-se, também, a um festivo espectáculo folclórico, que culminou pela apresentação de um artista extraordinário, Emilio Anguita e seu bailado, em surpreendentes atitudes plásticas na espectacularidade dramática do *flamenco*.

A larga actividade cultural, literária e artística tem ainda outros centros importantes e realizações de larga projecção e afluência de estrangeiros, tais os cursos de extensão universitária, da Primavera e do Verão, célula da futura Universidade da Gran Canaria, havendo já a Universidade em La Laguna (Tenerife), á altura das exigências modernas e com importantes



Danças e cantares do sugestivo folclore isleño no pátio típico do «Pueblo Canario»

centros de estudos diversos, que se ampliam pelo arquipélago, para o qual difundem quatro emissores de rádio, dois em Tenerife e dois em Las Palmas, onde, além de recintos para funções teatrais e diversões várias, incluindo clubes nocturnos, se contam mais de vinte cinemas. O reclamado filme «O dia mais longo» foi apresentado num deles, em fins de Dezembro, antes de o apreciarem algumas capitais europeias. E prepara-se a instalação nas ilhas de uma estação de TV.

*

Do Guiniguada para o Norte se estendeu a cidade moderna que passa pelo casquilho Bairro de Triana, com a rua principal coruscante de estabelecimentos comerciais, os jardins de San Telmo, á direita, um parque em terrenos conquistados ás águas e em cuja extensão nasce a *Cidade do Mar*, que se prolonga pela avenida do mesmo nome, também onde antigamente subiam as marés.

A urbe cresceu e foi-se alongando pelo istmo de Guanarteme, outrora coberto de areias trazidas pelo vento do deserto africano e submerso pela enchente, até ir esbarrar nos morros da *Isleta*. Nessa estreita faixa de terra irromperam os jardins e as moradias que formam a *Cidade-Jardim*, os bairros de Alcaraveneras e de Guanarteme. Lá do fundo da cidade antiga até os limites do moderno aglomerado para os lados do *Puerto de la Luz* são uns nove quilómetros á beira do mar. Por isso, de quando em quando, se vê, alçado em terrenos sobranceiros á artéria de turbilhante trânsito, que corre por entre procissões de palmeiras e cortejos de flores, algum navio a sobressair do muro. Segue grande parte do percurso a imensa Avenida León y Castilho, jornalista e preponderante figura liberal, que foi o impulsor da construção do porto. E são piscinas, estádios, recintos de variados desportos e os hotéis debruçados para o mar, do qual vivem enamorados os bairros populares, chamados *Riscos*, e os novos bairros operários, que sobem, como o de *las Escaleritas*, de onde se abarcam formosos panoramas. Por toda a parte manchas da nova e ousada arquitectura. Um exemplo é a igreja da Senhora das Dores, onde o modernismo da arte, de uma originalidade que ofusca a tradição da arquitectura religiosa mas é tocada de um sopro poético que a espiritualiza.

Por esses bairros fora é a embriaguez da cor e do perfume das flores num cromatismo faiscante em que refulge o ouro das laranjas, enquanto ardem vermelhos em labaredas nas fachadas, alternando em cambiantes de verdes e azuis re-tintos e alvuras de cal moirisca. O escarlate vivo irrompe, insistente e gritante, e toda a gama do arco-íris se reflecte na *Calle Martin Gomez*, bairro de gente laboriosa, a quem o trabalho garante desafogo e estabilidade social. São casas modernas, alegres, num tipo de construção de risonho pitoresco, com certo sabor de espanholismo

na estilização inovadora do estilo local. Varandas, num género curioso, espécie de frisas abertas para o palco da vida que ali passa cantando e bailando, parecem sempre engalanadas por colgaduras, das quais se derramam por mil recortes circulares molhos de flores pedindo beijos ao Sol. E o festival de cor e de luz alastra pela rua inundada de sa alegria e vibra por todo o bairro.

*

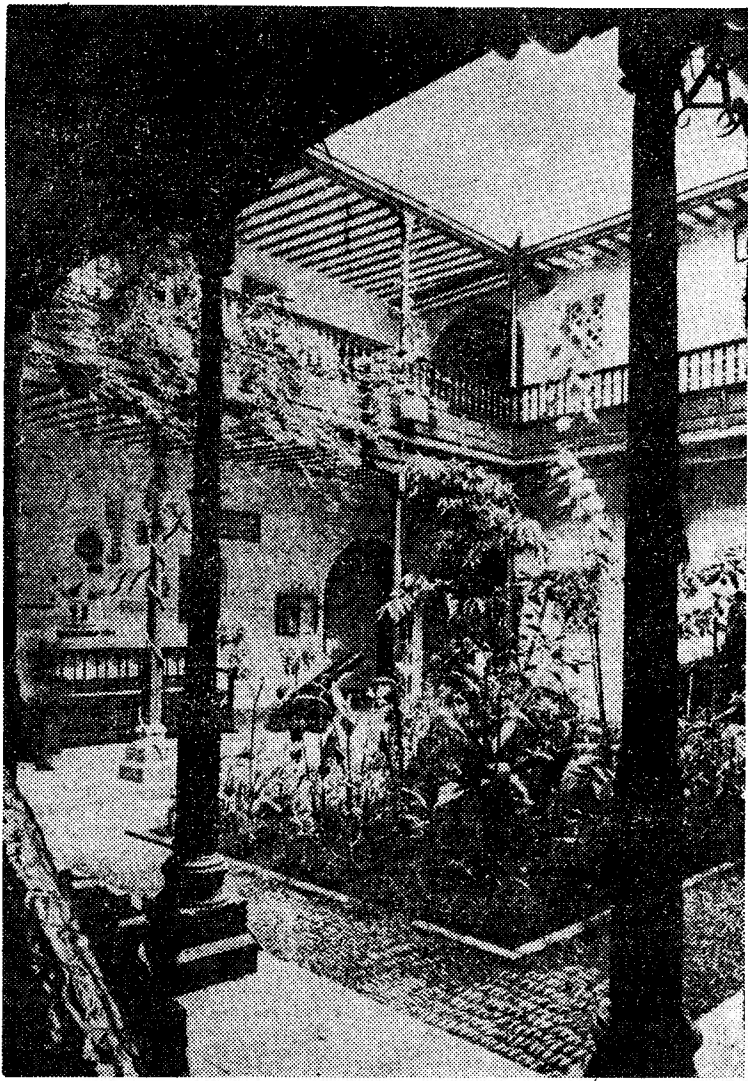
O cenário, embebido das mesmas tintas refulgentes com variantes no relevo do casario, o qual se espeveita num ou noutro amontoado de *rasca-cielos*, querendo pendurar-se nos cornos da Lua, vai-se desenrolando para as bandas do porto, a franjar-se de espumas nas praias onde caçadores submarinos espadanham nas águas rasgadas pelos esquiadores aquáticos e esculturais sereias enlanguescem ás carícias do Sol, das ondas e dos olhos que as cubicam. Os pródigos e os des- preocupados turistas, que enchem os salões do *Metropol* e das aristocráticas *residências* á beira-mar nas noites reluzentes, repartem o dia entre saltos nas piscinas e mergulhos no tépido azul oceânico nessas famosas praias de *las Alcaraveneras*, de três quilómetros, voltada para os molhos, ou de *las Canteras*, com outro tanto de comprimento, onde uma correnteza de recifes quase á flor da água forma, á distancia de 200 metros, imensa e espelhante banheira, e que tem servido para a rotação de filmes, entre os quais «*Moby Dick*», com Gregory Peck.

*

Na zona do porto é a multidão de gente de toda a parte, a azáfama nos cais, o rodopio a entrar e a sair em lojas, mercados e bazares. Cada um a falar a sua língua, é a confusão de *Babel*, mas todo o mundo se entende. A sinfonia do trabalho e o rumor de turba misturam-se numa entoação conhecida em qualquer lugar ribeirinho. E ali, também, á volta dos cais de Las Palmas se ouvem espontâneos poetas *isleños*.

Aconteceu-nos numa noite, vestida cidade de claridades multicores para as festas do Natal, quando, encavalitados ao balcão de uma das tabernas-bars, próximo das docas de pesca, não longe de uma fonte luminosa e do Castelo da Luz, reduto do século XVI contra o assalto dos piratas, aconteceu-nos, que, enquanto fomos provando a típica *guidilla* e o *vino Malvasia*, sem a excelência do Porto e do *Madeira*, mas celebrado por Ssakepeare em «As alegres comadres de Windsor», o taberneiro nos recitava poesias, com a ressonância do mar, de «Las Rosas de Hércules», de Tomás Morales; depois, com intuição galhofeira e picante, episódios do «Don Quijote de la Mancha», evocando passagens certinhas da biografia de Cervantes; e, para li-sionear o orgulho do forasteiro, épicos e formosos versos de Camões...

CÉSAR DOS SANTOS



O belo e sugestivo pátio, á entrada da «Casa de Colón», tela que escorre tintas frescas e rutilantes

A tragédia de MARILYN MONROE

por FERNANDO PINTO CARNEIRO



HOLLYWOOD, Janeiro — Marilyn tinha 16 anos quando o casal que a alojava como pupila decidiu partir de Los Angeles, sujeitando-a ao risco de ser interna de novo no orfanato. Para escapar ao orfanato — e segundo ela disse, «apenas por essa razão» — resolveu casar.

O rapaz que escolheu era da vizinhança, tinha 21 anos e o curso dos liceus, era alto, muscular e popular com as raparigas. Operário numa fábrica de aviões, chamava-se Jim Dougherty.

Com um mínimo de demora, o casamento realizou-se às 8,30 da noite de 19 de Junho de 1942, na espaçosa residência de um amigo do noivo, em West, Los Angeles.

A noiva, que vestia de branco e tremia de medo, passou a chamar-se Norma Jean Dougherty.

Um dia, Norma Jean Dougherty seria Marilyn Monroe — ser mítico, símbolo de feminilidade e rainha do Cinema de Hollywood, a mulher que mais cartas recebia (5000 por semana), a mais fotografada, a mais discutida.

Mas isso — fama, riqueza, esplendor — era invisível na neblina do futuro. Apenas o presente era visível e consistia de um marido e dos afazeres como dona da casa situada na Rua Vista Del Monte, 4524, no bairro de Van Nuys, em Los Angeles.

Jim Dougherty, hoje polícia de motocicleta em Los Angeles, recorda que a esposa «era uma maravilhosa governanta e não tinha no corpo um osso preguiçoso. Cezia meias e cosia botões como uma exímia dona de casa».

Pensava que ela o adorava

Jim pensava que a mulher o adorava. Por vezes ela exclamava:

— Jim, se tu um dia me deixas de amar, irei a Santa Mónica saltar do cais.

Desvanecido, ele ria muito e exclamava:

— Não podes variar e escolher outro cais?

Jim não adivinhava que as palavras da esposa traíam um profundo complexo de insegurança — herança de uma juventude em que fora atirada de residência em residência, como uma bola de futebol, sem afecto e sem o amor dos pais.

Norma Jean manifestava o seu amor de outra forma — escrevia pequenas notas de ternura e colovava-as entre as sanduiches de galinha e queijo que o marido levava para o trabalho.

Jim trabalhava na fábrica Lockheed, no turno da noite. Lia essas notas ao tocar da meia-noite — e os seus olhos luziam. Recordava-se ainda de uma nota:

«Meu marido mais querido: ao leres isto estares a dormir e a sonhar em ti. Amor e beijinhos. O teu fiel bebé, Norma Jean».

Toma posse depois de amanhã o novo chefe do Estado-Maior da Armada

Efectua-se depois de amanhã, ao meio-dia no gabinete do ministro da Marinha, o acto de posse do novo chefe do Estado-Maior da Armada, sr. vice-almirante Armando de Roboredo, chamado a desempenhar as mais altas funções daquele ramo das Forças Armadas, em virtude de o sr. vice-almirante Sousa Uva ter atingido o limite de idade.

A posse será conferida pelo sr. almirante Fernando de Quintanilha, e assistirão ao acto altas patentes da Armada.

Terminada aquela cerimónia, o sr. vice-almirante Armando Roboredo dirigirá-se ao Estado-Maior, onde assumirá as suas novas funções.

Nessa ocasião a oficialidade da Armada despedir-se-á do sr. vice-almirante Sousa Uva.

Governador de Cabo Verde

Em virtude da partida do avião do «Voo da Amizade» ter sido adiada, só segue amanhã, às 13 horas, para Cabo Verde a fim de assumir as suas funções, o novo governador daquela província, sr. comandante Sacramento Monteiro.

Ela tinha então 16 anos. Na arte de agradar ao marido era certamente precoce.

Um dia, a dedicada esposa confiou ao marido uma ambição — desejava ser estrela em Hollywood.

— És doida — explodiu Jim, sentindo a paz do seu lar ameaçada. — Estás a sonhar. Há milhares de mulheres belas, muitas com experiência no teatro e com habilidade para cantar e dançar, e não conseguem ser reconhecidas pelos estudiosos. E tu o que sabes?

Obtém um divórcio

Pouco depois, Jim alistou-se na Marinha Mercante dos Estados Unidos. Norma Jean arranhou emprego numa fábrica de armamentos. O casal nunca mais se reuniu. Em Outubro de 1946, com o marido ausente no estrangeiro, Norma Jean obteve em Reno, Nevada, um divórcio.

Tinha então 20 anos. — O meu casamento — comentou anos mais tarde — não me trouxe felicidade nem mágoa. O meu marido e eu raramente nos falávamos. Não era que estivessemos zangados. Nada tínhamos a dizer.

Esse ano foi para ela decisivo. No ano anterior, em 1945, deixara o emprego para se matricular em Hollywood numa escola de manequins e modelos. Embora não possuísse os 100 dólares necessários para pagar o curso, a dona da escola, Emmeline Snively, deu-lhe crédito.

Norma Jean estudou com paixão. Em breve, enquanto estudava, a sua fotografia começou a ilustrar as páginas de revistas. Os 100 dólares foram pagos.

— Era a que mais trabalhava — recorda miss Snively. — Nunca faltou a uma aula. Deixou o seu emprego sem nada excepto a sua ambição e a minha fé nela. Fazia o que nunca vi outro modelo fazer. Estudava durante horas as suas fotografias e perguntava aos fotógrafos: «Que erro cometi nesta? Esta não saiu bem porquê?» Os fotógrafos diziam-lhe — e ela não repetia o erro. Os fotógrafos gostavam dela porque era cooperante e aceitava bem as instruções.

Um desses fotógrafos, Earl Theisen, lembra-se que Norma Jean estudava minuciosamente a moderna edição do monumental livro publicado em 1543, *De humani corporis*, de Andreas Vesalius, o pai da anatomia.

Perguntei-lhe a razão do livro e ela respondeu que estudava a anatomia humana e a estrutura dos ossos. O corpo, disse, faz o que os ossos fazem. As páginas do livro estavam todas marcadas. Estudava a sua profissão cientificamente.

Na capa de 5 revistas

Em 1946, a fotografia de Norma Jean Dougherty ilustrava inúmeros magazines. Num só mês apareceu na capa de cinco.

Em Agosto desse ano, Miss Snively recebeu uma chamada de telefone da RKO-Rádio Pictures, da parte de Howard Hughes, o «descobridor» de Jane Russell. Hughes desejava submeter o modelo a uma prova em filme (screen test).

Essa era a prova por que ansiavam todos os que aspiravam, em Hollywood, a uma carreira cinematográfica.

Miss Snively entende que o assunto era importante de mais para ser discutido por ela. Na feroz, impiedosa competição de Hollywood, era imprescindível obter primeiro um agente.

Um agente ganhava 10 % da comissão sobre a remuneração bruta da actriz, mas em troca especializava-se em obter as condições mais vantajosas sobre salário ou contrato com o estúdio.

A agente escolhida, Helen Ainsworth, uma mulher sagaz, imediatamente justificou a sua comissão de 10 % ao telefonar não à RKO e Howard Hughes mas a um estúdio rival — a 20th Century-Fox.

Helen desejava usar o interesse RKO como poderosa alavanca para criar maior interesse na Fox. Era um estratagemma, mas na selva de Hollywood triunfava-se por meio de ardis e sangue frio.

Norma Jean Dougherty, a pupila de um orfanato e 12 lares, não podia adivinhar que em breve, como por vara mágica, se transformaria em Marilyn Monroe.

A SEGUIR: «Inacreditável», disse o homem da Fox. «Ela é um fogo!» Mas um ano mais tarde o contrato foi rescindido.

Os nossos centros rurais não dispõem de condições que proporcionem nível de vida atractivo ou que facilitem a criação e circulação de riqueza — afirmou hoje o dr. Nunes Barata, na Assembleia Nacional

Recomeçaram esta tarde os trabalhos da segunda sessão da VIII legislatura da Assembleia Nacional, que principiou a discussão do aviso prévio apresentado pelo sr. dr. Nunes Barata, deputado pelo círculo de Coimbra, sobre «O aproveitamento das potencialidades económicas do rio Mondego».

Presidiu o sr. prof. Mário de Figueiredo, secretário pelos srs. drs. Cid Proença e Folhadela de Oliveira, e compareceram cerca de setenta deputados.

O aviso prévio, que deverá ocupar os trabalhos da Assembleia durante cinco dias, foi aberto com uma longa intervenção do sr. dr. Nunes Barata, que fez uma análise aos problemas económicos e sociais dos distritos de Coimbra, Viseu e Guarda.

O orador começou por justificar a oportunidade de se retomar a apreciação de um problema, cuja importância é primordial para a vida e progresso de grande numero de portugueses.

Depois de sublinhar a posição modesta que Portugal ocupa no conjunto das economias da Europa Ocidental, disse que minimizar a importância do esforço que o desenvolvimento económico-social nos impõe será uma atitude incoerente. E acrescentou:

«Considere-se, no entanto, que o nível médio de vida, no Continente, corresponde a cerca de um terço do dos países industrializados da Europa e a um sexto dos Estados Unidos. Atente-se na flagrante desigualdade na repartição dos rendimentos. Observe-se finalmente a modéstia de alguns dos índices do nosso crescimento. Tudo permite concluir pela magnitude de uma tarefa que ainda se nos impõe, até para evitar que sejamos ultrapassados por países ainda ontem menos evoluídos do que Portugal».

Prosseguindo, o sr. dr. Nunes Barata afirmou que os verdadeiros obstáculos ao desenvolvimento económico residem fundamentalmente nos homens e nas suas realizações. E perguntou:

«Temos nós um conhecimento completo das riquezas do subsolo português? Fizemos tempestiva e ordenadamente o aproveitamento das potencialidades hidroeléctricas dos nossos rios? Soubemos adaptar as montanhas a uma economia florestal, cujas possibilidades hoje em dia se multiplicam? Estivemos atentos à direcção dos investimentos, optando pelos de maior produtividade? Preocupamo-nos com um equilíbrio regional nas forças produtivas e consequente distribuição de riqueza?».

Movimento de população e localização das actividades

Aquele deputado referiu-se, então, aos movimentos de população e localização das actividades, dizendo que a actual situação do País, quanto a esses movimentos, se pode sintetizar nestes termos:

«Acentuado êxodo rural, mormente nas regiões montanhosas do interior, com abandono da agricultura; desequilibrada distribuição de pessoas e actividades secundárias e terciárias com notórias concentração em alguns distritos do litoral, os quais dispõem de um esquema de infra-estruturas mais completo; crescimento desmedido das cidades de Lisboa e do Porto, e respectivas zonas satélites, regiões que detêm alta percentagem do potencial económico da Nação; e ausência de centros populacionais ou polarizadores de relevo, para lá de Lisboa e do Porto, que contribuam para um melhor ordenamento espacial e eliminem o contraste flagrante entre estas duas capitais e o resto do País».

Justificou, depois, em pormenor, as suas afirmações, acentuando que as razões do êxodo rural são fundamentalmente determinantes da inexistência de um mínimo de melhoramento e serviços públicos.

RELÓGIOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência

GRANDE OURIVESARIA

D'A MODA

RUA DA PRATA, 257

das crises da agricultura e do deficiente aproveitamento de recursos disponíveis.

Afirmou, a propósito: «É indiscutível que uma boa parte dos centros rurais não dispõem de um mínimo de condições que proporcionem aos seus habitantes um nível de vida atractivo ou facilitem a criação e circulação de riqueza. Exemplifique-se com as reconhecidas carências em matéria de viação rural, abastecimento de águas e electrificação. Toda esta ausência de comodidades se revela



Um exemplar premiado em certames anteriores, apresentado pela sua dona

Haverá prémios para classes individuais e classes colectivas na Exposição Canina Internacional de Lisboa

A próxima Exposição Canina Internacional de Lisboa, que se realizará nos dias 26 e 27 do corrente, além de ser um curioso e pitoresco confronto de raças, não deixa de ser também uma parada de elegância e distinção. É, na verdade, um acontecimento a que Lisboa se habituou todos os Invernos, fazendo parte do seu calendário mundano, cada mês e cada ano mais variado e sugestivo. Constitui, igualmente, um índice de civilização, na medida em que se procura exteriorizar o carinho e a admiração por um animal que, através dos tempos, foi sempre um dos mais fiéis companheiros do homem.

São inúmeros os prémios a atribuir aos melhores exemplares, salientando-se, todavia, as taças de honra e especial, e as medalhas douradas e prateadas. Os cães serão apresentados em classes individuais e classes colectivas. As primeiras dividem-se em classe de cachorros (mais de 6 e menos de 12 meses de idade); de juniores (mais de 6 e menos de 20); aberta (sem restrição de idade); dos não premiados (destinada aos exemplares de ambos os sexos que ainda não tenham obtido qualquer taça); de estereantes (exemplares que concorram pela primeira vez a Exposições de Campeonato); de reprodutores (com mais de 3 anos e três filhos); e de veteranos (mais de 7 anos e premiados já). As classes colectivas compreendem casais, trelos, grupos, matilhas e ninhadas.

Os boletins de inscrição, devidamente preenchidos e assinados, deverão ser entregues no Clube Português de Canicultura (Praça D. João da Camara, 4, 3.º), até 12 de Janeiro, das 17 e 30 às 20 horas.

igualmente na vida familiar. Os elementos relativos ao inquérito sobre as condições de habitação promovido em 1950 são por exemplo elucidativos. No conjunto dos distritos rurais 94 por cento das famílias não dispunham de casa de banho, 80 por cento de electricidade ou água canalizada, mais de 75 por cento retrete e mais de 70 por cento esgoto ou fossa».

A situação do agricultor e do assalariado rural

Continuando, o orador aludiu à situação do agricultor, resultante da diferença entre os preços dos produtos agrícolas e os salários rurais e dos desequilíbrios na evolução dos preços dos produtos agrícolas e dos produtos industriais utilizados na agricultura.

E acentuou: «Os assalariados na agricultura, por seu turno, ressentem-se com a instabilidade no emprego, a ausência de esquemas de segurança social e um certo desajustamento entre os salários rurais e as modalidades de salários industriais».

O sr. dr. Nunes Barata ocupou-se, depois, do problema da divisão industrial do País em três regiões, dizendo que a desproporção entre o conjunto de Lisboa e do Porto e o resto do Continente assume aspectos graves.

Apontou a necessidade da valorização da vida local portuguesa, através de uma política de melhoramentos rurais, como sejam o abastecimento de água, a construção de escolas primárias e o estudo e execução de esquemas de planeamento regional.

Referiu-se, depois, à política de reconversão justificada pela existência de desemprego industrial ou por exigências de transformações profundas nos sectores produtivos; à promoção regional baseada, além do mais, na existência de recursos inaproveitados; e à organização do território, contrariando a excessiva concentração e permitindo um equilíbrio na distribuição de pessoas e actividades que se projecte favoravelmente, não só no sector económico, mas, ainda, nos domínios demográfico, social e político.

O aproveitamento da bacia do Mondego

Seguidamente, aquele deputado afirmou que o planeamento de Lisboa só atingirá aquele grau de utilidade indispensável ao equilíbrio do País se se definir igualmente um plano nacional onde se integrem e coordenem os esquemas de desenvolvimento regional; e disse que estudos oportunos permitiriam concluir pela aptidão da bacia hidrográfica do Mondego para um esquema de planeamento regional, estando-se em presença de uma feliz realidade que, desde já, se oferece ao País, até para evitar os inconvenientes políticos, económicos e sociais da concentração verificada nas regiões de Lisboa e do Porto, nas últimas décadas. E acrescentou:

«Nesta segunda parte da minha intervenção, e depois de uma ligeira referência geográfica à bacia do Mondego, partirei de uma análise das condições económico-sociais dos distritos de Coimbra, da Guarda e de Viseu. Desenvolverei, seguidamente, o que julgo mais essencial relativamente às potencialidades económicas que se apoiam no Mondego. E depois de falar das estruturas indispensáveis ao êxito do aproveitamento e de outros apoios que reputo complementares para o sucesso do esquema regional oferecerei a consideração da Camara

(Continua na 11.ª página)

NOVAS INSTALAÇÕES COM

ROBBIA

R. CONDE DE REDO

Telefones 538861 (10 linhas)

dem
ractivo
riqueza
cional

familiar. Os
inquérito so-
abitação pro-
por exemplo
nto dos dis-
das fami-
casa de ba-
electricidade
ais de 75 por
70 por cen-

agricultor
rural

or aludiu á
resultante
preços dos
salários ru-
na evolu-
produtos agri-
industriais uti-

agricultura,
em-se com a
go, a ausên-
segurança so-
tamento en-
as modali-
driais».

a ocupou-se,
a divisão in-
três regiões,
porção entre
e do Porto
e assume as-
de da valori-
portuguesa,
a de melho-
sejam o
a construç-
e o estudo
de planea-

política de
da pela imi-
industrial ou
transformações
produtivos;
aseada, além
de recursos
ganização do
a excessiva
nitindo um
ção de pes-
e projecte
ó no sector
nos domi-
l e político.

da bacia
o
de deputado
ento de Lis-
grau de uti-
o equilíbrio
igualmente
de se inte-
esquemaz de
nal; e disse
permitiram
da bacia hi-
para um es-
o regional,
de uma fe-
já, se o fe-
evitar os in-
económicos
ção verifica-
pa e do Por-
s. E acres-

de da minha
e uma lige-
a bacia do
uma análise
o-sociais dos
da Guarda e
rei, seguida-
is essencial
encialidades
am no Mon-
das estru-
o êxito do
utros apólo-
ares para o
regional ofe-
da Camara

pagina)

ATALAÇÕES COMERCIAIS DA
BIALAC
E DE REDONDO, 46
8861 (10 linhas) LISBOA



O desfile dos soldados após o desembarque

Regressaram à Metrópole três companhias de caçadores vindas de Angola

Eram precisamente 8 e 10 quando atracou à Rocha do Conde de Óbidos o paquete «Uíge». A essa hora, tanto a estação marítima como o largo confinante com o cais se encontravam repletos de gente. Percebia-se pelos seus trajos que muitas pessoas eram da província. Homens humildes e mulheres com os olhos marejados de lágrimas. Foram ali para ver chegar um contingente de forças do nosso Exército, que regressava à Metrópole, vindo de Angola, depois de ter cumprido a sua missão, durante dois anos, naquela província ultramarina.

O «Uíge» trouxe, além de passageiros comuns, os 431 homens que formam as três companhias de caçadores, de que fazem parte militares de Viseu, Setúbal e Évora.

O desembarque efectuou-se às 9 e 30 e as forças formaram em parada defronte de uma pequena tribuna, onde se encontravam, para lhes dar as boas-vindas, os srs. generais Matos Maia, vice-chefe do Estado-Maior do Exército, que também representava o ministro daquela pasta, e Mário Silva, director da Arma de Infantaria.

Ao lado, a banda de musica de Caçadores 5 entoou o Hino Nacional e marchas militares, após o que o sr. general Matos Maia proferiu uma alocução. Começou por dizer: «Tenho o prazer de vos dar as boas-vindas, em nome do ministro do Exército, neste vosso regresso à Metrópole e depois de terdes cumprido o vosso dever durante cerca de dois anos, nas nossas terras de Angola. Como alguns de vós, fiz viagem para Luanda nos primeiros dias de Abril de 1961, mas, enquanto eu ficava na capital angolana, cumprindo a minha missão de estudar a organização militar á retaguarda, que vos devia apoiar, mal tive tempo de sobrevoar as regiões, então desertas, do nosso Congo, onde os terroristas cevavam a sua fúria no sangue inocente de centenas de vítimas, nesses trágicos dias de Março. Vós estáveis no cumprimento da missão mais nobre e mais ariscada: a de defender, com o vosso suor e, quantas vezes, com o vosso sangue, o solo da querida Pátria, que tanto se estende do Minho ao Guadiana como do Zaire ao Cunene».

E acrescentou: «Dessa missão vos desempenhastes bem: uns, nas florestas de Cabinda, outros, na fronteira, norte do Congo, Maquela, Mandimba e S. Salvador, assegurando a defesa dos centros vitais de Carmona e Negage. Outros vos substituíram e, por isso, podeis estar seguros de que a vossa obra prosseguirá sem desfalecimentos».

«Dessa missão vos desempenhastes bem: uns, nas florestas de Cabinda, outros, na fronteira, norte do Congo, Maquela, Mandimba e S. Salvador, assegurando a defesa dos centros vitais de Carmona e Negage. Outros vos substituíram e, por isso, podeis estar seguros de que a vossa obra prosseguirá sem desfalecimentos».

lecimento. De volta ás vossas aldeias, podeis dizer, com orgulho, aos mais velhos e aos mais novos que vistes outro céu e outras gentes e que nas terras, de onde vindes, ajudastes a consolidar os alicerces de um Portugal maior».

Nesta altura, a banda de Caçadores 5 tocou a sentida, ouvindo-se, também, as sireias do navio, seguindo-se o desfile dos 431 militares que, ao fim da tarde, seguirão para as suas terras. Entretanto, deram-se os primeiros abraços e havia contentamento em todos, especialmente nos que tinham ali a família a assistir á simples, mas significativa cerimónia.



Um aspecto da assistência á hasta publica

Foram à praça muitos lotes de terreno alguns dos quais se venderam a mais de 6 contos o metro quadrado

No Pavilhão dos Desportos, sob a presidência dos srs. dr. Manuel Ferreira, director dos Serviços de Finanças, e dr. António Rodrigues de Oliveira, e Reinaldo Costa, funcionários superiores do Património Municipal, foram esta manhã postos em praça vários terrenos para a construção de moradias, prédios de rendimento e unidades industriais.

Embora se notasse a ausência de grandes capitalistas, a hasta pública foi bastante concorrida, estando presentes para cima de cem licitantes.

O primeiro lote adquirido, situado na Avenida da Torre de Belém, alcançou o preço de 315 escudos por metro quadrado. Um outro, na Avenida Infante Santo, com a base de licitação em três mil escudos, foi retirado. Por 6375 escudos (base 2500 escudos) foi adquirido um lote na Rua da Penha de França; e na Rua General Justiniano Padrel foi vendida uma superfície de terreno por 2900 escudos o metro quadrado, sendo a base dois mil escudos.

Dos lotes compreendidos na Rua 75-78 (célula 4), Benfica, sómente foram arrematados três: dois a 3150 escudos, e um a 3300 o m2.

Sob a presidência do Chefe do Estado abriu hoje o ano lectivo na Universidade Clássica de Lisboa

Com a maior solenidade, e sob a presidência do Chefe do Estado, efectuou-se esta tarde, a cerimónia da abertura do ano lectivo na Universidade Clássica de Lisboa.

A aguardar o sr. almirante Américo Thomaz encontravam-se no átrio da reitoria, além do reitor e do vice-reitor, respectivamente, srs. profs. drs. Paulo Cunha e Ramos e Costa, muitas outras personalidades entre as quais os srs. presidente da Camara Corporativa, cardeal-patriarca, ministros da Educação Nacional, da Saude, das Obras Publicas, da Defesa e da Marinha; subsecretário das Obras Publicas; membros do corpo diplomático; os dirigentes do F. I. S. U. actualmente em Lisboa, etc.

Após a chegada do sr. Presidente da Republica, ás 15 e 25, e depois dos cumprimentos, formou-se um cortejo que desceu a escadaria para a Aula Magna, onde o Chefe do Estado assumiu a presidência, enquanto os professores catedráticos — que envergavam as becas académicas — ocupavam os seus lugares nas cadeiras doutoriais.

O discurso do prof. Paulo Cunha

Aberta a sessão usou da palavra, em primeiro lugar, o reitor da Universidade Clássica prof. Paulo Cunha, que começou por declarar: «Inaugura-se hoje um novo ciclo de trabalhos escolares na Universidade de Lisboa — em um dia que tem, por obra do acaso, alguma significação especial para a História da Cultura: ora em 7 de Janeiro, há 172 anos, que a Assembleia Constituinte francesa lançava a pedra primeira desse majestoso edificio jurídico que é a protecção da propriedade intelectual, condição básica do maravilhoso florescimento de criações científicas, literárias e artísticas que esmaltam a Idade Contemporanea, desde o inteligente Século

XIX ao Século intranquilo em que vivemos.

cultural, e não de outra ordem, que pretendo imprimir a esta oração. Que nela não se veja qualquer desejo ou intento de criticar, e menos de julgar actividades passadas. Mas vale esquecer momentos em que os homens ou as coisas porventura se tenham desviado ou hajam sido levados a desviar-se, afastando-se do plano de limpa serenidade em que a vida universitária sempre deve decorrer».

Depois de dizer que «a hora é de jubilo, de conciliação — de paz no Mas esta pálida efemeride só a

aponto para sublinhar o sentido seio da Universidade Portuguesa, que todos amamos», o orador afirmou:

«Não é sem profundo significado na linha do interesse nacional que hoje se congregam, nesta Aula Magna da Universidade de Lisboa, os magníficos reitores de todas as Universidades Portuguesas, em demonstração nobre e elevada de que nada realmente as divide e todas sabem congregar-se e unir-se para o bem comum dos Portugueses. Aos magníficos reitores presentes (e se-

(Continua na 11.ª página)

AS ÁGUAS DO TEJO AUMENTARAM DE VOLUME e já cobrem grande parte dos campos da Golegã

GOLEGÃ, 7 — O Tejo aumentou de volume durante a noite passada e as águas já galgaram o Dique dos Vinte, interrompendo o transito na E. N. 118.

Os campos estão inundados e as comunicações rodoviárias ficaram interrompidas na E. N. n.º 365, entre esta vila e Azinhaga.

As zonas inundadas têm já uma área de cerca de 10 quilómetros quadrados.

Durante a manhã as águas continuaram a subir.

Em Santarém os campos marginais continuam inundados

SANTARÉM, 7 — Embora o tempo tenha melhorado, os campos do

Rossio e todos os outros marginais do Tejo continuam inundados. Bem como parte da Ribeira de Santarém.

O Dique dos Vinte, bem como o descarregador da Senhora das Dores, continuam a ser ultrapassados pelas águas. A estrada de Alparça, próximo da Tapada, também está cortada pela cheia, assim como as estradas de Santana e da Cruz do Campo — Valado.

Em Vila Velha de Rodão, o Tejo baixou de volume. O mesmo aconteceu na Barquinha. A escala hidro-métrica, ás 12 horas, marcava, respectivamente, 9,30 e 6,80 metros.

Em Santarém, a escala marcava, á mesma hora, 6,79 metros, mas aqui o nível das águas continuava a subir.

A crise de trabalho agravou-se, pois os trabalhadores do campo estão, na sua quase totalidade, inactivos.

A Figueira da Foz sob o temporal

FIGUEIRA DA FOZ, 7 — Pairou sobre a cidade uma forte trovoadá, com vento ciclónico e chuva. Na Gala, povoação além do rio Mondego, uma fúria atingiu um grande eucalipto e cortou-lhe o tronco, o qual atingiu e quebrou as linhas telefónicas e eléctricas.

Um aspirante miliciano e mais dois feridos em estado grave por desastres de viação

ÉVORA, 7 — Esta madrugada, na estrada para Redondo, no sítio de Santa Bárbara do Dgebe, a quatro quilómetros desta cidade, um automóvel, que ia daqui para Estremoz, derrapou e voltou-se.

O carro, que ficou meio danificado, era conduzido pelo aspirante a oficial, miliciano, de Cavalaria 3 daquela cidade, sr. Luís António de Oliveira Temudo e Melo, de 24 anos, natural de Ourique e ali residente, o qual ficou gravemente ferido.

Recolheu ao Hospital da Misericórdia de Évora.

Também na estrada de Redondo a Vila Viçosa, á saída da primeira vila, voltou-se uma furgoneta, conduzida pelo sr. João de Almeida Figueiredo, de 24 anos, morador em Lisboa, na Rua Braamcamp Freira, 41, r/c, dt. Seguiam no veículo o pai do motorista, sr. Alberto Figueiredo, de 56, natural de Aguiar da Beira, e a esposa daquele, sr.ª D. Maria da Purificação Lopes, de 19, ficando ambos com graves ferimentos, pelo que recolheram, igualmente, áquele hospital. O motorista nada sofreu.



● Sofre dos pés?
● Tem dificuldade em encontrar sapatos que lhe sirvam?
Visite

PINGUIN
sapateiros e fabricantes
R. da Assunção, 53-2

Será em Roma o jogo de desempate Portugal-Bulgária

Quando tudo indicava que o jogo de desempate, Portugal-Bulgária, a contar para a Taça das Nações Europeias (futebol), se realizaria em Marselha — a F. P. F. disso estava convencida pelo que se deu a respectiva notícia não se recando qualquer alteração —, aconteceu o imprevisto com a subita discordância dos dirigentes bulgaros que, hoje, comunicaram para Lisboa a sua decisão, propondo Roma.

A mudança, que deve ser interpretada como uma surpresa, não é todavia contrária ao que havia sido encarado, inicialmente, visto que Roma ou outra cidade italiana, figuravam na lista dos locais propostos pelos dirigentes portugueses.

O jogo marcado para o próximo dia 23 desenrolar-se-á, pois, no Estádio Olímpico, ás 14 e 30 (locais), sendo curioso salientar o pormenor de ser a primeira vez que o futebol português, através da sua selecção representativa, se apresenta na capital de Itália.

«Moral e «strip-tease»

O «Diário da Manhã» deu-nos a honra de transcrever em parte e de concordar, também em parte, com a «Nota do dia» em que nos ocupávamos das tendências do teatro de revista, intitulando o seu eco «Voz da razão». Cumpre-nos agradecer a amabilidade.

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JANEIRO DE 1963

Os problemas económicos e sociais das Beiras discutidos hoje na Assembleia Nacional

(Continuação da página central)

algumas conclusões que de momento serão necessariamente provisórias.

O orador chamou a atenção para o condicionalismo económico e social da região do Mondego e disse que a importância do distrito como região e como circunscrição administrativa não pode ser minimizada nas tarefas de planeamento. Declarou que os concelhos dos três distritos estranhos à bacia do Mondego beneficiarão imenso do esforço de desenvolvimento que se encontra na mesma e forneceu alguns elementos sobre o movimento demográfico da região, onde a densidade de população é, nalguns pontos, inferior à de 1940, resultante do êxodo rural.

Números alarmantes

Ocupando-se da baixa taxa de natalidade, disse:

«A saída da população em idade viril afecta as perspectivas demográficas futuras. Os elementos que mais facilmente se podem contabilizar no que respeita aos movimentos artificiais da população (emigração e saídas para o Ultramar) revelam como tem sido notável a sangria verificada nestas regiões. Em 1960, por exemplo, a soma dos saídos do movimento emigratório e do movimento com o Ultramar atingiu, no Continente, 28 por cento do saldo fisiológico, ao passo que no distrito de Coimbra foi de 37,7 por cento, no distrito da Guarda 67,6 por cento e em Viseu 41,7 por cento. As saídas no distrito da Guarda em 1956 foram mesmo superiores ao saldo fisiológico desse ano. A frequência emigratória, ou seja os emigrantes por mil habitantes de população, atingiu, ainda em 1960, 2,1 para Coimbra, 5,1 para a Guarda e 4,1 para Viseu, tendo-se estimado a média do Continente em 2,38. E isto sem ter em conta a emigração clandestina que se supõe relativamente elevada em algumas regiões raianas. Por outro lado, as migrações internas, mormente as deslocações para Lisboa, atingiram em algumas zonas proporções de autêntica debandada. É o caso, por exemplo, dos concelhos da região da comarca de Arganil (Arganil, Góis e Pampilhosa da Serra)».

Registrou, depois, que a taxa média de analfabetismo era de 40,3, em 1950, para o Continente, e de 41,3 para o distrito de Coimbra, 44,3 para o de Viseu e 43,4 para o da Guarda.

E prosseguiu:

«Os progressos entretanto verificados e que a falta de outros elementos se podem, em dada medida, apreender da observação das estatísticas respeitantes à evolução da percentagem de conjuges analfabetos nos três distritos não permitem grandes optimismos quanto à recuperação verificada na Guarda e em Viseu. De facto, enquanto que, em 1959, a percentagem de conjuges analfabetos (HM) era de 17,6 no Continente, atingia ainda na Guarda 22,2 e em Viseu 23,7. Para se fazer uma ideia do estado sanitário das populações poderemos lançar mão de índices tais como as taxas de mortalidade global, já referidas, de mortalidade infantil e de mortalidade, por tuberculose. Um outro elemento de interesse, mas de que não nos foi possível obter dados completos, diz respeito à percentagem de mancos isentos do serviço militar».

O equipamento social

Afirmou então que, na base das insuficiências quantitativas e qualitativas da população está, além do mais, o próprio equipamento social da região.

Referiu-se, especialmente, ao problema do ensino, no que respeita à necessidade de se construírem mais edifícios, com vista a tornar o ensino acessível a mais crianças.

Fez várias considerações sobre a situação no sector sanitário: Coimbra conta com um médico para 1034 habitantes; a Guarda com um para 2902; e Viseu um por 2763. Quanto aos enfermeiros a percentagem é igualmente notável: dos 3267 enfermeiros existentes, em 1960, no País, 1637 concentravam-

se na cidade de Lisboa e 698 na do Porto. A percentagem de partos sem assistência foi por exemplo, em 1959, de 61,2 no distrito de Coimbra, 83,8 no distrito da Guarda, e 79,8 no distrito de Viseu.

No que respeita aos serviços de Justiça, dos 340 juizes existentes no Continente, em 1960, pertenciam à cidade de Lisboa 103 e à cidade do Porto 43; dos 1887 advogados inscritos na Ordem, 735 exerciam a sua actividade na capital e 224 no Porto.

As condições de habitação ilustram igualmente as deficiências do equipamento social: em 1950 havia, no distrito de Coimbra, 86 551 famílias com habitação ocupando um fogo sem electricidade e água e só 20 548 com electricidade e 10 799 com água. Mas a relação agrava-se mais quando se restringe a certas zonas rurais: no concelho da Pampilhosa da Serra, por exemplo, contavam-se 3455 famílias com habitação ocupando um fogo sem electricidade e água e só 28 com casa de banho, 40 com electricidade e 54 com água.

Aspectos da produção

Desenvolvendo a sua intervenção, o sr. dr. Nunes Barata tratou de alguns aspectos de produção nos três referidos distritos, fazendo amplas anotações sobre a agricultura, a silvicultura, a pesca, indústrias extractivas e transformadoras, construção civil e electricidade.

Declarou, a propósito:

«Afirma-se geralmente que os três distritos têm uma feição agrícola. Ainda aqui se reflecte, em dada medida, aquela verdade generalizada a quase todo o País: uma estrutura essencialmente agrícola não pelo excessivo valor dos recursos naturais mas antes porque não existe na indústria. Não se trata, no caso presente, de uma única região agrícola, mas antes de uma zona variada onde, ainda assim, é possível considerar afinidades de estruturas ou complementaridades de aptidões. Uma nota comum é a da excessiva divisão da propriedade. De resto o parcelamento tem-se acentuado nas ultimas décadas».

Considerou que é nas reconhecidas potencialidades hidroeléctricas do Mondego que se deve alicercar o principal factor de arranque para o desenvolvimento de toda a região. Fez minuciosa referência às comunicações rodoviárias e ferroviárias e disse que já se calculou o Mondego como extensão navegável em 85 quilómetros, mas as realidades são outras: em regra, durante dois meses do ano, poderá ser navegável por barcos até 10 toneladas de carga numa extensão de 30 quilómetros.

E, terminando as considerações que vinha fazendo, sublinhou:

«Em conclusão: o ligeiro balanço realizado demonstra o atraso da região, ao mesmo tempo que nos permitiu salientar a sua posição modesta em confronto com os dois grandes centros de Lisboa e do Porto».

As potencialidades económicas do Mondego

No prosseguimento da sua intervenção, o sr. dr. Nunes Barata apontou as graves consequências para as culturas provocadas pelas frequentes inundações registadas nas margens do Mondego. Focou o problema do assoreamento daquele rio, dizendo que a luta do homem contra o Mondego tem assumido, nas ultimas décadas, proporções assustadoras. Referiu os projectos elaborados quanto à regularização do rio e seus afluentes por meio de albufeiras, considerando que o plano da Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola, com vinte e dois anos, representa a primeira grande solução para o Mondego.

E acrescentou:

«Infelizmente este esquema não teve o desejável seguimento. Vários anos é uma empresa particular, com sede em Coimbra, que apresenta superiormente um «Plano Geral para o Aproveitamento dos Recursos Hidráulicos do Rio Mondego» (Março de 1959). Trata-se de um esquema onde se considera o aproveitamento das potencialidades económicas para fins múltiplos».

E o orador, continuando, declarou:

«Um estudo cuidadoso sobre o Mondego levou à conclusão de que o rio tinha um valor energético muito considerável. Tão feliz circunstância deu novo sentido à viabilidade de um aproveitamento integral projectando-se, consequentemente, com um alto sentido multiplicador no desenvolvimento económico-social da região da bacia hidrográfica. O aproveitamento permitiria igualmente um domínio dos caudais sólidos, uma regularização das cheias, a possibilidade de rega para os campos da Cova da Beira, de Celorico, de Coimbra e de Cantanhede ao Vouga e o abastecimento de água a 21 concelhos pertencentes aos distritos da Guarda, Viseu e Coimbra».

Outro plano encarado

Fez, também, considerações sobre um recente plano encarado pelo Ministério das Obras Publicas, o qual assenta nos seguintes objectivos: A regularização das cheias e a defesa dos campos marginais do Mondego, entre Coimbra e a Figueira da Foz; a rega e o enxugo desses mesmos campos (15 000 hectares); a rega dos campos que se estendem de Cantanhede ao Vouga; a rega dos campos de Celorico da Beira e da Cova da Beira; o domínio do transporte sólido, quer na bacia do Mondego, a montante de Coimbra, quer nos vales do curso inferior; e a produção de energia eléctrica.

Afirmou que um esquema de aproveitamento do Mondego, tarefa cuja execução se impõe com a maior urgência, não se opõe à adopção de medidas a curto prazo, em favor dos proprietários dos campos a jusante de Coimbra.

Disse que o êxito desse esquema se conjuga com outros problemas que deverão, paralelamente, ser encarados: o repovoamento florestal, a agricultura dos campos do Mondego, o fomento da industrialização, o porto da Figueira da Foz e as vias de comunicação.

O repovoamento florestal e a agricultura

Relativamente ao repovoamento florestal, afirmou que cada ano que se perde nessa obra é um atraso de consequências notáveis, não só para o sucesso da luta contra a erosão, como, principalmente, para a execução deste empreendimento da criação de riqueza através da floresta, tarefa que não foi possível ir executando de forma a chegar a bom termo dentro do prazo que a lei inicial previra.

Quanto aos trabalhos de correcção torrencial, encontram-se, igualmente, a cargo dos serviços florestais. Disse que o tratamento dos leitos tem-se realizado segundo dois tipos de obras: aquele que tem por objectivo a fixação de leitos ou encostas em desagregação através de pequenas barragens ou obras longitudinais com o intuito de reter directamente o material sólido; outro que consiste em reduzir as cheias e seu poder erosivo através da construção de barragens, cujas albufeiras retardam a propagação das torrentes.

No que respeita à agricultura dos campos do Mondego, afirmou:

«Como é natural reflectem-se aqui os problemas gerais da agricultura portuguesa: estruturas agrárias; regime da possível hidráulica agrícola; defesa e conservação do solo; mecanização; melhoramentos agrícolas; crédito e seguros agrícolas; assistência técnica; investigação aplicada; formação profissional; vulgarização agrícola; melhoramentos rurais; arrendamento e transformação dos produtos agrícolas; racionalização da comercialização; racionalização da produção; preços dos produtos agrícolas; esquemas associativos... O sucesso que viemos a colher nestes sectores de acção projecta-se a nas nossas regiões hoje empobrecidas descrentes. Mais particularmente os problemas específicos dos campos a jusante de Coimbra são os que resultam das inundações e assoreamento referidos e aqueles que seriam postos por uma reconversão cultural».

A industrialização

Aquele deputado tratou, em seguida, do problema da industrializa-

ção, factor essencial ao fomento e preocupação que deve dominar os esquemas de desenvolvimento regional.

E afirmou:

«A actuação poderá dirigir-se no sentido de renovação de indústrias existentes ou de implantação de novas indústrias. Como já afirmei inúmeras vezes a reorganização industrial portuguesa deve ter ainda em conta a descentração. Parece-me assim defensável que esta reorganização permita a localização de indústrias na região do Mondego. A abundância de energia, a existência de mão-de-obra com capacidade de adaptação e a rede de comunicações, tudo poderá justificar a instalação de tais unidades».

E o sr. dr. Nunes Barata prosseguiu:

«As potencialidades energéticas do Mondego poderão, de facto, conjugar-se com as indústrias químicas. A perspectiva de um grande porto na Figueira da Foz harmonizar-se-ia, por exemplo, com a construção de uma refinaria de petróleo. Dado que o condicionalismo do plano director de Lisboa leva a arredar desta região algumas indústrias novas, como a de montagem de automóveis, estas poderiam também instalar-se nas terras do Mondego. O aproveitamento dos recursos naturais justificaria ainda a existência na Figueira da Foz de fábricas para a transformação de produtos do mar. De igual modo, outros centros encontrar-se-iam aptos para acolher unidades convenientemente dimensionadas que servissem o vasto mercado da construção civil ou realizassem o aproveitamento e transformação de recursos florestais e do subsolo. Mas é a industrialização dos produtos agrícolas que oferece melhores perspectivas. Além da beterraba açucareira, a que, como vimos, se refere a Federação dos Grêmios da Lavoura, existem outras possibilidades de industrialização de produtos agrícolas».

O apoio dos poderes públicos

Declarou que, para o êxito da industrialização muito depende, além do mais, o apoio a prestar pelos poderes publicos, acentuando que se deveriam definir as vantagens a conceder à região do Mondego, no que respeita à concessão de incentivos de ordem fiscal e facilidades de crédito ao investimento nas regiões rurais e economicamente mais desfavorecidas, para a instalação de indústrias de aproveitamento de recursos locais. E referiu a vantagem da descentralização de outras indústrias localizadas em meios urbanos.

Aludiu à necessidade de se executarem completamente as obras de melhoramento do porto da Figueira da Foz, dizendo:

«As obras do porto da Figueira, agora em execução, trouxeram natural regozijo às gentes do Mondego. Simplesmente sou de parecer que não se deve afrouxar nos trabalhos mas ordená-los, desde já, para nova fase de execução. Doutr modo os investimentos em curso, e que são da casa dos 80 mil contos, não teriam um seguimento que lhes assegurasse tempestiva produtividade. De entre as tarefas mais imediatas, destaca-se a da construção da nova ponte, cuja localização já foi superiormente aprovada. Como esta construção depende a melhor ordenação do porto interior, urge que a mesma seja encarada. Mas nós pretendemos o porto da Figueira como algo mais do que simples porto de cabotagem. O congestionamento de Lisboa e de Leixões, exigem um terceiro grande porto. Ora a Figueira, pela sua localização, pelos acessos que a servem e, de futuro, como coroaamento de todo o esquema do Mondego, justifica este novo e grande destino».

Fez, em seguida, amplas considerações sobre a influência da rede de comunicações nos esquemas de desenvolvimento e apontou as directrizes a que deveria obedecer o plano rodoviário na região do Mondego.

O ensino

Continuando, o sr. dr. Nunes Barata chamou a atenção para a localização dos serviços publicos e disse que, no aspecto intelectual,

existem em Coimbra muitos problemas. Para lá da necessidade de generalizar o acesso ao ensino — acrescentou — conviria criar em Coimbra um Instituto Comercial e Industrial e introduzir reformas na vida universitária.

A este propósito, acentuou:

«Estas reformas universitárias não dizem somente respeito à estrutura institucional da Universidade, às facilidades a conceder aos escolares e à regulamentação das actividades académicas. Impõe-se dotar as escolas do pessoal indispensável, reformar os estudos nas Faculdades de Ciências e de Direito e criar as novas Faculdades como Teologia, Farmácia, Engenharia e Agronomia».

Apontou os prejuízos resultantes da concentração das sedes, em Lisboa ou no Porto, de empresas que exploram riquezas nos três distritos beirões, e disse que uma política de desenvolvimento regional pressupõe a existência de órgãos que a apoiem e executem. E sublinhou que a execução do aproveitamento do Mondego justificará a existência de um organismo que responderia pelas iniciativas e coordenaria a actuação das pessoas publicas ou privadas que terão interferência na execução das tarefas desse aproveitamento.

Declarou que o referido aproveitamento repercutir-se-ia também na vida das autarquias locais, concluindo que quanto à intervenção ou colaboração dos respectivos municípios, haveria que introduzir disposições legais capazes de lhes permitirem cumprir as atribuições delineadas e nomeadamente a possibilidade de promover a constituição de determinadas sociedades de economia mista com o objectivo da exploração de utilidades regionais.

Conclusões

O sr. dr. Nunes Barata terminou a sua exposição dizendo que, do exposto, se poderia concluir o seguinte:

1.º — Que o desenvolvimento económico do País é uma obrigação urgente que recai, de forma especial, sobre as gerações presentes;

2.º — Tal desenvolvimento compadecer-se com as tarefas de planeamento regional, que importa igualmente encarar;

3.º — Ora, dentro de possíveis esquemas de desenvolvimento regional, avulta, desde já, como realidade indiscutível, o aproveitamento do rio Mondego;

4.º — Reconhecidas as potencialidades energéticas do rio, será ainda a electricidade a grande alavanca para um arranque decisivo;

5.º — Este aproveitamento conhecerá igualmente a obra de repovoamento florestal, o domínio dos caudais sólidos, a regularização das cheias, a rega dos campos da Cova da Beira, de Celorico, do Mondego e de Cantanhede do Vouga, a industrialização, o abastecimento de água a muitos concelhos ribeirinhos, a valorização do porto da Figueira da Foz e todo um conjunto de melhorias marginais complementares, desde as comunicações à valorização de centros terciários, entre os quais avulta a cidade de Coimbra;

6.º — A magnitude de uma tarefa a longo prazo não se opõe, por outro lado, a que prossigam as necessárias e urgentes obras de defesa e valorização dos campos a jusante de Coimbra;

7.º — A realização do aproveitamento do Mondego contribuirá para o robustecimento das instituições administrativas locais, ao mesmo tempo que permitirá, uma elevação no nível de vida das populações, com eliminação de desemprego oculto e a atenuação do êxodo rural;

8.º — Tamanho contributo no centro do País será altamente meritório não só para a região mas ainda como factor de desenvolvimento geral;

9.º — Num momento em que deve já encontrar-se em estudo a elaboração do III Plano de Fomento deve o Governo atender às possibilidades que o Mondego oferece, considerando a execução das respectivas obras de aproveitamento nos esquemas desse III Plano».

A oração do prof. Paulo Cunha na sessão de abertura da Universidade Clássica

(Continuação da página central)

ja-me lícito destacar quem actua como reitor da Universidade da Lusitânia (eu quero apresentar a Lusitânia) eu quero apresentar a Lusitânia, e dizer da honra da Universidade de Lisboa em receber tão ilustres visitantes — que não considero hóspedes porque neles vejo apenas os irmãos, participes numa grande e bela instituição comum.

O prof. Paulo Cunha fez depois o elogio do Chefe do Estado que «cumula com a suprema magistratura que exerce a qualidade inapagável de filho da Universidade de Lisboa». pois estão «nos arquivos desta Reitoria, por baixo de nós, os documentos que atestam a passagem do almirante Américo Thomaz pelos bancos das nossas escolas como aluno distintíssimo, e já pre-nunciador do futuro homem de Estado».

Saudando o ministro da Educação Nacional, classificou o dr. Inocêncio Galvão Teles, como «epigono cultural da minha Faculdade de Direito, honra da Ciência jurídica portuguesa, em cujas mãos prudentes e hábeis estão hoje entregues os rumos da Educação Nacional».

E acrescentou:

«Posso dizê-lo á vontade, sem quebra da independência e veracidade de totais que são timbre da minha vida de homem e de cidadão — agora da minha vida de reitor. O dr. Galvão Teles foi, em tempos, meu aluno (ele que hoje poderia ser meu mestre), aluno a quem pertence o título de haver sido um dos meus discípulos dilectos, dentro milhares que me orgulho de haver ensinado. Dessa circunstância, que de infeliz só tem o haver sido vivida há já muitos anos, quando os cabelos brancos não começavam ainda a alvejar em nossas cabeças, eu tiro a insuspeita autoridade para poder dirigir-me assim ao ministro da Educação Nacional».

O orador disse depois que «um dos raros poderes espirituais verdadeiramente organizados na sociedade em que vivemos — é a Universidade» e falando do futuro afirmou que o augurava «bom, progressivo e prestigioso, porque conto com a colaboração dedicada dos meus colegas, confio na coadjuvação desinteressada, activa e generosa, que os estudantes hão-de querer dar-me, e espero o apoio firme do Governo para conseguir melhores condições e realizações para bem do ensino, da investigação científica, do bem estar dos escolares, e sobretudo da formação integral e humanista que é mister desenvolver e assegurar aos futuros licenciados e doutores da Universidade, a fim de se fazerem homens e mulheres na plena e nobre acepção destas palavras».

Crítica à O. N. U.

Dirigindo-se aos embaixadores estrangeiros, disse:

«A sua vinda a esta casa é uma honra para a Universidade — que faz votos pelas prosperidades dos países representados; e bem assim por que a sajaria dos governantes saiba, porventura mais acentuadamente do que tem sucedido nos últimos tempos, compreender bem — e coerentemente secundar em termos razoáveis — a atitude valorosa de Portugal no contexto das tão confusas situações internacionais da hora presente, tais as que levam a O. N. U., órgão para a Paz Mundial, a fazer a guerra (com fins de intervenção política interna). Ou a negar pela violência, á boa gente da Katanga, aquela mesma autodeterminação que arbitrariamente nos queriam impor (neste caso não sei com que dose maior, se de ilegitimidade, se de levandade, se de malevolência, se de jeito a pseudomarcas da História, impulsionadas s das bandas do Oriente europeu e do Oriente asiático). Ou ainda a empregar para isso uma massa de homicidas indianos, cuja barbárie se arvora assim em acção policial aparentemente coonestada na or-

AUTOMÓVEL ROUBADO

Morris Oxford, cinzento-escuro, matrícula BL-67-45, agradeçam-se informações pelos telefones 761886 - 776449.

tem internacional. Ou ainda... Mas reparo que o voto que me ficou de oito anos de política externa, conjugado com a minha indignação de homem português e de homem coerente, tendia a desviar-me para a formação integral e humanista do Homem (temprego propositalmente o redobre), não são especificamente os que tocam neste momento ao reitor da Universidade. A este basta-lhe que fique vincado quanto ele ardentemente estimaria, em homenagem ao ideal de Justiça e até por respeito da própria inteligência, que se vá compreendendo no Mundo como a concepção multirracial da comunidade portuguesa representa a solução mais equilibrada e humana para os problemas sociais e políticos de coexistência de

raças; e que na viril resistência de Portugal á demagogia afro-asiática está muito do pouco que resta para defesa essencial da Civilização do Ocidente.

O elogio da Universidade

O prof. Paulo Cunha lembrou depois que «no breve espaço de um ano, desapareceram quatro dos «nossos mais distintos areopagistas»: — o dr. Francisco Vieira de Almeida e o dr. Adelino Costa, das Faculdades de Letras e de Medicina; o dr. António Alves dos Santos e o dr. Caeiro da Mata, das Faculdades de Ciências e de Direito, aos quais prestou homenagem.

E mais adiante:

«Confesso que amo a Universidade, o seu fluir incessante, as suas

butas — quando viradas ao exterior mas assentes na coesão interna e nacional —, as agruras que a conquista do saber impõe, os transe da formação entusiástica da juventude, a sensação indizível de se poder transmitir aos que se nos seguem o facho que recebemos dos que nos antecederam, o prazer de imprimir na nova geração uma dada do nosso ser, algo do que temos de melhor, e que já, em parte, de outros herdámos.

«E' isso, é esse fluir que se chama civilização. E' essa formação de gentes, dentro de uma linha perene e coerente em que consubstanciam a idiossincrasia de um povo e do mesmo passo a especificidade de cada geração, que constitui a camada óptica mais alta da Cultura... e faz o encanto da vocação universitária — a minha vocação. «As Ciências têm as raízes amargas, mas muito doces os frutos» — na velha fórmula aristotélica.

Apelo à gente nova

Outras afirmações:

«Vale a pena, gentes novas que me escutais, provar o sabor destes frutos. Só que para o delirar se faz preciso afã e perseverança — aquele o estudar, na aceção ampla e nobre do termo, que ainda há dias vos dizia ser apanágio tanto de docentes como de discentes. A aprendizagem da ciência, a investigação de novos saberes, a formação humana (que só o será plenamente se for integral), a criação e difusão de cultura, enfim! — cultura ao mesmo tempo clássica e actualizada — é tudo isso que, sintetizando o labor da Universidade tal como ele deve ser, se nos depara e se nos apresenta como via árdua a percorrer, a nós todos Universitários, mestres e alunos, todos ao mesmo tempo agentes e beneficiários das próprias acções e das reacções dos outros. Vale a pena, gentes novas, dedicar-vos a essa faina. Vale a pena, gentes que já o não somos tanto, entregarmo-nos de alma e coração ao prazer agreste da educação nacional. Nenhuma ciência, enquanto ciência, engana os homens; o engano está em quem não a sabe, e a não aprende ou não a ensina.

«Perdoei-me esta profissão de entusiasmo construtivo, que é afinal profissão de amor pela Universidade. Só para o ilustrar vos direi o meu exemplo: há anos dei-me em holocausto a uma actividade, que não era a da minha vocação, para poder condicionar esse sacrifício pessoal á promessa de que os novos edifícios da Universidade de Lisboa seriam enfim erguidos. A promessa foi cumprida. E com que alegria se deu a coincidência de, libertando-me dessa outra actividade, nas vésperas da inauguração das aulas na nova Faculdade de Direito, ter sido eu a dar a primeira aula que nela aconteceu. Tal como o meu primeiro neto, ao sair pela primeira vez á rua, veio simbolicamente passear os seus olhinhos inconscientes por estas paredes da Praça da Universidade, que são tão recentes no plano material, e todavia estão densas de vida pretérita mas actuante, vivida noutras casas mais pobres: no Campo de Santana, como na Rua da Escola Politécnica, como no velho Convento de Jesus. Perdoem o orgulho que as minhas palavras reflectem: é um orgulho são. E' um orgulho de que eu me orgulho. E' o estímulo de um exemplo: sem amor, pouco se bom se faz na vida».

A' hora a que escrevemos, o prof. Paulo Cunha continuava no uso da palavra, sempre escutado com o mais vivo interesse.

Movimento Marítimo

Partiu o «Santa Maria»

O paquete «Santa Maria», da Companhia Colonial de Navegação, com cerca de trezentos passageiros para os portos da América Central, largou hoje do Tejo. Naquele paquete seguiu o sr. dr. Dias Nogueira, consul de Portugal em Caracas, em Vigo e em Tenerife, devendo embarcar cerca de 600 passageiros para a América Central.

O «Aragon» passou por Lisboa

Passou hoje no Tejo o paquete «Aragon», com 63 passageiros para Lisboa e 183 em transito para Vigo. No mesmo navio, vieram do Brasil, treze repatriados portugueses.



A princesa Beatriz, herdeira do trono holandês. Segundo se afirmou, projectaria renunciar para levar por diante um projecto de casamento com um plebeu

Foi desmentido que a herdeira da Holanda queira renunciar

HAIA, 7 — «Não há qualquer projecto de casamento com a princesa herdeira da Holanda, e é absolutamente falso que ela pense em renunciar ao trono para me desposar» — teria afirmado Bob Steensma, de 28 anos, filho de um notário de Eindhoven, ao correspondente do «Sunday Express».

O jornal holandês «Telegraaf», que transcreve a declaração, acrescenta que Bob Steensma — camaráda universitário da princesa Beatriz, em Leyde — lhe disse que tinha recebido efectivamente um telefonema de um jornalista inglês a propósito daqueles «projectos», mas que se limitou a responder-lhe: «Não há crise e não haverá casamentos». Tudo o mais é fantasia do jornalista. — (F. P.).

Diário da Outra Banda

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 231137).
ALMADA — Magalhães — Praça Luís de Camões, 10 (Tel. 270242).
BARREIRO — Normal — Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 223035).
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Praça 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121).
MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — Diogo — Rua Almirante Reis, 42 (Tel. 230032).
SEIXAL — Godinho — Largo da Igreja, 51 (Tel. 2218590).
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229025).
SETUBAL — Costa — Largo da Misericórdia (Tel. 22760).
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Candido dos Reis, 30 (Tel. 224020).

O embaixador da Suíça

regressou hoje ao seu país

Depois de ter representado o seu país, em Portugal, durante quatro anos, regressou hoje, de avião a Zurich, por ter sido atingido pelo limite de idade, o embaixador da Suíça em Lisboa, sr. Franco Brenni, que granjeou entre nós, sólidas amizades e muita simpatia.

MORREU COM 100 ANOS

o homem mais idoso do concelho da Golegã

GOLEGã, 7 — Com 100 anos, faleceu nesta vila o sr. António Saldanha, viúvo, pai do sr. Duarte Saldanha da Silva, e das sr. D. Maria, e D. Elisa Saldanha Herz e sogro do sr. capitão de mar-e-guerra Justino Herz.

O extinto, pessoa muito considerada, era o homem mais idoso deste concelho e tio-avô do correspondente do «Diário de Lisboa» nesta vila.

AUTOMÓVEL ROUBADO

Morris 850, azul, matrícula n.º BA-38-10, desaparecido no dia 1, agradecem-se informações pelos telefones 761886/776449.

Um jornal norte-americano congratula-se com a mudança da política dos E. U. A. em relação a Portugal

WASHINGTON, 7 — «É uma boa notícia que o nosso país tenha votado inequivocamente e enfaticamente contra a moção russo-afro-asiática pedindo ao Conselho de Segurança a aplicação de sanções contra Portugal que, segundo os patrocinadores da disposição, se impunha de modo a levar o Governo de Lisboa a pôr termo á pretensa «repressão» do chamado movimento de independência em Angola e Moçambique» — escreve o vespertino «The Evening Star», em editorial intitulado «Um voto para Portugal», a propósito da posição norte-americana perante os ataques de que tem sido alvo na O. N. U. a política ultramarina portuguesa.

«Em vez de agir como se estivesse empenhado num concurso de popularidade internacional, o Governo julgou os casos segundo os seus méritos e juntou o seu «não» ac de países como a França e a Inglaterra contra a moção das Nações Unidas. Por esse motivo, embora a Assembleia Geral tenha adoptado a moção por 57 votos contra 14, e 18 abstenções, não é provável que os portugueses sofram com as «sanções» propostas. No fim de contas, a moção só seria eficaz se a apoiassem aquelas «potências» que categoricamente a rejeitaram.

«Juntamente com o bloco soviético, os membros afro-asiáticos das Nações Unidas têm dado provas de falta de maturidade política ou sentido das responsabilidades nos seus ataques selváticos e extravagantes contra a actuação de Portugal em Angola e Moçambique».

«O voto dos 57 países contra os 14 a favor de Portugal, nas Nações Unidas, parece totalmente indefensável. Felizmente, porém, com os Estados Unidos alinhando ao lado do seu aliado, as sanções não significam mais do que uma série de palavras vazias de sentido, como alguns dos intermináveis discursos afro-asiáticos contra Lisboa».

A POLÍTICA ULTRAMARINA PORTUGUESA COMENTADA PELA «TRIBUNE DE GENÈVE»

GENÈVRA, 7 — «A fórmula «vento da história», o presidente Salazar responde com a necessidade de uma prévia maturidade» — escreve, na «Tribune de Genève», Paul Savreux, em extenso artigo dedicado á política ultramarina portuguesa.

O articulista recorda as declarações do chefe do Governo português ao representante de uma ca-

deia de jornais canadianos e lembra também que o ministro português dos negócios Estrangeiros, dr. Franco Nogueira, observou já que os ataques contra Portugal na O. N. U. se inspiram sempre nas mesmas fontes, sem ter em conta quer os factos e os documentos apresentados pela delegação portuguesa, quer as declarações de mais de 200 jornalistas que visitaram Angola depois que o terrorismo foi desencadeado. — (A. N. I.).

REPERCUSSÕES DA ÚLTIMA ENTREVISTA DE SALAZAR

ATENAS, 7 — O jornal grego de língua inglesa «Athens Daily Post» publica com grande relevo largos excertos da entrevista recentemente concedida pelo Presidente do Conselho português dr. Oliveira Salazar ao jornalista canadiano Greg Conolly.

A entrevista é publicada a duas colunas sob o título: «Salazar: a ameaça comunista em Angola é muito séria». — (A. N. I.).

A SITUAÇÃO

dos portugueses reformados no Congo Belga

Como em tempos noticiámos, uma comissão de antigos residentes no Congo Belga entregou ao ministro dos Negócios Estrangeiros, uma exposição na qual se referem as dificuldades criadas pelas resoluções que a Bélgica tomou, quanto ao pagamento de pensões de reforma e outras vantagens de carácter social, quando outorgou a independência áquele País. Essas medidas envolvem duras reduções no montante das pensões previstas, e a elas foram poupados os subditos belgas.

No sentido de ser reparada esta discriminação, vão realizar-se em Bruxelas negociações diplomáticas para a conclusão dum acordo de reciprocidade, estando Portugal representado pelo dr. Carlos Fernandes, chefe da repartição das Questões Económicas, dr. Mário Borges, do Ministério das Corporações, e dr. Lúrio Borges, do Ministério do Ultramar, que hoje seguiram para a capital belga por via aérea.

O resultado destas negociações é aguardado com natural ansiedade pelos interessados.

LEILÃO DE REMESSAS TRANSPORTADAS POR CAMINHO DE FERRO

No dia 14 de Janeiro de 1963 e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Aviaram-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Fiscalização das Receitas — Secção de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias uteis, até ao dia 12 de Janeiro, das 10 ás 17 horas, excepto aos sábados.

Trabalho inútil...

NOTTINGHAM (Inglaterra), 7 — Um operário de uma fábrica local trabalhou conscienciosamente durante 27 anos, abrindo e fechando uma válvula de uma conduta de vapor, até que alguém descobriu que aquela tarefa era inteiramente inútil e dispensável — segundo revela um boletim da Associação Industrial de Nottingham. — (A. N. I.).

XADREZ

com peças
vivas



A vida de Marostica, na província italiana de Vicenza, voltou a organizar a célebre partida de xadrez com peças vivas, que representa um dos espectáculos folclóricos mais característicos e mais curiosos da tradição italiana. A partida revive a que jogaram

em 1545 Rambaldo di Angariano e Vieri di Vallo-rana, para decidir qual deles teria direito à mão de Madonna Lionora. A coreografia, as armas e os costumes da época são reproduzidos fielmente.

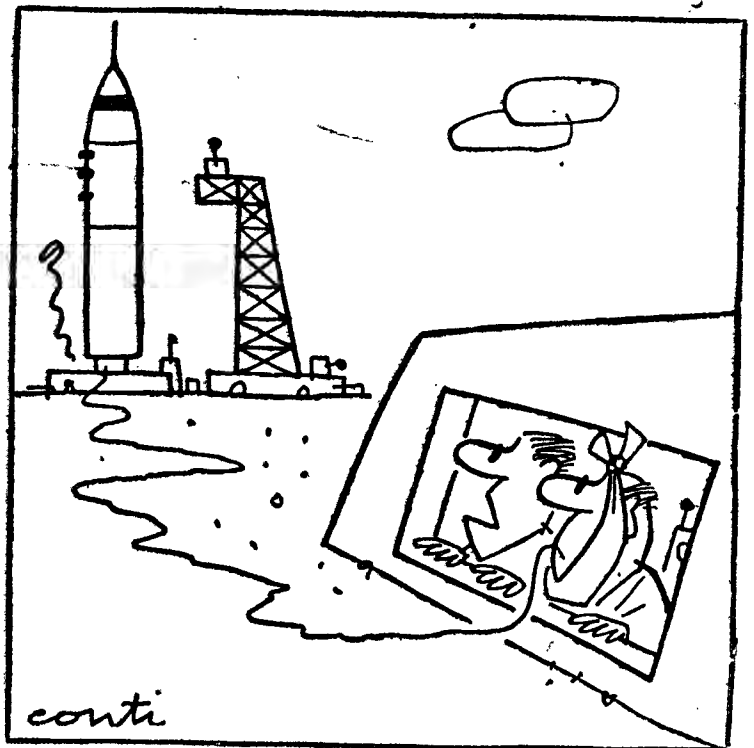
PEQUENO MAGAZINE - DIBOA especial * especial * es

BURLÃO ATÉ MORRER

★ Howard Addison é um dos maiores falsificadores norte-americanos. Após ter saído da prisão de Chino (Califórnia), os colegas cotizaram-se para lhe oferecer uma perna de borracha, dado que o malandrin é coxo há bastantes anos. Howard, apoiando-se a uma muleta, apresentou-se num estabelecimento de ortopedia e experimentou uma dúzia de pernas. Desde que uma lhe serviu, Howard deu uns passos, dizendo: «Caminhamos um pouco... Se conseguir andar, fico com ela». E foi até à rua para dar uns passos. Nunca mais voltou.

MIMI

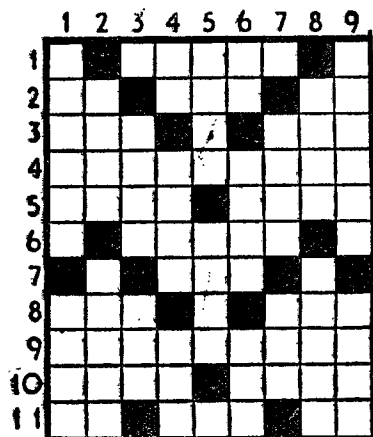
★ A Embaixada da Costa Rica, em Londres, é a única no mundo totalmente constituída por mulheres. Esta invasão, aparentemente pacífica, teve começo quando Maria del Carmen Gutiérrez Chamberlain de Chidenden foi ali nomeada embaixadora. Trata-se de uma embaixada verdadeiramente decorativa, sendo Maria del Carmen tratada, na intimidade, por Mimi...



...Cinco... Quatro... Três... Dois... Um...

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 2901



HORIZONTAIS: 1 — Artigo definido. Período. 2 — Letra grega. Pronome possessivo. Doutor. 3 — Data. Pronome relativo. 4 — Campa. 5 — Fechar as asas para descer mais depressa. Rer. 6 — Orvalho. 7 — Santo. 8 — Segue. Pedras de lagar. 9 — Freguesia do concelho do Seixal. 10 — Cidade de França. Solenidade. 11 — Campeão. Negativa. Artigo definido.

VERTICAIS: 1 — Brisa. Escavação para conduzir águas. 2 — Rezei. Cidade, capital europeia. 3 — Mamífero desdentado, espécie de tatu. Cólera. 4 — Fazes parte de Bois selvagens. Aventureiro que ludibriou a corte da imperatriz Isabel apresentando-se vestido de mulher para fins de espionagem. 5 — Oficial eclesiástico. Judeu que pratica a circuncisão. Cidade de França. 6 — Utensílio doméstico. Grupo de três. Tanto. 7 — Quanto. Pronome possessivo. 8 — Ature. Regressa. 9 — Limpara metais. Sádios.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inserido.

Solução do problema n.º 2900

HORIZONTAIS: 1 — Manchavam. 2 — Anie. Leve. 3 — Sob. Tui. 4 — Caso. Essa. 5 — As. Lar. Ar. 6 — FAZER. 7 — Cá. Al. 8 — DO. CÉU. Os. 9 — Arma. Maio. 10 — Idos. Alça. 11 — Sara. Soar.

VERTICAIS: 1 — Má. Cal. Dais. 2 — Ansas. Corda. 3 — Nios. Fd. Mor. 4 — CEBOLA. Casa. 5 — Az. 6 — Altere. Umas. 7 — Véus. Rã. Aló. 8 — Avisa. Loíça. 9 — Me. Aru. Soar.

(PROVERBIO: FAZER DO CÉU CEBOLA).

NOVA MODALIDADE
Problema n.º 4947

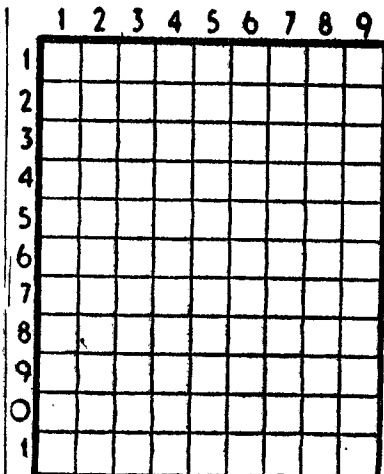
HORIZONTAIS: 1 — República da América do Sul. Quarto. 2 — Baleia. 3 — Nome de mulher. Tosco. 4 — Claridade. Aparelho de detecção que reflecte as ondas hertzianas ultracurtas. 5 — Reis. Deuses domésticos dos romanos. 6 — Nota musical. Artigo definido. 7 — Cidade da Palestina. Comparência. 8 — Pequenos golfos de boca estreita. Segue. 9 — Altares. Assunto. 10 — Relativo à noite. 11 — Campeão. Divisões duma casa.

VERTICAIS: 1 — Nome dum dos apóstolos. Fardo. 2 — Rio de Portugal. Botequim. 3 — Cidade da Holanda. Metades. 4 — Cólera. Género de oleáceas (pl.). 5 — Nota musical. Batráquio. Pertences. O Sol entre os Eípcios. 6 — Vaguearam. Igual. 7 — Formigas grandes com asas. Cobre. 8 — Preposição e artigo (pl.). Frequentavam. 9 — Chegar. Vila e concelho do distrito do Porto.

Solução do problema n.º 4946

HORIZONTAIS: 1 — Elas. Satã. 2 — Sabão. 3 — Em. Bis. Cá. 4 — Sales. Cal. 5 — Orar. Ceva. 6 — Iterara. 7 — Unas. Meca. 8 — Lho. Casou. 9 — Má. Par. Sr. 10 — Visas. 11 — Soia. Oito.

VERTICAIS: 1 — Efeso. Ulmos. 2 — Marinha. 3 — As. Latão. Vi. 4 — Saberes. Pia. 5 — Bis. Cás. 6 — Sãs. Camarão. 7 — Ao. Ceres. Si. 8 — Cavacos. 9 — Abala. Áureo.



Menor desaparecido

ALCOBAÇA, 7 — No sábado passado, desapareceu, de casa dos seus pais, António José Lourenço Beja, de 14 anos, filho do sr. Armando Francisco Beja e da sr.ª D. Ana Lourenço Beja. Tem o cabelo liso e vestia calça cinzenta escura, uma samarra castanha e uma camisola preta, grossa, calçando sapatos pretos. Os pais agradecem a quem souber do seu paradeiro que o comunique para o telefone 42108 desta vila.

A Voz do Operário

Amanhã, às 21 horas, na sede da benemérita Sociedade «A Voz do Operário», tomam posse os corpos gerentes eleitos para o ano corrente. O referido acto é público.

Agendas e calendários

Da Sociedade Industrial de Produtos Eléctricos, com escritório e fábricas na Quinta da Alagoa de Cima, em Carcavelos, recebemos valiosas e interessantes agendas para o ano corrente, que incluem, além de numerosas indicações úteis, mapas de Portugal e dos outros países, distâncias quilométricas, sinais referentes ao trânsito, etc.

USE O SEU SIGNO DA FELICIDADE!

Encontra o melhor sortido, em medalhas, anéis e bolsas.

OURO — PRATAS — JOIAS
OURIV. BARATEIRO
DE S. DOMINGOS

56 — R. Barros Queirós — 56



SOCIEDADE GERAL

LISBOA — R. dos Douradores, 11 — Tel. 37 01 51 (8 linhas)
PORTO — Rua do Bolhão, 192-2.º — Telef. 25555



CARREIRAS

METRÓPOLE AFRICA

NORTE EUROPA ANGOLA

ANGOLA NORTE EUROPA

ANVERS PORTUGAL

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (Escala FUNCHAL)

N/M — «MANUEL ALFREDO» a 10/1/63. Carrega em LISBOA para BISSAU a 7/1/63 e para CABO VERDE a 8/1/63. Carga Frigorífica a 9/1/63 até às 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe e Turística (A bagagem de porão dos Srs. Passageiros embarca a 9/1/63)

Para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO e MOÇAMEDES (Escala LEIXÕES)

N/M — «AMBRIZETE» a 22/1/63. Carrega em LISBOA de 16/1/63 a 19/1/63. Carga Frigorífica a 21/1/63 até às 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe (A bagagem de porão dos Srs. Passageiros embarca a 21/1/63)

Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES

N/M — «BRAGANÇA» á carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS, de 12/1/63 a 25/1/63. Em Lisboa, só para MATADI, a 30/1/63

N/M — «BORBA» á carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS de 4/2/63 e 15/2/63. Em LISBOA, só para MATADI a 20/2/63

Para: ANVERS, ROTERDÃO, BREMEN e HAMBURGO

N/M «BELAS» á carga nos portos de ANGOLA de 11/1/63 a 21/1/63
N/M «BRAGA» á carga nos portos de ANGOLA de 3/2/63 a 12/2/63

Para: LEIXÕES, PORTO e LISBOA

N/M — «CARTAXO» á carga em ANVERS de 17/1/63 a 18/1/63
N/M «BRAGANÇA» á carga em ANVERS de 24/1/63 a 25/1/63

REFRIGERAÇÃO

Instalações para todos os fins



Eng.º J. Nunes Correia

LISBOA — R. DO ALECRIM, 29 — T. 30901/4
PORTO — R. DA FIRMEZA 482 — T. 28034

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica
do dr. J. M. LEVITT

386



DE MÃOS DADAS COM A MORTE

por MILTON K. OZAKI



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

CAPÍTULO I

— Sinto muito, Nancy — disse o advogado Dodson, com voz grave — mas o legado de sua mãe não chega a mil dólares. Descontadas as despesas do funeral, restarão quando muito...

— Mas — balbuciou Nancy, empalidecendo — ainda há bem poucos anos o meu pai lhe deixou para cima de vinte mil dólares. E havia as jóias, esta casa e...

Harry Dodson acenou a cabeça com comiseração.

— Foi a razão porque pedi ao sr. Swanson para cá vir comigo. — Apontou para o homem alto e corado, sentado perto de si. — É corretor e foi quem tratou de todos os investimentos feitos pela sua mãe. Sua mãe perdeu tudo quanto tinha... e esta casa encontra-se hipotecada até aos alicerces. Quanto às jóias... Bem, a verdade é que não encontramos nenhuma.

Ben Swanson acenou vigorosamente a cabeça. — É como ele diz, miss Allen. Sua mãe perdeu muito, mas nada a demovia a parar.

— Não acredito — declarou Nancy. — Minha mãe não era desse género. E nunca acreditarei que se tivesse suicidado.

— Bem, foi a conclusão que chegou o inquérito do «coroner» — observou Dodson, voltando a guardar os papéis na pasta. — Não hesite em me procurar se precisar de mim para qualquer coisa, Nancy.

Pôs o chapéu na cabeça, coxeou para a porta, que manteve aberta para Swanson passar, e acenou-lhe um gesto de despedida.

Virei-me da janela e olhei para Nancy. Ela enfrentou o meu olhar e tentou sorrir. Num gesto impulsivo, levei a mão ao bolso e tirei um pequeno estojo que nessa mesma tarde fora buscar ao ourives. Abri-o e estendi-lho.

— Compreite o anel de noivado. Conquanto não seja uma herdeira rica, quero casar contigo... tão vrebte quanto possível.

Marejaram-se os olhos de Nancy ao olhar o anel.

— É lindo, Bill — disse com voz terna. — Mas... Não posso! Realmente não posso, Bill, sem primeiro...

— Não percebo porque não! — atalhei. — Há meses que andamos a planejar este casamento.

— Bill, preciso de aclarar primeiro o mistério da morte de minha mãe. Tenho a certeza de que ela não se meteu nessas especulações, como me querem convencer. E não creio que se tenha suicidado.

Suspirei.

— Está bem mas o veredicto do coroner...

— Sim, eu sei. E ainda o facto de ultimamente minha mãe não andar a comportar-se como uma pessoa normal. Desde que abraçou aquele culto, não se abria e actuava como se tivesse qualquer grave problema no espirito. Dir-se-ia que andava com medo. E depois, deram-se nestes últimos tempos uma porção de mortes repentinas... Amizades e vizinhos que nem sequer padeciam de qualquer mal. Como a sr.^a Gruber, por exemplo. Certo dia, caiu morta e o «coroner» disse que a morte fora devida a uma ingestão excessiva de ptomaina. Mas não acredito nisso. Há qualquer coisa de estranho nessas mortes, Bill, e para te falar com franqueza, tenho medo.

— Mas que julgas poder fazer, Nancy?

— Não sei, mas preciso de agir em qualquer direcção. Para começar, gostaria de ir à sessão desta noite no templo do culto de Sudi Bey. E após a sessão, quero falar com ele. Talvez minha mãe lhe tivesse confessado qualquer coisa.

— Está bem — concordei. — Iremos à sessão desta noite.

Ao começo da noite, caía uma chuva miudinha. Tirei o carro da garagem e abri a porta. Nancy abriu o guarda-chuva e saiu a correr do abrigo do pórtico de casa.

— Que tempo medonho! — exclamou, batendo a porta.

— Uma noite bem a propósito para uma sessão — Comentei risonhamente. — Se pululam espíritos maus na cidade, não deixaram de sair à rua esta noite.

Não trocámos palavra durante o percurso até ao chamado templo de Rani-Ra. Era uma mansão enorme, de tijolo, com uma entrada imponente. A porta estava toda ornamentada de símbolos místicos, toscamente desenhados.

Empurrei a porta e entramos. Uma criadita recebeu os nossos casacos e indicou-nos uma sala à direita. Segurei o braço de Nancy e dirigi-me para lá. Uma única vela que ardia numa palmaria de metal iluminava a sala.

Tropecei na pesada «carpete» e depois conduzi a minha noiva para duas cadeiras vagas. Sentamo-nos e na penumbra que reinava na sala observámos a assistência que ali se encontrava. Não reconheci uma só pessoa.

Um vulto pequeno e esbelto, envolvendo um vestido branco que lhe chegava aos pés, surgiu à porta e pareceu flutuar até ao centro da sala. O rosto da rapariga era magro, mas tinha umas feições bonitas. Conservava os olhos fechados. O turbante que lhe escondia os cabelos era branco, preso com uma única pedra verde que brilhava como um olho enorme, aos reflexos da vela. Quando chegou ao centro da sala, estacou e ficou imóvel. Quase sem respirar, ficou assim durante alguns minutos. Só então os lábios começaram a mover-se. A princípio, não pude apreender bem as palavras, mas a voz foi-se tornando gradualmente mais forte e só então percebi que a mística aparição entoava uma espécie de melopeia oriental. Todo aquele aparato parecia exercer um efeito sobre as mulheres à minha volta. Algumas começaram a soluçar e uma delas atirou-se de joelhos e beijou a bainha do vestido da rapariga.

— Sudi Bey estará breve conosco — anunciou a rapariga com voz sonhadora. — Aqueles que buscam o Sábio que se preparem. — Sempre de olhos fechados, recuou para uma parede e puxou

um pesado reposteiro que vedava uma segunda porta.

— Vinde! — ordenou, num sussurro enrouquecido. — Vinde à presença de Sudi Bey!

Um gongo ressoou e a porta abriu-se. Todos se levantaram e avançaram para a segunda sala. Passei o braço pela cintura de Nancy. No outro aposento não brilhava qualquer luz e a escuridão era impenetrável. Hesitei à porta, até que alguém me segurou a mão e me conduziu no escuro. Apertei com mais força a cintura de Nancy. Mãos impeliram-me para uma cadeira e senti que Nancy se sentava a meu lado.

Seguiu-se um movimento de corpos em volta, e depois o silêncio reinou na sala, apenas entre-cortado pelo respirar da assistência. De subito, começou a nascer um clarão que gradualmente se foi tornando mais forte, e lobriguei o vulto de um homem sentado numa espécie de trono talhado, no extremo da sala. Estava vestido de preto dos pés à cabeça — turbante, robe e sapatos — e o seu rosto azeitonado e redondo parecia em repouso. A medida que a luz se tornava mais forte, abriu os olhos e mirou-nos.

— Nós te saudamos, ó Sudi Bey! — murmurou uma voz.

Os lábios do místico moveram-se. — Não há outro Deus além de Alli... e Mohad é o seu Profeta.

— Amen — respondeu uma voz. — Rani-Ra é o Amado de Mohad — entou o místico — e este é o templo do Sábio. Aqueles que procuram a sabedoria de Alli devem unir os corpos, as almas e os pensamentos. Quando isto se fizer, os crentes fiéis serão chamados.

Começou a cerrar lentamente os olhos, à medida que o clarão ia morrendo. Notei que as cadeiras estavam dispostas num semi-círculo, de frente para o trono, e que a congregação era constituída por uma dúzia de pessoas, homens e mulheres. Naquele momento, davam-se solenemente as mãos, curvando a cabeça sobre o peito

em atitude de oração. Segurei a mão da mulher sentada à minha direita. Não pude ver quem era. A escuridão voltou a reinar na sala.

O tempo foi passando. De vez em quando, ouvia-se o movimento imperceptível de um corpo e, em dado momento, a mulher cuja mão eu segurava na minha estremeceu violentamente. Tentei enxergar na escuridão, mas foi inútil. Ouvi uma tosse abafada, um suspiro, o ranger de uma cadeira, mas gradualmente até mesmo o arfar das respirações foi desaparecendo e a sala pareceu crescer tornar-se mais fria e mais vazia.

— Nancy — sussurrei.

— Shh! — fez ela, apertando-me os dedos.

Começava a sentir a mão direita dormente. Havia já minutos que a mulher sentada a meu lado não movia um único músculo. Cautelosamente, fleti os dedos, confiante que ela não iria interpretar mal o meu gesto. Não se mexeu. Os meus dedos continuaram inertes, como se estivesse...

Um arrepio percorreu-me a espinha.

— Nancy!

— Caluda, Bill...

— Já estou farto deste disparate! — exclamei em voz alta, libertando a mão. Abandonei também a mão da mulher a meu lado e ouvi-a cair pesadamente, fazendo um ruído cavo quando bateu contra a cadeira. — Vamos embora daqui!

— Bill, por favor! Vais...

Encontrei o isqueiro e acendi-o. A chama não tardou a extinguir-se, mas eu já vira o suficiente. O semicírculo de cadeiras estava vazio. A única pessoa presente na sala, tirando nós os dois, era a mulher cuja mão eu tivera na minha... e essa tinha a garganta aberta de uma orelha à outra!

(Continua)

HUNTERMATIC

Cortébert

O RELÓGIO QUE TODO
O MUNDO PREFERE

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JANEIRO DE 1963

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUCAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95. Rua Nova do Almada
LISBOA

**RETRATOS
EM 10 MINUTOS**
Para passaporte, passes
e B. Identidade, etc.
FOTOFILME - Rossio 197
Tel. 323192
(do lado da Pastelaria Suíça)

**MATERIAL DIDÁCTICO
PARA
ESCOLAS INFANTIS**
GRANDE VARIEDADE
RUA DE SANTA MARTA, 29-A

Proteja a saúde do seu fiel companheiro, O CÃO,
tornando-o a si feliz com o seu bem-estar
USANDO



**PULVEX
SOPEX
KURMANGE**

3 PRODUTOS - 3 CERTEZAS - 3 GARANTIAS

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

CASA CASSELS

LISBOA

PORTO

CARIMBOS

Rápido e perfeito, ANIBAL, gravador
Rua Nova do Almada, 64. T. 326162

FOLHA-DE-FANORES - Sem-
pre a preços muito acessíveis.
CICC, LDA. - Rua D. João 7-13
- LISBOA - Telef. 684.4100

PAGINA 13

Diário de Lisboa

Problemas da Universidade

(Continuação da 1.ª página)

Letras e Ciências, que constituem a Universidade o último resíduo de estudos desinteressados, se desajam acompanhar os progressos das ciências que aí se professam e das respectivas aplicações, carecem de orientar o ensino na preparação profissional que exige na sua base uma qualificação técnica: químicos e geólogos, formados pela Faculdade de Ciências, psicólogos e sociólogos, pela de Letras, são apenas exemplos entre muitos que poderiam ocorrer.

Uma profissão é uma arma para a vida: uma arma que apenas é eficaz na medida em que se domina a destreza do seu manejo. É preciso conhecer as regras de um ofício, ser hábil na sua aplicação e eficaz nos resultados. O ensino (no sentido amplo que engloba tanto o ensinar como o aprender) tem de orientar-se, resolutamente e com sacrifício de outros aspectos, aparentemente mais nobres, no sentido de dar aos diplomados uma qualificação profissional que os acredite e que acredite as escolas onde provém. Mas a Universidade, em qualquer dos numerosos ramos do seu ensino, não deve limitar-se a preparar profissionais porque carece de ministrar a todos eles o substrato de uma cultura que enquadre, oriente e justifique a profissão.

A atitude de um universitário bem formado é a de enfrentar cada aspecto da sua acção profissional como um problema a resolver e não uma receita a aplicar. É evidente que a capacidade de colocar problemas de uma maneira nova, ou de encontrar soluções originais para os problemas correntes, varia muito com as aptidões e a ilustração de cada um. Em toda a profissão há uma rotina que é tanto mais eficaz quanto mais perfeitamente se mecanizar. Mas a técnica foi posta nas mãos do homem para servir as suas necessidades e anseios; só é capaz de os compreender aquele a quem um ensino bem conduzido despertou o espírito para tudo o que, no homem e no Mundo, é permanentemente novo, original e inesperado.

Esta atitude de vigilância, com que se tempera a inevitável rotina de todas as profissões, é a cultura que a dá.

Não desejava embrenhar-me no conteúdo teórico desta palavra. Praticamente emprego-a no sentido de uma visão interadora do mundo e do homem, que cada um deve procurar constituir para seu uso próprio e que toda a escola deve ajudar a formar.

Será possível ensinar isto? Creio que não. Como é, por um lado, impossível abranger toda a bagagem de uma pessoa culta em qualquer ensino que não corra o risco de, pelo contrário, a imbecilizar, e por outro, não há uma receita de cultura única para todos, só a liberdade de um ensino reduzido de matérias obrigatórias deixará ao estudante tempo para ler, escutar conferências sobre vários assuntos, ouvir música, visitar obras de arte, interessar-se pelos progressos das ciências e das técnicas e preparar-se para constituir uma opinião fundamentada acerca dos graves problemas políticos, económicos e sociais do mundo dos nossos dias.

Não é lícito a qualquer pessoa culta ignorar as páginas imortais de um Bach ou de um Beethoven; receita: um curso de história da música, mesmo para quem nem saiba solfejo. O lugar dos romances de Dostoiévski e de Tolstói é de tanto relevo na literatura universal que é indispensável algum convívio com estes autores: remédio — um curso de história da literatura russa... estudada através das traduções francesas. As grandes teorias da Biologia moderna modificaram de tal modo as ideias correntes sobre determinismo e liberdade no comportamento humano, a teoria da relatividade transformou de tal maneira a visão do Universo, que não é lícito desconhecer, tanto quanto é possível aos não iniciados, os resultados principais nestes importantes ramos da ciência: logo — um curso sobre a hereditariedade para quem nunca espreitou por um microscópio, outro sobre as ideias de Einstein para quem já não é capaz de extrair o valor de X a uma equação do primeiro grau.

Estes exemplos não são uma caricatura, mas uma demonstração: tudo isto se aprende numa conversa, na alusão discreta de uma aula que suscite a leitura desinteressada, numa conferência ocasional, no convívio, tão necessário e proveitoso, com estudantes e professores de outras Faculdades, desde que não seja assunto obrigatório de uma ingurgitação de cultura, que só servirá para criar espíritos superficiais, mocinhos pedantes, quando não autênticos e deploráveis cretinos.

Independentemente desta variedade

de assuntos, onde a liberdade de ensinar e de aprender tem de ser praticamente total, há matérias que conviria prolongar obrigatoriamente além do liceu, considerando este ensino, tão fora dos moldes correntes, como uma experiência a ser cuidadosamente acompanhada, modificada ou até suprimida no que não resultasse. A língua, como instrumento de expressão e como forma de penetrar na estrutura lógica do pensamento, é uma ferramenta que todos carecem de manejar com destreza. Enquanto não for possível (ou se não for mesmo possível) ensiná-la no liceu, é indispensável fazê-lo na Universidade, libertando o estudante do que reputo uma das mais graves deficiências da sua preparação anterior. Uma convergência de ciências sociais que colocasse os técnicos perante as responsabilidades das respectivas profissões constituiria, adaptada a cada escola, outra pedra basilar deste ensino.

Não custam a aceitar os melindres de que se reveste um ensino deste tipo e eu próprio teria muita dificuldade em enunciar, sequer a título exemplificativo, um esquema de orientação. Apenas poderia resultar de um esforço de conjunto e da vontade de muitos dos que ensinam e da maioria dos que aprendem. Mas nem só a facilidade é atractiva e qualquer professor, consciente das suas responsabilidades, não pode deixar de considerar o ensino como um campo de experiência, como uma sementeira das mais ousadas e incertas novidades...

ORLANDO RIBEIRO

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — A's 15 e às 21 e 15: «Dom Roberto» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Cavaca* — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); *Flama* — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); *Confiança* — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 931149).

QUELUZ — *Correia* — Largo do Mercado, 3 (Tel. 950905); *Zeller* — Rua da Republica, 83 (Tel. 950043).

SINTRA — *Misericórdia* — Largo Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M. A. D. (T. 931690).

MEM MARTINS — *Químia* — Estrada de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

VENDA NOVA — *Nova* — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 930120).

Os raguebistas do C. D. U. L.

finalistas do «Torneio de Abertura», em raguebi

As meia-finais do Torneio de Abertura tiveram um resultado surpreendente. Referimo-nos à clara e nítida vitória do jovem «quinze» do C. D. U. L., sobre os campeões nacionais, o Benfica.

Triunfo indiscutível, corolário natural de uma exibição que não permitia outra decisão, pois as melhores jogadas pertenceram sempre aos universitários.

O Benfica tentou impôr o seu jogo de avançados mas os «cdules», com decisão e valentia, conseguiram impedir o desenvolvimento desses lances embora, por vezes, tivessem de prender a bola, falta que, o árbitro não puniu com a devida severidade, permitindo retenções de bola injustificadas.

No jogo aberto, porém, o C. D. U. L. evidenciou nítida superioridade na recepção, execução dos passes e no aproveitamento dos lances do jogo.

Essa mesma atenção originou a obtenção do ensaio do três quartos, Meneses, que, ao ver o seu companheiro, Tavares, aproveitar um mau passe de um benfiquista, o apoiou recebendo depois a bola, isolado, o que lhe permitiu embalar irresistivelmente, para a área de validação do Benfica, conseguindo marcar mesmo no meio dos postes. Castro Pereira transformou facilmente e fixou o resultado, em 8-0.

A melhor valia da movimentação dos jogadores do C. D. U. L. não conseguiu o Benfica replicar, pois «fechou» demasiadamente o jogo, não dando possibilidades às linhas atrasadas. A complicar mais a situação veio a lesão de Caldas, que adicionada às faltas, por motivo de castigo, de Tenreiro, Bruno e Borges da Silva, mais enfraqueceram o conjunto dos tricampeões nacionais.

Para mais a tática usada foi a pior, sem aproveitarem a sua superioridade física, com a execução de pontapes a seguir género «up and under». Dada a pouca profundidade da defesa do C. D. U. L. e o tempo chuvoso, era o sistema a utilizar, dado o poder de percussão dos seus avançados. Entre os vencidos, apenas Barbosa merece destaque. Nos vencedores, o conjunto merece destaque.

O C. D. U. L. está, mais pela exibição do que pela vitória, a colher os frutos de ter conseguido captar uma boa quantidade de estudantes liceais. Esta política veio dar-lhes a mais baixa média de idade e a juventude dos seus jogadores compensa bem, a sua menor maturidade tática e resistência.

Agradou-nos tanto a exibição do «quinze» universitário que, se repetirem, no próximo domingo, a exibição, serão certamente os vencedores do Torneio de Abertura.

A nossa opinião baseia-se na fraca exibição feita pelo Benfiquista, frente ao Sporting. Conquanto tenham ganho, fizeram-no, difícil-

mente, graças ao bom aproveitamento de Octávio, de uma má recepção de bola dos sportingistas.

Os «azuis» mais coesos, rápidos, organizados e beneficiando da ligação perfeita entre os seus médios, dominaram, mas perderam lances sobre lances por má transmissão do oval.

O Sporting, constituiu uma equipa lutadora, combativa mas completamente desmiolada, sem uma jogada aceitável.

As arbitragens continuam a permitir confusões por não cumprirem com o preceituado nas leis 16 e 17.

Este descaro é a razão do defeito que os jogadores franceses notaram como o mais evidente nos nossos raguebistas. O árbitro internacional, que os acompanhou, disse-nos que os árbitros portugueses deveriam ser severos para com os jogadores que retivessem a bola, pois tal prática é contra o espírito do jogo.

Temos pena que o sr. Andrieux, chefe do Comité de Arbitros do Sudoeste, não tivesse feito uma palestra aos nossos árbitros, mas a Comissão Central não ocorreu tal ideia. Naturalmente porque já sabem tudo...

A selecção de Lisboa louvada

No seu ultimo comunicado, a Federação Portuguesa de Rugby informa ter decidido:

— Louvar o seleccionador, dr. António Mário Carqueijeiro, pela boa orientação dada à selecção de Lisboa;

— Louvar todos os componentes da selecção pelo apurmo, brio e dedicação demonstrados;

— Agradecer ao Benfica e ao C. D. U. L. a maneira atenciosa e o espírito de colaboração demonstrados com a cedência das suas instalações para os treinos da selecção.

«FLY-HALF»

JÁ SE JOGA

o futebol americano no Polo Sul

WELLINGTON, 7 — O futebol americano foi jogado pela primeira vez no Polo Sul. Jogando na faixa de aterragem de gelo comprimido da Marinha dos Estados Unidos, a uma temperatura de 30 graus abaixo de zero, uma equipa naval derrotou por 6-0 um grupo de cientistas do programa de pesquisas no Antártico.

Um correspondente afirmou que a violenta ventania que varria o campo improvisado e a atmosfera rarefeita a uma altitude de 3050 metros tornaram «pouco ideais» as condições do jogo. — (R.).

O JUVENTUS

alcançou o MILAN no comando da classificação

ROMA, 7. — Resultados dos encontros disputados para a 16.ª jornada do campeonato da Itália:

Atalanta-A: S. Roma, 3-1; Juventus-Veneza, 2-1; Lanerossi-Fiorentina, 1-0; Mantua-Bolonha, 0-1; Milan-Catania, 0-0; Nápoles-Torino, 2-2; Palermo-Sampdoria, 1-1; Modena-Internazionale, 0-0 e Génova-Spal, 0-0.

O Internazionale e o Juventus estão à frente da classificação, com 23 pontos, seguidos do Bolonha, com 22; do Lanerossi e do Spal, com 20; do Atalanta, com 19 e do Fiorentina e do Milan, com 18. — (F. P.).



ENGENHEIRO

LUÍS AFONSO GARISO
DO CARMO

Missa do 3.º Aniversário

Os corpos gerentes da SOREFAME — Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S. A. R. L., participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, no próximo dia 8, terça-feira, às 8.30 horas, na igreja paroquial de Benfica, desde já agradecendo a todas as pessoas que se dignem comparecer a este piedoso acto.



HERMES
A MARCA SUIÇA CONSAGRADA



Apresenta
A famosa máquina de escrever portátil com fita de duas CORES



HERMES Baby
A máquina mais imitada mas jamais igualada

PODE SER AGORA ADQUIRIDA CONTRA PAGAMENTO MENSAL DE **100\$00** SÓMENTE

HERMES Baby é um produto PAILLARD de confiança absoluta!

DIRIJA-SE HOJE MESMO AOS DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES
M. SIMÕES JR. LDA

Rua do Prato 68, Telef. 21945-LISBOA; R. Sto. António, 208-Telef. 25582-PORTO



**«QUEEN ANNE»
SCOTCH WHISKY**

NO REINO DAS BEBIDAS QUEEN ANNE É A RAÍZ

Agentes:
JOSE M. DE SOUSA & FILHO, LDA.
Rua Victor Cordon, 15-17
Telefone 328974 — LISBOA



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARIDAS	DESTINO
LINHA DE ÁFRICA	
«LUANDA» 15 de Janeiro	Com escala por LEIXÕES, para S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega até 12 de Janeiro.
«UÍGE» 19 de Janeiro, às 16 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 11 a 14 de Janeiro.
«IMPÉRIO» 26 de Janeiro, às 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA (se necessário) e PORTO AMÉLIA. Carrega até 23 de Janeiro.
«INFANTE DOM HENRIQUE» 2 de Fevereiro, às 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega em Lisboa até 30 de Janeiro.
«LUGELA» 8 de Fevereiro	Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário).
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 11 de Fevereiro, às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAO, PORTO RICO e PORTO EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagem

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 369621/8—PORTO: R. Infante D. Henrique, 9—Tel. 23342

Boletim do dia

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 7 de Janeiro de 1933 publicava:

«Como noticiámos, o conselho de ministros deve ocupar-se hoje do caso do general grego Georges Paraskevopolis, cuja extradição é pedida pela Suíça a pretexto de um delito que aquele país classifica de burla, não obstante não o ser: porque se reduz, segundo a documentação apresentada, a uma dívida vulgar.

Dissemos ontem, a tal respeito, que não existe qualquer tratado entre o Governo suíço e o nosso, que obrigue à extradição. Não é bem assim. Existe, de facto, não um tratado mas uma convenção, datada de 1873. Porém, o delito atribuído ao general Paraskevopolis é que não está previsto nesse diploma, só podendo atribuir-se o pedido de extradição a qualquer conveniência que a Suíça tenha de entregar o preso à Grécia onde está condenado à morte por motivos de natureza política.

RÁDIO

EMISSIONA—Programa A—451 m—655 kc./s.—As 17: Fados; 17 e 30: Estrela da tarde, programa juvenil; 18: Noticiário; 18 e 10: Música de dança; 18 e 45: Crónica tauromáutica; 19: Alegria no trabalho, programa da F. N. A. T.; 19 e 30: Variedades; 20: Valsas, pela orquestra de Michael Lannér; 20 e 15: Jornal sonoro; 20 e 35: Canções portuguesas; 21: Noticiário—Crónica de Angola; 21 e 40: Que quer ouvir?; 22: 10.º episódio do folhetim «El-Rei»; 22 e 20: Bailarico; 22 e 45: 2.ª emissão de jornal sonoro; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: De tudo um pouco; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

Programa B—397 m—755 kc./s. As 18: Cantata do tenor Leopoldo Simo-neau; 18 e 20: «Sonata, op. 40, em ré menor» (Chostakovitch); 18 e 45: «Suite n.º 1, em sol maior» (Purcell); cravista, Thurston Dart; 18 e 50: Noticiário regional; 19: «Sinfonia n.º 104, em ré maior, op. 98, n.º 1» (Londres» (Haydn); 19 e 30: Concerto, pelo Coro Harmonia e conjunto instrumental, dirigido por Friedrich Wilhelm Verner; 19 e 53: «Le Mariage de La Cathos» (Philidor), pelo Collegium Musicum de Paris; 20: Noticiário; 20 e 15: Encerramento.

VIDA MUSICAL

(Continuação da 4.ª página)

Não impediu que se impusesse a robusta e ágil virtuosidade do solista, mas Chopin negou-se a iluminar-nos com a tenra poesia dos seus 20 anos.

Concerto de órgão na igreja de S. Roque

O organista A. Silbertin Blanc, que desempenha em Lisboa actividades de professor no Centro de Estudos Gregorianos, atraiu-nos à igreja de S. Roque para ouvir o seu anunciado recital «em louvor do nascimento de Jesus». A cultura e o natural pendor do organista ficaram logo demonstrados pela escolha das obras, de autores franceses na sua quase totalidade, abrindo, e muito criteriosamente, uma única excepção para J. S. Bach, de velha cepa alemã, e modelo supremo desta modalidade do pensamento musical.

Os velhos organistas franceses estiveram representados por D'Aquin (mais vulgarmente Daquin), e N. le Bègue, de piedade singela e puro estilo, e pelos modernos Marcel Dupré, que deixou ante-ter a sua espantosa virtuosidade de executante e o seu eclectismo de compositor numas longas Variações, e Olivier Messiaen, que numa curta página condensa o seu misticismo que qualificamos de voluptuoso, expresso numa linguagem verdadeiramente original.

A. Silbertin Blanc move-se como um executante muito sério, talvez também condicionado pela natureza do órgão de S. Roque (que gostaríamos de ver de perto, quando nos seja possível). O professor e concertista, como manda a praxe dos artistas da sua formação, realizou um desenvolvimento improvável sobre uma melodia de Natal português, explorando as suas fauldas de construção mais do que as de caracterização.

FRANCINE BENOIT

Concerto, pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Silva Pereira, em que colabora a violoncelista Madalena Moreira de Sá e Costa Gomes de Araújo; 21: Música de tecla, de Chopin, por Alexandre Brailowsky; 21 e 4: 2.ª parte do concerto sinfónico; 22: Programa internacional «A Voz do Ocidente».

Modulação de frequência de Lisboa e Porto—As 22: Transmissão em gravações cedidas pelo Österreichischer Rundfunk, do 2.º acto da ópera «A Flauta Mágica», de Mozart; 23 e 30: Música sinfónica, de Francisco Mignone; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

RADIO CLUBE—As 17 e 30: Motivos portugueses; 17 e 45: Noticiário; 18 e 30: Cantares de Espanha; 19: Orquestras e canções; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Brasil; 20 e 45: Artista; 21: Noticiário; 21 e 30: Imagens por música; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22 e 15: Cantares de Espanha; 22 e 30: Solistas; 22 e 45: Canções; 23: Variedades; 23 e 45: Noticiário; 0 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

EMISSIONS ASSOCIADOS—Das 17 às 22: Rádio Graça; das 22 à 1: Rádio Peninsular; da 1 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal; 19 e 45, «Falande de Música»; 20 e 10, Loretta Young, «Show»; 20 e 35, Culinária, por Maria de Lurdes Modesto; 21 e 20, Telejornal; 21 e 45, Transmissão dos Estudos do Porto: «O Diabo foi aos ninhos», de Anselmo Lopes Vieira, com interpretação de Dalila

Rocha, Alda Rodrigues, Nita Mercedes, Dina Gonçalves, Maria Augusta, Fernando Rocha e Monteiro Meireles; 22 e 15, Variedades, com Lina Maria, Carlos do Carmo, Lúcio dos Santos e Orlando Silva e o Conjunto de Costa Pinto; 22 e 45, Figuras e Factos do Domingo Desportivo; 23 e 15, Episódio da série «Deputy»; 23 e 40, Últimas notícias e Boletim Meteorológico.

Amanhã, às 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal; 19 e 45, Episódio da série «Guilherme Tell»; 20 e 10, Onde a Ciência começa; 20 e 25, «Paralelo» — programa dedicado à Exposição de Arte Negra no S. N. I., das peças recolhidas por Vitor Bandeira e Françoise Carrel, com a presença dos expositores, do escultor Lagoa Henriques e do crítico Fernando Guedes; 20 e 50, O «Manda Chuva» (desenhos animados); 21 e 20, Telejornal; 21 e 45, Espectáculo 63; 22 e 10, «7.ª Arte»: «O Monte dos Vendavais», com Laurence Olivier; 24, Telejornal e Boletim Meteorológico; 0 e 10, Fecho.

MARÉS

PREIA-MAR
Dia 7 — As 0 e 40 (3,76 m);
13 e 05 (3,80 m).
Dia 8 — As 1 e 35 (3,92 m);
14 horas (3,89 m).
Dia 9 — As 2 e 31 (4,08 m); 14 e 59 (3,96 m).

BAIXA-MAR
Dia 7 — As 6 e 25 (1,11 m);
19 e 01 (1,05 m).
Dia 8 — As 7 e 21 (0,95 m);
19 e 46 (0,95 m).
Dia 9 — As 8 e 18 (0,85 m); 20 e 30 (0,90 m).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda	C.ª Diversas	Efec.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	653\$00	—	653\$00	Cimentos Tejo	—	—	—
Cons. 3 % T. 10 ...	692\$00	690\$00	693\$00	Cimentos Leiria	—	—	—
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	—	—	806\$00	Crédito Predial	38\$50	38\$50	38\$70
Centenários 4 % 1940...	—	—	1.855\$00	Industrial Aliança	—	—	—
Obg. Tes.2 1/2 % 1942	—	1.013\$00	—	Portugal e Açores	—	570\$00	590\$00
Obg. Tes.2 1/2 % 1943	—	1.013\$00	—	Nacional Navegação ...	—	620\$00	670\$00
Obg. Tes.2 1/2 % 1944	—	1.013\$00	—	Colonial Navegação ...	—	460\$00	—
Externo 1.ª série	—	—	1.130\$00	Port. de Celulose	—	3.000\$00	—
Ext. 1.ª série car.	1.130\$00	1.130\$00	1.135\$00	Portuguesa de Pesca...	—	—	960\$00
Externo 2.ª série	—	—	1.140\$00	Port. de Tabacos	—	218\$00	222\$00
Ext. 2.ª série car.	—	—	—	Tabacos de Portugal...	—	400\$00	—
Externo 3.ª série	—	—	1.350\$00	Aguas. Electricidade e Gás	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	—	1.350\$00	Aguas Lisboa 1934.....	—	340\$00	—
Caut. 3.ª série s/l.	220\$00	218\$00	—	Ag. Lisboa 1938.....	—	335\$00	—
				Eléct. das Belras	1.650\$00	—	1.680\$00
				Gás e Electricidade ..	296\$00	295\$50	296\$00
				H. Alto Alentejo	148\$00	147\$50	148\$50
				H. E. Cávado	—	1.095\$00	1.110\$00
				H. E. Zêzere	1.210\$00	1.200\$00	—
				Nac. de Electricidade ..	—	1.200\$00	—
				União Eléctrica Port.	144\$50	144\$50	145\$00
				H. E. do Douro	1.035\$00	1.035\$00	1.045\$00
				H. E. Portuguesa	—	—	—
				H. E. S. Estrela	—	—	—

Obrigações	Efec.	Compra	Venda
Aguas Lisboa 5 %	—	490\$00	—
Norte de Portugal 5 % ..	101\$00	100\$50	101\$00
Gás Elect. 3 3/4 % ...	—	935\$00	945\$00
Gás Elect. 4 %	950\$00	—	950\$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	980\$00	980\$00	990\$00
Gás Elect. 5 %	1.000\$00	995\$00	1.000\$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	97\$00	96\$50	97\$50
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	990\$00	990\$00	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
C. P. 4 1/2 %	1.000\$00	998\$00	1.000\$00
Metropolitano	942\$00	940\$00	942\$00

Acções	Efec.	Compra	Venda
Alentejo	520\$00	512\$00	530\$00
Angola	—	—	1.900\$00
Espirito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	1.940\$00	1.980\$00
Portugal	1.950\$00	1.940\$00	1.980\$00
Ultramarino	1.130\$00	1.130\$00	1.135\$00
Agricultura	—	45\$00	48\$00

Seguros	Efec.	Compra	Venda
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	280\$00	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	—	1.700\$00

C.ª Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Ag. Casseque	515\$00	515\$00	520\$00
Ag. das Neves	—	—	—
Agríc. Colonial	—	—	—
Açúcar de Angola	515\$00	510\$00	520\$00
Boror	—	—	—
Cabinda	—	—	—
Cadã	—	750\$00	—
Colonial do Buzi	80\$00	78\$00	80\$00
Ilha do Príncipe	—	—	—
Incomat	—	—	—
Mocambique	—	—	—
Dambéla	—	44\$50	47\$00
Zambézia	405\$00	405\$00	—
Lobito	—	317\$00	325\$00

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 6 anos)

AVIS — «Tombola».

CINEMAS

CIRCO

COLISEU — A's 21 e 30 — Circo do Natal.

(Para maiores de 12 anos)

CINEMAS

TIVOLI — «Barrabás».

S. LUIS — «Hatari».

S. JORGE — «Os 3 sargentos».

MONUMENTAL — «Revolta na Bounty».

POLITEAMA — «Barrabás».

ODEON — «A rainha do chatecler».

ALVALADE — «Hatari».

RESTELO — «O sr. Hobbs vai de férias».

OLIMPIA — «A sangue e fogo».

LYS — «Sete noivas para sete irmãos».

CAMPOLIDE — «A revolta dos gladiadores».

ARCO-IRIS — «O segredo da selva».

ROYAL — «Atlas».

JARDIM CINEMA — «A guerra de Troia».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

NACIONAL — As 21 e 30 — «Os Malas».

MARIA VITÓRIA — A's 20 e 45 e às 23 — «Põe-te a pau!».

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Os direitos da mulher».

IMPERIO — A's 18 e 30 — «Os 3 chapéus altos».

ABC — A's 20 e 45 e às 23 — «O gesto é tudo».

CINEMAS

IMPERIO — «Eva».

CONDES — «Carícias de luxo».

ROMA — «Carícias de luxo».

EDEN — «A segunda mulher».

CAPITOLIO — «Mãos criminosas».

CHIADO TERRASSE — «Prisioneiros da noite».

S. L. BENFICA — «As aventuras de Hajji Baba».

SAIAO LISBOA — «Ritmos modernos».

IDEAL — «Uma tia dos diabos».

PROMOTORA — «Os canhões de Navarone».

FARMÁCIAS

TURNO I

AJUDA — Caramão da Ajuda, Est. da Cruz, 20-C-D (633248).

ALCANTARA — A. César, R. Prior do Crato, 74 (660187).

ALMIRANTE REIS — Candido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (45751) * Gois, Lda., Suc., R. dos Anjos, 12-C-D (840101).

ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277).

ALVALADE — Sanex, Av. da Igreja, 31-C (776905) * Aeroporto, Av. do Aeroporto, lote 318 (722384) * Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (721409).

AREIRO — Nova Lisboa, R. Guilherme Suggia, 12 (77721) * Algarve, Av. de Roma, 7-B (777478).

AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da República, 58-D-E (771661) * Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) * Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 14 (41845) * Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).

BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr. da Alegria, 27-28 (321149) * Valadas, Suc., R. da Madalena, 235 (326260) * Cortez, R. S. Nicolau, 93 (325378).

BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34 (784838) * Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548).

BELÉM — Gomes, Suc. (Gonçalves), R. da Junqueira, 326 (638193).

BOM SUCESSO — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63 (611454).

CAIS DO SODRE — Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (369120).

CAMÕES — Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96 (321534).

CAMPO GRANDE — Cabrita, Campo Grande, 220-222 (772397).

CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) * Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 1-9 (662838).

CAMPOLIDE — Judice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424).

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969).

CONDE DE REDONDO — Salua, R. Luciano Cordeiro, 73 (42239).

ENTRECAMPOS — São Miguel, P. Francisco de Moraes 1 (771469).

ESTEFANIA — São Jorge, Av. Ro-visco Pais, 32-A-B (734027).

ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta Possidónio da Silva, lote 3 (669485) * Rodrigues & Aires, Rua da Lapa, 52-54 (662246).

GRACA — Silva, Calç. de Santo André, 16 (862074).

LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790484).

OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237).

PALHAVA — Curie, Av. Madame Curie, 15-A (778439) * Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162 (761035).

PAMPULHA — Pinheiro, R. Presidente Arriaga, 16 (661867).

PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, n.º 16-A, Bairro de Santa Engrácia (728395-720703).

POMBAL — Ribeiro & Castro, Rua Braamcamp, 58 (43409).

DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Conceição, Calç. de D. Gastão, 30-32 (381279) * Pereira, Suc., R. do Paraíso, 98-100 (863224) * Branquinho, R. dos Sapadores, 87 (842725).

SANTO AMARO — Dilema, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) * Costa, R. dos Lusíadas, 32 (636704).

SÃO BENTO — Confiança, Praça das Flores, 59 (327901).

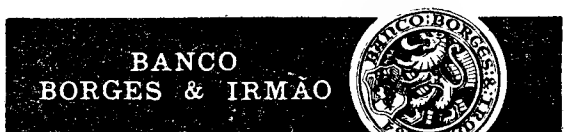
VÃO INAUGURAR-SE

as novas instalações

da Junta de S. Jorge de Arroios

Com a presença do ministro do Interior, chefe do distrito, presidente da Câmara e outras entidades, inauguram-se, no próximo dia 9, às 18 horas, as novas instalações da Junta de Freguesia de S. Jorge de Arroios.

Os serviços da junta ocuparão dois andares, para tal fim adaptados, compreendendo, além dos serviços de secretaria, escola primária para ambos os sexos (120 crianças), cantina, refeitório da Sopa dos Pobres e serviços médicos. Estes funcionam já desde 1955, destinando-se a famílias indigentes e pobres da freguesia.



PAISES	COMPRA	VENDA
<i>Notas:</i>		
Africa do Sul	38\$00	39\$00
Alemanha	7\$05	7\$25
América:		
Dólares de 1 a 2	28\$30	28\$60
Dólares de 5 a 1000	28\$50	28\$80
Argentina	118,5	\$22,5
Austria	1\$10	1\$15
Bélgica	\$56,5	\$58,5
Brasil	\$03,3	\$04,3
Canadá	26\$20	26\$70
Congo	\$10	\$14
Dinamarca	4\$05	4\$25
Espanha	\$47	\$48
França (N Franco) ...	\$575	\$590
Holanda	7\$85	8\$10
Inglaterra	79\$50	81\$00
Itália	\$04,53	\$04,7
Marrocos	5\$15	5\$45
Noruega	3\$90	4\$10
Suécia	\$540	\$570
Suíça	6\$58	6\$73
<i>Ouro:</i>		
Inglaterra (Libra) ..	281\$00	291\$00
Portugal — Barra	32\$30	33\$00
Portugal — Barra fino	32\$50	33\$20

Os «capacetes azuis» retomarão a ofensiva se Tschombé não ceder

(Continuação da 1.ª página)

Os seis pontos do plano para a reintegração são os seguintes:

1—Uma missão administrativa chefiada por Kalala, secretário-geral do serviço público, foi convidada a ir para Elisabethville, a fim de assumir temporariamente a administração daquela província. O pessoal katanguês e os conselheiros estrangeiros serão mantidos nos seus actuais cargos.

2—Os gendarmes katanguês que entrarem para as forças armadas do Congo antes de uma data a fixar mais tarde pelo Ministério da Defesa conservarão as suas actuais patentes.

3—A legislação congolense sobre divisas e comércio externo será a partir de então aplicada à Katanga, bem como a todas as outras províncias.

4—O Governo pediu ao Conselho Monetário congolês para designar um director a fim de assumir o «controlo» do Banco da Katanga. Nenhuma disposição será tomada contra o actual pessoal do banco.

5—O dinheiro katanguês será retirado da circulação e emitido em seu lugar dinheiro congolês. Os possuidores de francos da Katanga não sofrerão qualquer prejuízo com a troca.

6—O Governo pediu ao Fundo Monetário Internacional para dotar

o Conselho Monetário com uma equipa de peritos, a fim de desempenhar a sua missão. — (R.).

AS INTENÇÕES DA O. N. U.

PARIS, 7 — A paralisação das hostilidades na Katanga é tida nos círculos informados da O. N. U. por uma pausa destinada a permitir que o presidente katanguês ceda. A marcha dos «capacetes azuis» sobre Kolwezi, último ponto de apoio de Tschombé, poderia recomençar se este se recusasse a ceder.

No entanto, a O. N. U. desejaria evitar o desaparecimento de Tschombé do tablado político, rejeitando que isso levasse a uma guerrilha que, para ser dominada, requeria tempo e meios consideráveis de que a organização internacional não dispõe. Igual ponto de vista foi manifestado por Washington e Bruxelas, que, neste fim de semana, dirigiram apelos ao presidente katanguês. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos continuam a mandar material para os «capacetes azuis».

Os dirigentes katanguês preparam, entretanto, o prosseguimento da guerra contra a O. N. U., continuando a apresentar-se como os chefes efectivos da província. O ministro do Interior, Godefroy Munongo, falando numa aldeia próxima da fronteira rodésiana, afirmou que «todos os katanguês, homens e mulheres, receberam instruções para se considerarem soldados e resistirem à integração da Katanga no Congo».

Por outro lado, a integração da Katanga no Congo começa a traduzir-se em factos. O «Éssor du Katanga», favorável a Tschombé, foi encerrado por ordem das autoridades onusianas e o material posto à disposição do departamento da Informação que o Governo central congolês vai abrir em Elisabethville. Muitos funcionários de Leopoldville já começaram a trabalhar na capital katanguês. — (F. P.).

Um retrato de Filipe em trajos menores...

LONDRES, 7. — Numa galeria de Arte de Londres está exposto um retrato do príncipe Filipe da Inglaterra em trajos menores, obra do jovem pintor Barry Fantoni.

O quadro, marcado com o preço de 47 libras e cinco xelins (o equivalente a 3780 escudos), mede um metro por noventa centímetros e representa o duque de Edimburgo de pé, em roupa branca, mas de suspensórios, peugas e sapatos pretos. A sua volta estão dispostos um uniforme da Marinha, calças de montar e colete para o polo, um saíote escocês do «Clan», dos Stuarts, um «Sweater» para velejar e uma farda de chefe de escuteiros. — (A. N. I.).

Macmillan planeia um eixo Bonn-Londres —segundo jornais alemães

BONN, 7 — Quando o ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Ocidental, dr. Gerhard Schroeder, se preparava para partir de avião para Londres, dois jornais da República Federal aventuraram a possibilidade do primeiro-ministro britânico ter planeado «um eixo Bonn-Londres».

O jornal pró-cristão-democrático «Kölnische Rundschau», de Colónia, diz em artigo de fundo:

«A Grã-Bretanha sabe que ficou internacionalmente desvalorizada com a reunião Macmillan-Kennedy...»

«A chefia americana sobre o mundo ocidental está a ser reconhecida, mas Londres não está disposta a aceitar sem algumas reservas esta chefia em todas as questões da política britânica.

«Por isso, Londres quer assegurar-se formando um eixo Bonn-Londres. A Grã-Bretanha quer um parceiro mais chegado a fim de contrabalançar a perda do seu peso político e de manter a sua voz na política ocidental».

O jornal «Frankfurter Rundschau», pró-social-democrata, pergunta em artigo de fundo, pela voz do seu correspondente em Londres:

«Quer agora Macmillan um eixo Londres-Bonn?»

«...Uma coisa é certa: desde a segunda Guerra Mundial nunca os conservadores britânicos necessitaram de uma garantia internacional mais urgente do que agora. Macmillan passou meses de permanente desapontamento, tanto no seu país como no estrangeiro. As relações especiais com os Estados Unidos ficaram praticamente destruídas pelo acordo das Bahamas, que foi ditado por Kennedy...»

«Deste modo, a Grã-Bretanha necessita de um parceiro mais chegado dentro da N. A. T. O. Quem poderá ser parceiro mais conveniente do que a República Federal...?» — (R.).

SCHROEDER CHEGOU A LONDRES

LONDRES, 7.—Gerhard Schroeder, ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Ocidental, chegou a esta capital, por via aérea, para conferenciar com membros do Governo britânico sobre o Mercado Comum e a N. A. T. O. — (R.).

FRANCO RECEBEU O CONDE DE PARIS

MADRID, 7. — O conde de Paris foi recebido esta manhã pelo general Franco no Palácio do Pardo, — para uma «entrevista de ordem particular».

O conde tinha chegado no sábado a Madrid, acompanhado de sua esposa, vindo do seu domínio de Villamanrique. — (F. P.).

FOI ADIADO O JULGAMENTO DE TUNES

TUNES, 7. — O julgamento pelo Tribunal Militar Permanente dos 26 principais arguidos na conjura antigovernamental descoberta recentemente, que devia começar hoje, foi adiado. O delegado do Governo requereu o adiamento, a fim de completar a instrução do processo. Alguns dos processados fugidos foram presos e outras detenções estariam iminentes. — (F. P.).

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado, caíam aguaceiros nas locais e o vento era moderado de Noroeste por influência de uma massa de ar marítimo, transportada na circulação de uma depressão centrada a norte dos Açores.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS: Porto, 10°; Lisboa, 11°; Faro, 12°; Funchal, 18°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 13,3°; na água do mar, 13°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS: máxima, 15,5°; mínima, 11,8°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 11,6°; mínima, 5,7°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu muito nublado a encoberto, vento moderado de Sudoeste com rajadas fortes durante a noite, períodos de chuva fraca a partir da tarde de hoje com possibilidades de chuva forte de madrugada; melhoria para a tarde de amanhã.



Bombardeiros ingleses conseguiram «furar» as defesas dos E. U. A. —segundo o «Daily Express»

LONDRES, 7.—Segundo o «Daily Express» de hoje, bombardeiros «Vulcan» da R. A. F. britânica — os aviões destinados a transportar bombas nucleares da Grã-Bretanha — passaram recentemente através das defesas de radar norte-americanas, durante um exercício para pôr à prova semelhantes defesas.

Keith Thompson, repórter daquele jornal, escreve que os bombardeiros, com asas em forma de delta, revelaram fraquezas parciais nas

defesas de radar dos Estados Unidos e atingiram Nova York, Washington e outros centros que constituem alvos principais. Voando sem escala de bases britânicas, utilizando a rota polar, mais curta, e desviando-se em direcção aos Estados Unidos, via Canadá, o «raid» foi altamente eficaz — diz ainda o jornalista numa notícia publicada na primeira página do «Daily Express».

PROVA DA EFICÁCIA DA FORÇA «V» BRITÂNICA

Esta prova de eficácia da força «V» britânica apoiará certamente os argumentos daqueles que são partidários da sua manutenção ao serviço até 1970, equipando-a com um míssil «Blue Steel» aperfeiçoado, que poderá ser largado a 800 km do alvo.

A Grã-Bretanha gastou um bilião de libras (80 milhões de contos) para constituir a sua força de dissuasão.

Um informador do Ministério da Aeronáutica confirmou às primeiras horas de hoje que «Vulcans» participaram num exercício para experimentar defesas dos Estados Unidos há cerca de dois meses, acrescentando: «Não sei se os aviões furaram a cortina de radar dos Estados Unidos, como foi afirmado. Não é política declarar se os exercícios obtêm ou não êxito». — (F. P. e R.).

Crítica africana ao cristianismo

NAIROBI, 7 — «Se o Cristianismo quiser permanecer em África, a Igreja, como tal, terá que desaparecer» — declarou o ministro liberal da Educação, dr. John P. Mitchell, ao proferir um violento discurso na assembleia geral da All Africa Christian Youth.

O ministro afirmou ainda que «na presente fase da história» os «emancipados» povos africanos não podem continuar a venerar, mesmo quando cristãos, «um Cristo de raça branca» e a obedecer a «um longínquo Sumo Pontífice europeu».

«O Cristianismo não estava preparado» — acrescentou — «para compreender o vigor do nacionalismo africano e não soube identificar-se com este». Mas «tem de africanizar-se, se quiser sobreviver em África».

«Quanto aos missionários» — disse, ironicamente, o dr. P. Mitchell — «fizeram com os povos africanos um negócio mau para os últimos: deram-lhes a Bíblia em troca da terra».

Foi a primeira vez que um membro de um Governo africano atacou tão violentamente, em público, o Cristianismo, a Igreja e os missionários. — (A. N. I.).

A CASA DA SORTE AO SERVIÇO DO PÚBLICO

A Casa da Sorte, no desejo, sempre reafirmado, de bem servir o público, vem informar os seus Agentes, Revendedores e Clientes em geral, do seguinte:

LOTARIA POPULAR

Os bilhetes para a primeira extracção de 1963, que se efectua na próxima 6.ª-feira, estão a esgotar-se rapidamente na Casa da Sorte, em virtude de terem sido reduzidas as respectivas emissões. O primeiro prémio, no entanto, continua a ser de 1.500 Contos.

INFORMAÇÃO DOS NÚMEROS PREMIADOS

Para quantos se interessam pelo conhecimento dos números mais premiados em cada extracção, a Casa da Sorte, além da sua larga publicidade na Imprensa, mantém as informações de interesse público na Rádio e na Televisão, mas com as seguintes alterações.

TELEVISÃO

A informação da Casa da Sorte nos dias de extracção, é transmitida imediatamente antes da edição da noite do Telejornal, que passou agora a ter início cerca das 21,20 horas.

RÁDIO

As estações de Lisboa e Porto do Rádio Clube Português transmitem agora o boletim informativo da Casa da Sorte no noticiário das 21 horas. Mantém-se, entretanto, o da tarde que é dado entre as 12,30 e as 14 horas, logo que são conhecidos os resultados da extracção.

Por sua vez, Rádio Renascença transmite, através de todos os seus emissores, a informação da Casa da Sorte, no seu noticiário das 20 horas e 30.

CASA DA SORTE

A Marinha espanhola

(Continuação da 1.ª página)

essa altura os nossos barcos serão movidos pela energia nuclear» — declarou a Imprensa o almirante Nieto Altuñez, ao ser cumprimentado por motivo das festas militares que coincidem com a celebração do Dia de Reis.

«Estamos nos primeiros passos do plano de fomento, ao que se deve incorporar o programa naval» — prosseguiu.

«Noventa e cinco por cento do comércio externo efectua-se por intermédio da frota mercante e se esta viesse a faltar morreríamos de inanição».

A terminar, o almirante Nieto Altuñez acrescentou: «A nossa situação estratégica, como chave do Mediterrâneo, e, portanto, do Ocidente, devido ao Estreito de Gibraltar, é suficientemente importante para que se reconsidere a importância da Armada». — (A. N. I.).

DUAS LETRAS, DOIS CARRIS,
AO SERVIÇO DO PAÍS

O TRIO DA VANGUARDA DISTANCIA-SE



A serenidade dos portuenses — factor decisivo

Tradicional a dificuldade do F. C. Porto no Estádio da Tapadinha.

Ontem, mais uma vez, assim foi. É certo, que a vitória pertenceu aos nortenhos, mas não é menos verdade que os alcantarenses podem muito bem lamentar-se da sua falta de «chance» no período inicial, quando um dos postes da baliza de Américo recolheu uma bola com marca de golo e Marinho e Carlos Gomes não tiveram pontaria nem serenidade para colocar a sua equipa em posição cimeira. E o mais curioso ainda é que o lance que inaugurou o marcador e colocou o Atlético a vencer resultou mais de um deslize da defesa portuense que do mérito alcantarense. Mas, ao fim e ao cabo, talvez se tenha escrito direito por linhas tortas, pois em nosso entender e, apesar das inúmeras dificuldades com que deparou, o F. C. Porto venceu com inteira justiça, muito embora aos adeptos alcantarenses a afirmação

possa não agradar inteiramente, e tenha, até, aspectos de injusta. Esse

(Continua na página central)

As nossas estrelas



Mesquita (F. C. Porto), Simões (Benfica), Mendes (V. de Guimarães) e Vicente (Belenenses).



Paula e Joaquim Jorge (F. C. Porto), F. Ferreira (Atlético), Bráulio (Barreirense), Wilson (Académica), Mourinho (Vitória Setubal), Monteiro (Sporting), Coluna e Santana (Benfica), Vieira Dias (Feirense) e Caraga (Lusitano de Évora).



Palmeiro e Carlos Gomes (Atlético), Crispim (Académica), Langa (Barreirense), Nicolau e Narciso (Leixões), Polido e Quim (Vit. Setubal), Mendes e Augusto (Sporting), Reina e Paulo (Olhanense), Angelo (Benfica) e Armando (Guimarães), Ferreira Pinto (C. U. F.), Palico e Pelezinho (Belenenses), Vicente e Vital (Lusitano).

(Continua na 3.ª página)



O BENFICA AO ATAQUE: Torres executa um remate de cabeça

O guarda-redes do Atlético, Vítor, segura a bola em posição difícil, enquanto o portista Jaime refreia a corrida, aparatosamente

A tradição meteu água...

por FERNANDO SOROMENHO

Nitidez.

Em campo pelado, autentico lamçal, a vincar uma das facetas não progressivas do nosso futebol, não era, na realidade, possível presenciar-se uma exibição de boa bitola técnica. Por isso, o atractivo do despieque, sempre em toada generosa e dentro da máxima correc-

ção, consistiu em avaliar a adaptação dos jogadores a piso ingrato que duplicava o cansaço e iludia intenções. Só nesse aspecto, pois, o jogo interessou, mas foi o suficiente para não entediar.

O Benfica, cujo poder atlético denunciou um alicerce considerável, quicá a razão de ser do seu justíssimo triunfo, quebrou, finalmente, aquilo que a tradição parecia querer transformar em lenda. Isto é, logrou vencer na Amorosa, facto que desde 1949-50, no «Nacional» e na «Taça», se não verificava.

E fê-lo, aduzia-se, sem deixar margem para quaisquer dúvidas mesmo que a reacção dos vimezanenses, que conseguiram atingir o 3-3 quando perdiam por 1-3, sugira dificuldades para os visitantes e o próprio resultado (4-3) insinuasse equilíbrio.

Tais deduções não chegaram, to-

Diário de Lisboa

DESPORTOS

Um bom brinde a primeira parte da equipa «leonina»

Tocado pela inspiração, galvanizado por um auspicioso começo, servido pelo pleno rendimento de algumas unidades, o Sporting ofereceu, ontem, em Alvalade, durante três quartos de hora, um excelente espectáculo de futebol.

Não se infira daqui que os «leões» jogaram «bonito», no que se entende geralmente por isso; antes de-

(Continua na 3.ª página)



Lúcio transforma um «penalty»: 3-0 para o Sporting

O "NACIONAL" DA 2.ª DIVISÃO

ZONA NORTE

O Braga colocou o Varzim em dificuldade

A decisão com que os bracarenses enfrentaram o encontro da Póvoa de Varzim colocou os "guias" nortenhos em dificuldade e imprimiu à partida, feição espectacular e emocionante.

Seguros na defesa e acometidos no ataque, os bracarenses souberam também ser práticos e positivos junto à baliza adversária, chegando a dispor da margem confortável de três golos.

Embora menos organizado do que lhe é habitual, o Varzim acabou por reagir fortemente e ante a impetuosidade dessa reacção a retaguarda bracarense perturbou-se, consentindo a recuperação dos locais que, no entanto, só a dois minutos do final lograram escapar à derrota.

A primeira parte chegou para a vitória do Beira-Mar

Acabou por cair em monotonia o jogo realizado em S. João da Madeira.

O Beira Mar afirmou desde começo superioridade sobre o desligado conjunto local e mereceu disso chegar ao intervalo com o triunfo assegurado por margem de 3-0.

No resto do tempo os aveirenses não se esforçaram e daí o ter surgido apenas um lance de golo, que o extremo-direito visitante desperdiçou, limitando-se os sanjoanenses a tentativas sem consistência.

O Salgueiros quiz mas não pôde

A escassês da vitória obtida pelo Covilhã no campo do Salgueiros traduziu a esforçada réplica dos portuenses, mas não deixa de premiar a melhor equipa.

Os "encarnados" quiseram mas não puderam chamar a si o triunfo, lutando entusiástica e esforçadamente, mas sem conseguirem anular a superioridade dos serranos, cuja acção teve o seu fulcro no bom trabalho do seu médio, Espírito Santo.

O resultado foi feito na primeira

parte, podendo, no entanto, dizer-se que os covilhanenses foram felizes no período final, pois o Salgueiros obteve um golo, que seria o do empate, mal invalidado pelo árbitro.

A Oliveirense venceu com naturalidade

A vitória dos oliveirenses sobre o Leça foi obtida com toda a naturalidade.

Com melhor padrão de jogo, a Oliveirense soube neutralizar a combatividade dos leceiros, impondo-se sem nunca chegar a forçar o andamento, salvo no declinar da partida. Nessa altura, porém, os visitantes concentraram-se na defesa e impediram que o resultado se avolumasse.

A fragilidade ofensiva comprometeu o Boavista

Em terreno encharcado e difícil, albicastrenses e «axadrezados» actuaram retraídos durante grande parte do tempo.

Os portuenses, com uma defesa esforçada mas um ataque frágil de decisão e de jogo, não conseguiram dar a sensação de poderem movimentar o marcador por forma a assegurar o seu êxito.

O Espinho foi feliz

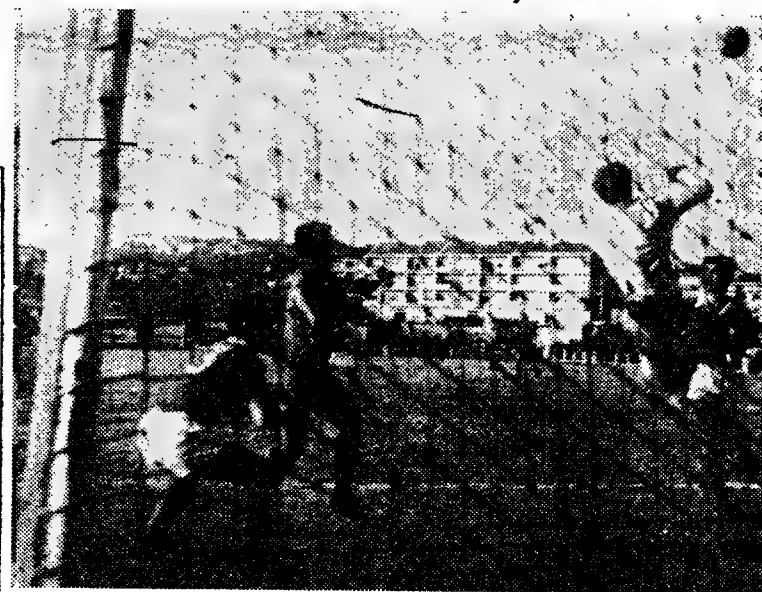
O Académico de Viseu, resoluto na sua acção ao longo de todo o encontro, tornou-se forte adversário para o Espinho, o qual obteve vitória tangencial assás difícil e contestada até ao último instante pelos beirões.

Os espinhenses realizaram exibição aplicada mas de pouco luzimento ao passo que a equipa de Viseu se mostrou mais organizada e consciente, só por manifesta falta de sorte não obteve melhor resultado.

O vigor marinhenso embaraçou os vianenses

Equipa de futebol mais burilado, o Vianense sentiu-se perturbado pelo mau estado do terreno, enlameado pelas chuvas, não acertando com a maneira de opor-se capazmente ao jogo largo e vigoroso que lhe foi imposto pelo Marinhenso.

Mais atléticos, os visitantes tiraram vantagem das condições do piso, enquanto os locais se viram impossibilitados de dar curso ao seu futebol, de processo hábil e ligeiro. O empate foi o melhor que os minhotos puderam lograr e pode considerar-se resultado certo.



Um ataque do Cova da Piedade às redes do Lusitano de Vila Real

xou de acompanhar a todo o transcurso os colegas, nos piores e nos melhores momentos.

A arbitragem do sr. Eduardo Gouveia, foi, de modo geral, satisfatória.

JOÃO DIAS

A ineficácia dos dianteiros foi a nota dominante

Ainda não foi ontem que o Cova da Piedade adreçou a exibição que os seus adeptos esperam. Postados ao ataque desde o início do encontro, cedo os locais denotaram dificuldades na transposição defensiva-ataque, já que os homens do meio campo se entregavam a um jogo de passe miúdo, que não se coadunava com o estado do terreno.

Por sua vez, os avançados piedenses não atinavam com o melhor caminho para as redes adversárias, hesitando no momento do remate e exagerando os passes e «driblings» nas proximidades da grande área. Assim, e mau grado um remate de Tito ao poste, quando eram decorridos 29 minutos, não surpreendeu que os minutos se escoassem com o marcador em branco e só à beira do intervalo, o mesmo Tito pôde obter o único golo da sua equipa, no seguimento de um «livre» indirecto.

Aguardava-se que, no segundo tempo, os donos da casa forçassem o ataque e consolidassem o triunfo, mas, um tanto surpreendentemente, os visitantes reagiram, impondo um equilíbrio que a fragilidade dos seus elementos não deixaria prever. Essa mesma fragilidade terá impedido que os visitantes modificassem o resultado, embora não tivessem deixado de apouquear a extrema defesa do Cova da Piedade, que se viu forçada a cedência de alguns «cantos» para resolver situações difíceis.

Deste modo, a diferença mínima verificada no final do encontro não deixa de reflectir o que se passou no terreno do jogo, premiando a equipa que mais atacou, mas, ao mesmo tempo, castigando a inépcia dos seus avançados.

Louve-se ao Lusitano o ter mantido a incerteza do resultado até final, se bem que a já referida falta de poder lhe não tivesse permitido a conquista de qualquer ponto.

Rocha, Sim-Sim e, a espaços, Tito, foram os elementos mais certos na equipa da casa, cotando-se o primeiro como o melhor jogador em campo.

Os visitantes valeram, sobretudo, em globo, pelo que não julgamos ser de salientar qualquer deles.

Arbitragem aceitável do sr. Manuel Neto, que terá pecado por assinalar tardiamente algumas faltas, errando, ainda, por duas ou três vezes, no julgamento de pequenas faltas.

JOSÉ CARTAXO

Vitória difícil do Portalegreense

Foi necessário ao Portalegreense alcançar um golo, já no minuto fi-

nal da partida, para conseguir os dois saborosos pontos.

O jogo praticado por ambas as equipas, em quase todo o encontro, foi feito à base de contra-ataques, pois o terreno pesado, devido às chuvas, tornava difícil a manobra certa, com um pouco de vantagem por parte dos orientalistas, devido ao seu poder físico ser superior ao dos portalegreenses.

Quanto à partida nada há a salientar relativamente a futebol bem praticado, pois este raramente existiu, até porque o terreno não ajudou. Portanto, o jogo foi de baixo nível técnico com vitória difícil e certa para o Portalegreense devido à pressão exercida no quarto de hora final pelos alentejanos.

No Portalegreense, há a salientar Grilo, Bigares e Chico. No Oriental, Edmundo, Vitor e Quaresma.

Boa arbitragem.

CARLOS TRAGUIL

O Montijo exibiu-se com agrado

No primeiro período do encontro, o Montijo dominou intensamente, merecendo o maior poder de antecipação e de maior vontade de vencer. Na verdade, a equipa local, desejosa de corrigir frente ao seu público as jornadas anteriores, empregou-se a fundo, tentando resolver o embate a seu contento. No entanto, esteve infeliz com o único tento conseguido pois deixou estabelecer a igualdade no último minuto do primeiro tempo.

A partir do reatamento, o Montijo, explanando melhor o seu jogo ofensivo, criou mais oportunidades de marcar, as quais foram na sua maioria goradas por apatia de Rui Silva, em má tarde.

Apesar disso, a boa exibição de Serralha, a jogar bastante adiantado, fez pender o fiel do jogo para o lado montijense e o final do encontro foi assinalado com o seu justo triunfo.

A sua vitória não deslustra a exibição da equipa de Torres Vedras, digna adversária, jogando e deixando jogar.

No Montijo, além de Serralha evidenciou-se Gárrua. No Torrijense, Bezerra foi o melhor.

Arbitragem certa.

JOAQUIM VIEGA

O Silves continua a ser um grupo sem sorte

No encontro Silves-Alhandra, o primeiro tempo decorreu com domínio territorial por banda do grupo da casa, verificando-se perdas flagrantes dos seus avançados.

Cerca da meia hora de jogo, o Alhandra, numa jogada feliz, colocou-se em vencedor por Antunes I, com um remate sem defesa possível.

A segunda parte foi mais equilibrada, pois o Alhandra melhorou. No entanto, o marcador não funcionou, merecendo a boa organização defensiva de ambas as equipas.

No Alhandra, salientaram-se Antunes I, Castiglia e o guarda-redes Ferreira. No Silves, uma equipa sem sorte, todos estiveram bem.

Nota sempre agradável de salientar: jogo disputado com correcção. Arbitragem impecável. — J. S.

Ajusta-se o empate em Faro
Com o terreno encharcado pelas chuvas da manhã, os esforços de ambas as equipas foram esgotantes.

Os visitantes obtiveram o primeiro tento como prémio do seu superior fio de jogo, em que Necas e Serra Coelho se evidenciaram.

Só tarde, os farenses conseguiram igualar e apenas à meia hora do segundo tempo, ao sentir fugir-lhes a vitória, forçaram o ataque, com remates constantes aos quais se opôs dura e acertadamente a defesa adversária, na qual se evi-

(Continua na 7.ª página)

ZONA SUL

O Portimonense travou a invencibilidade do Luso

O Luso, no seu próprio ambiente, não pôde libertar-se do peso da derrota, pela primeira vez no campeonato em curso. Os vaticínios eram-lhe favoráveis antes do começo do prélio, mas opinião diferente se formara entre a assistência ao soar o apito para o descanso dos jogadores. É que o «team» forasteiro, chamando a si o 2-1 na primeira metade do encontro — e não só por isso como pelo que soube jogar o seu quinto dianteiro — havia «dito» muito das suas grandes possibilidades de organi-

zação ofensiva, com boa coadjuvação dos médios, sempre numa luta de não deixar arrefecer uma determinação e uma eficiência que colocaram os locais em nitida desvantagem no desdobrar das operações. Sómente a defesa, mórmente Rebelo, que depois se recompôs, poderia ter comprometido um resultado que se aceita sem rebuço.

O Portimonense, em contraste flagrante com o seu adversário de ontem, teve entendimento, elasticidade e valentia para conquistar os dois preciosos pontos, pelos pés de Adventino, autor dos três golos da sua equipa, o primeiro de recorte simples, mas esclarecido, o segundo de difícil angulo e o terceiro em luta viril com Batata, caminhando com este à ilharga, quase de meio campo.

Ainda que parece inverosímil, este último tento responde pela pressão do Luso ao ataque, na segunda parte, pois a defesa local se encontrava em posição adiantada no terreno, todavia sem a ligação indispensável dos atacantes, recusando muito os portimonenses na perspectiva de aguentarem o resultado — como aguentaram — e destroçaram os lances que o Luso criou, aliás, sem a consistência e infiltração desejadas, sendo visível a falta que lhe fez, ontem, o seu armador de jogo — Presumido — lesionado há oito dias. Teve, no entanto, à frente, dois homens a chamar as atenções gerais: Henrique, que ocorreu infatigavelmente aonde quer que a bola se encontrasse, e Micael, o único rematador barreirense presente, embora sem êxito. Na retaguarda, Ferreira, continuou a ser o homem de antes quebrar que torcer.

No Portimonense todos estão de parabéns, sobretudo os dianteiros, que fizeram um primeiro tempo agradável, sendo de salientar Adventino, acutilante, fisicamente poderoso, de muito perigo com a bola nos pés, e os dois extremos, Herculan e Medina. O guarda-redes, Raminho, teve um par de defesas de valor e Arquimínio, jamais dei-

ZONA SUL Resultados

Montijo-Torrijense	3-2
C. Piedade-Lusitano V. R.	1-0
Silves-Alhandra	0-1
Spt. Farense-Seixal	1-1
Desp. Peniche-Sacavenense	0-0
Luso-Portimonense	2-3
Portalegre-Oriental	1-0

Classificações

	J	V	E	D	B	P
Alhandra	10	6	2	2	19-11	14
Torrijense	10	5	3	2	24-13	13
Seixal	10	5	3	2	22-16	13
Luso	10	4	5	1	14-11	13
Portimon.	10	5	2	3	16-13	12
C. Piedade	10	3	5	2	11-10	11
Oriental	10	4	2	4	15-11	10
Spt. Farense	10	4	2	4	15-11	10
Sacavenense	10	2	5	3	14-16	9
Montijo	10	3	3	4	17-22	9
Lusit. V. R.	10	4	—	6	14-16	8
Peniche	10	2	4	4	13-15	8
Portalegr.	10	3	1	6	10-27	7
Silves	10	—	2	8	5-17	2

A próxima jornada

A derrota do Luso (em casa), a quebrar a sua invencibilidade. A fraca actuação global das equipas da A. F. L. / traduzida pela obtenção de três pontos, num máximo possível de oito. A vitória do Alhandra, embora o adversário tenha sido o «lanterna-vermelha», teve, no entanto, o mérito de guiar a equipa à posição de guia.

Factos salientes

No próximo domingo, a 11.ª jornada do campeonato inclui os seguintes desafios: Montijo-C. Piedade, Lusitano de V. R. de Santo António-Silves, Alhandra-Farense, Seixal-Peniche, Sacavenense-Luso, Portimonense-Portalegreense e Torrijense-Oriental.

De jornada a jornada

ZONA NORTE Resultados

Oliveirense-Leça	3-1
Spt. Espinho-Acad. Viseu	2-1
Salgueiros-Spt. Covilhã	1-2
Vianense-Marinhenso	2-2
Varzim-Spt. Braga	4-4
C. Branco-Boavista	2-0
Beira-Mar-Sanjoanense	3-0

Classificações

	J	V	E	D	B	P
Varzim	10	7	2	1	27-11	16
Beira-Mar	10	6	4	—	15-5	16
Oliveirense	10	6	2	2	19-9	14
Sp. Braga	10	6	1	3	27-22	13
Covilhã	9	5	3	1	18-4	13
Espinho	9	3	4	2	14-14	10
Leça	10	4	1	5	13-16	9
Vianense	10	3	3	4	17-19	9
Marinhenso	10	3	3	4	13-15	9
C. Branco	10	3	2	5	11-11	8
Boavista	10	3	1	6	7-17	7
Ac. Viseu	10	1	4	5	10-17	6
Sanjoane n.	10	2	2	6	10-27	6
Salgueiros	10	1	—	9	11-25	2

Factos salientes

Dos seis primeiros classificados nem um só perdeu, pois os menos afortunados — Varzim e Spt. de Braga — empataram, por coincidência, no jogo entre si. A vitória do Sporting da Covilhã foi a única de um visitante, ainda que obtida sobre o «lanterna-vermelha». A marcação de 8 golos no jogo da Póvoa de Varzim. A formação de uma parêntese de guias.

A próxima jornada

No próximo domingo, a 11.ª jornada do campeonato inclui os seguintes desafios: Oliveirense-Espinho, Ac. Viseu-Salgueiros, Covilhã-Vianense, Marinhenso-Varzim, Braga-C. Branco, Boavista-Beira-Mar e Leça-Sanjoanense.



Um ataque dos portimonenses no jogo contra o Luso

O comando do jogo

(Continuação da 1.ª página)

esteve invariavelmente na posse do Benfica

se afigurava facilimo e que bastante deve ter admirado os proprios adversarios.

Esse debito voltou a ser expressivo no post 4-3, no curto espaço de dois minutos. Torres e Santana, no processamento de lances objectivos, de geometria ampla, foram infelizes na concretização, quase sobre a «meia-lua», e com o guarda-redes batido, em consequência de saídas desesperadas. Os remates dos referidos dianteiros falharam por pouco o alvo bem descoberto.

★

Não desmerecendo da pertinácia dos vimaranenses, que não regatearam esforços tendo em mente que o imprevisto é como que uma segunda natureza do futebol, o triunfo benfiquista acabou por comunicar, no balanço das operações, uma sensação pronunciada de nitidez, mercê de atributos de inegável apreço, tais como a já referida capacidade física, a clareza posicional, a facilidade na conquista do ritmo ofensivo (aplaude-se este reencontro talvez por influência de Santana) e, sobretudo, a presença de espírito.

Em nenhuma circunstância, incluindo nas fases em que o assédio dos locais se expressou com maior percentagem de perigo, o que originou situações de apuro no compartimento defensivo (dos três golos consentidos, só um no entanto revelou essa dependência, já que os outros foram produto de atitudes, digamos, displícites, de Costa Pereira e Cruz), o Benfica deu sinal de desorientação.

Nem mesmo com o 3-3, registado na tal altura propícia à laboração psicológica positiva, por efeito da alegria que a anulação de dois golos provoca. Era o reconhecimento da segunda parte — o ponto de partida para um novo jogo.

★

Como anteriormente, os lisboetas, cientes do seu papel, não claudicaram, optando pelo dispêndio de energias, por qualquer preço. Fizeram um apelo à mentalização que o desequilíbrio determinara e, porque as forças não rareavam, puderam ganhar-se, outra vez, ao plano de superioridade.

Todavia, como sombra imerecida, ficou a perdurar a maneira como foi concretizado o golo da vitória em que o ultimo toque pertenceu a Roldão.

Mas o figurino do lance (a testa

de José Augusto mandara a bola à trave e a devolução da madeira levou aquela a cair á mercê do pé do guarda-redes, virado para a sua baliza, pelo que o contacto da bola parecer natural, embora a abertura das pernas fosse outro reflexo a admitir) integrou-se no conceito de que «Deus escreve direito por linhas tortas».

★

O gráfico do jogo, pelo que se disse e terá deduzido, realçou o valor do Benfica a despeito de alguns golos terem resultado por efeito de concessão. O facto, porém, não invalida o mérito da vitória atrevida porque outros lances ficaram por concluir devido a manifestada infelicidade dos avançados lisboetas.

Com identico sistema, o 4-2-4, por sinal bem desenhado nas duas equipas e depois, sempre observado, o jogo principiou sob o signo da decisão.

O Benfica acusou certo constrangimento devido ao individualismo de Eusébio, agora a actuar em leque — para os lados e para a retaguarda como se a grande área constituisse zona proibida — mas o 1-0 (12 minutos), na sequência de um «corner», marcado por Eusébio (Roldão falhou a intercepção, aparatosamente), e concluído por Simões, que aproveitou o estatismo de Caçara, estabilizou o ritmo que se vislumbrou, com progressão pelo flanco direito.

A igualdade (15 m.) realçou a intencionalidade e vigor de Mendes. Costa Pereira ainda tentou a defesa, mas o seu corpo só serviu para a bola tabelar. Depois Angelo, com desespero, tentou evitar a concretização da recarga. Logo a seguir, o guarda-redes visitante anulou uma incursão perigosa de Mendes, mergulhando a propósito, e isso representou o começo nítido do ascendente «encarnado», culminado com a perda de Santana, o 2-1 de Eusébio (22 m.), a outra perda de Eusébio e o 3-1 de Torres (42 m.). O Vitória só respondeu, com o golpe positivo, o 3-2, a dois minutos do intervalo, equivalente à conquista de um vigoroso alento moral, aliás, reforçado com a obtenção do 3-3, logo no primeiro minuto da 2.ª parte, também a reflectir concessão.

A um período de parada e resposta (o segundo fôlego dos vim-

ranenses e a insistência de Peres faziam das suas) aconteceu, depois, o ascendente técnico e atlético dos visitantes, coroado com o 4-3 (24 minutos) e duas perdas imediatas de Torres e Santana. O «forçage» vitoriano nos derradeiros lances, que chegou a impressionar, careceu de capacidade física adequada em virtude da tenacidade benfiquista ao defender a preciosa vantagem.

★

O Benfica exemplificou um futebol prático, quanto possível adequado á natureza do terreno, tipo de campo lavrado com zonas que mais pareciam vidradas pelo que o equilíbrio era precário e o estabelecimento inevitável, e contou com uma capacidade ofensiva tão lucida como decisiva no confronto.

A manobra processou-se sem soluções de continuidade e se não fora a irregularidade do sector defensivo — a equipa denunciou uma declarada feição atacante — a exibição daria que falar. Mesmo assim, esclareça-se, impressionou a facilidade de progressão no terreno e a construção de golpes credores de golo.

A acção de Santana, como se acentuou já, deve ser interpretada como a razão fundamental da clareza que a manobra evidenciou, mas é de justiça incluir também o «esclarecimento» de Coluna a médio, sobretudo, no apoio ofensivo. Acresce ainda a produtividade dos dois extremos, Simões e José Augusto, o primeiro desconcertante e em forma apurada, e o constante «corre-corre» de Eusébio, agora a colaborar nas jogadas de golo, o que não deixa de ser curioso e até, vamos lá, a justificar um estudo especial.

Em resumo, os «encarnados» acabaram com a tradição. Tiraram-lhe a impermeabilização...

★

O Vitória careceu de unidades mais resistentes e de maior dose de velocidade no sector defensivo. Na linha média também falhou a perseverança e o vigor, o mesmo se apontando ao interior recuado.

Inexplicável a manutenção de Caçara, magoado, na posição de defesa-direito.

Na linha atacante houve desembaraço, alegria e muita movimentação.

★

O sr. Caetano Nogueira (Porto) arbitrou, baseado em bom critério, pelo que o seu trabalho agradou.

O «penalty» reclamado pelos vimaranenses, por mão de Cruz, que existiu, terá sido interpretado pelo juiz de campo (se acaso viu a irregularidade) como falha involuntária. Nós tivemos a impressão de que a bola, por efeito inesperado, foi tocar na zona proibida do corpo.

FERNANDO SOROMENHO

AS EQUIPAS DA A. B. DE SETÚBAL NO «NACIONAL» DA I DIVISÃO

A Associação de Basquetebol de Setúbal festejou, recentemente, o seu 25.º aniversário, promovendo conferências sobre a modalidade, por professores de educação física, que são, também, treinadores de basquetebol. Os profs. José Esteves, Mário Lemos, Teotónio Lima e G. Bernardes e, ainda, o árbitro internacional, Artur Tavares, estiveram, como conferencistas, em diversos clubes do distrito de Setúbal, cujas massas associativas os receberam e ouviram com muito interesse. Foram autênticas jornadas de propagação que se ficam a dever ao espírito empreendedor da actual direcção da Associação de Basquetebol de Setúbal, com sede no Barreiro.

Oxalá, que a futura direcção dê continuidade a esta obra de divulgação para o que receberá, certamente, o mesmo estímulo que a actual foi concedido pela Federação Portuguesa de Basquetebol — ajuda pecuniária possibilitada pelos di-nheiros do Totobola.

★

O campeonato de seniores, que já terminou, teve o seguinte resulta-



Augusto atinge as redes com êxito — e marca o 1.º golo desde que está ao serviço do Sporting

A vitória do Sporting no jogo de ontem em Alvalade

(Continuação da 1.ª página)

ram á sua actuação um sentido rectilíneo e um cunho prático que distanciam a equipa no marcador com a naturalidade das coisas simples, mas irresistíveis. Se alguns ressaibos de virtuosismo apareceram, nunca foram descabidos, pois tinham sempre um objectivo e não pecavam por diletantismo.

Frete á equipa visitada, surgiu um Olhanense imprudentemente «aberto», sem as cautelas habituais, que os conjuntos mais fracos apresentam nos campos de Lisboa. O facto terá facilitado, em parte, as evoluções dos lisboetas, mas a movimentação e o bom jogo destes não sofreram limitações por esse por menor. Isto porque nos parece que os algarvios não podiam, ontem, num terreno daquele piso e daquelas dimensões, discutir a supremacia no encontro, fosse qual fosse a tática empregada.

A liberdade, bem conquistada e mal contrariada, dos interiores sportingistas, destróçou a defensiva dos adversários, já que o labor desses dois elementos teve larga e acertada colaboração dos extremos e do numero 9, o codicioso Carlos Manuel.

Dois golos, dos cinco que o Sporting obteve no seu período dourado, merecem especial citação: o primeiro, de Matias, e o segundo, de Augusto.

VELA

Regatas de «Stars» para a Taça «Manita» e de selecção para provas internacionais

Nos dias 13 e 27 do corrente e 3 e 10 de Fevereiro próximo, ás 11 horas, realizam-se, na baía de Cascais, as regatas da classe de «Star» dotadas com a taça «Manita» e as quais servem também para seleccionar os representantes de cada frota para as provas internacionais de Génova, por ocasião do Carnaval, e para o campeonato internacional de França, a disputar em Mônaco por ocasião da Páscoa.

FERNANDO SOROMENHO

do: 1.º, Barreirense, 22 pontos (11 vitórias e uma falta de comparência); 2.º, C. U. F., 22 pontos (10 vitórias e uma derrota); 3.º, Montijo, 19 pontos (7 vitórias e 5 derrotas); 4.º, Almada, 17 pontos (5 vitórias e 7 derrotas); 5.º, Seixal, 15 pontos (3 vitórias e 9 derrotas); 6.º, Luso do Barreiro, 14 pontos (2 vitórias e 10 derrotas); 7.º, Mundet, 13 pontos (3 vitórias, 7 derrotas e 2 faltas de comparência).

Está ainda por julgar um protesto do jogo Luso-Seixal.

Disputam o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, a iniciar na primeira quinzena do corrente mês, o Barreirense, a C. U. F. e o Montijo.

O campeonato distrital de Setúbal, em reservas, teve o seguinte resultado: 1.º, Barreirense, 12 pontos (6 vitórias); 2.º, C. U. F., 10 pontos (4 vitórias e 2 derrotas); 3.º, Montijo, 7 pontos (1 vitória e 5 derrotas) e 4.º, Almada, 6 pontos (1 vitória, 4 derrotas e 1 falta de comparência).

Os campeonatos distritais de Setúbal, nas categorias de juniores e infantis, começam no próximo dia 13.

gundo, protótipo de jogada corrida e simples, em que intervieram Augusto (com um toque de magnífica visão), Monteiro (com um passe atrasado dentro do que mandam os cânones) e Osvaldo, que concluiu adequadamente; e o que fechou a conta do activo «leonino»: nova abertura inteligente de Monteiro e aproveitamento pronto de Augusto.

Entretanto, os campeões nacionais haviam levado o tempo a desbobinar futebol de bom recorte, sóbrio mas de craveira notável, servido por atributos que impressionam mais o conhecedor do que o leigo. Uma das preocupações mais evidentes dos jogadores «leoninos», no desenrolar dos seus lances ofensivos, terá sido a colocação da bola nos passes, normalmente feitos a colocar a bola á frente do elemento servido, que a recebia em plena movimentação.

A equipa algarvia, demasiadamente perturbada com o andar desfavorável do encontro e com a ligeireza dos contrários, apenas quando o intervalo se avizinhava principiou a respirar mais á vontade e a dar um ar da sua graça.

O Olhanense deixou-nos a impressão de um conjunto que gosta deliberadamente de pensar o lance e, depois da decisão tomada, de executar sem pressas, não vá enganar-se no que tem a fazer. Surpreende a falta de espontaneidade dos seus futebolistas, tão hesitantes nos lances de defesa como nos outros em que procuravam atingir a meta de Libânio.

O golo de Matias teve o aspecto de proeza individual, já que a renúncia ao remate, após duas tentativas no início do desafio, constituiu uma constante nas surtidas do quinteto atacante dos «rubro-negros».

Foi chocante o contraste entre as duas metades do encontro. Satisfeito consigo próprio e com a marca alcançada, o Sporting esqueceu, ou deixou fora, a ligação do primeiro período.

Fernando Mendes e Monteiro, que anteriormente se haviam exibido em plano de muito realce, baixaram de tom e, com eles, todos os companheiros. O gosto pelo jogo foi substituído pela convicção do dever cumprido e como o Olhanense se gastava em lances platónicos, sem poder ou sinal de perigo, a partida arrastou-se até acabar oficialmente, já que, de facto, ela havia terminado na altura do descanso.

Se o Sporting tem mantido a toada de luxo com que preencheu a primeira parte do programa, teria direito a aplausos incondicionais. Embora se compreenda a renúncia dos «leões» no segundo tempo, ninguém pode fugir a certo sentimento de frustração ao ver, na mesma tarde, uma turma chegar tão alto e, depois, descer tanto.

Monteiro, Mendes e Augusto foram os mais brilhantes do período brilhante do Sporting.

O Olhanense careceu, sobretudo, de andamento. Quando o desafio correu «pianíssimo», os algarvios subiram o tom da sua actuação. Mas a velocidade não é com eles. A demora na execução foi uma das características — talvez a mais acentuada — do «onze» de Olhão.

Reina, Paulo e, por vezes, Matias, emergiram do conjunto.

Lourenço Simões, de Évora, arbitrou com toda a atenção. Essa qualidade facultou-lhe o julgamento rápido de lances menos claros. Creemos ter tido razão nas jogadas mais discutidas, como no lance de que saiu o primeiro golo sportingista. Aprovado, sem favor, o seu trabalho.

FRANCISCO CAMILO

Os vinte e dois jogadores

COSTA PEREIRA — Por um triz não evitou o 1.º golo. No 2.º confiou em Cruz e no 3.º mergulhou um nada atrasado.

ANGELO — Sobriedade, mas eficiência. Atento às dobrás. Elemento de relevo no seu sector.

CRUZ — Rápido e activo, mas algo parado, não acompanhando o extremo á sua guarda. Não estranhou o terreno.

COLUNA — Descontraído na posição de médio. Procurou servir, com rapidez. Boa condição atlética. Exibição de relevo. Mas pode fazer mais.

RAUL — Bem, de início, mas oscilante depois. Careceu de posição certa para marcar, devidamente, o tempo de entrada. Esforçado.

CAVEM — Movimentação cautelosa, com o receio de errar. Integrou-se na colmatagem da defesa e não se afastou de Raul.

JOSÉ AUGUSTO — Aplicação e utilidade, compreendendo as desmarcações dos companheiros. Foi o autor moral do golo que acabou com a tradição.

SANTANA — Lucidez na manobra. Em forma. Despontou no 2.º tempo com uma invulgar frescura física. Actuação a influir no «onze».

TORRES — Aplicado e intencional. Bom colaborador. Infeliz nos remates (duas bolas nos postes). A sua envergadura valeu nos encostos.

EUSEBIO — No seu novo estilo brilhou na combatividade e na execução dos centros. Ter-se-á dito adeus ao Eusébio rematador?

SIMÕES — Magnífica exibição no 2.º tempo, embora consentida. Contudo, «compareceu» em lugares imprevistos. Um problema para os defesas.

ROLDÃO — Actuação infeliz. Responsabilidades no 1.º golo (saltou em vão), no 2.º (especado na baliza) e no 4.º (pouco ágil).

CAÇARA — Magoado («distensão?» por volta da meia hora continuou na posição com dificuldades, e na 2.ª parte «não pôde» com Simões).

DANIEL — Sentiu o «peso» da ofensiva contrária em todo o 1.º tempo, mas foi sempre insubmisso, mas irregular.

FONSECA — Produção regular no meio do terreno e pouco desembaraço na sua área. Recorde-se o golo de Eusébio...

PINTO — Combativo mas sem experiência. Confundido com o «1-2» (Eusébio-Torres). A altura do avançado-centro incomodou-o.

VIRGILIO — Sempre asoberbado, careceu de velocidade e douta pujança física. Muito lento.

PAULINO — Um extremo atrevido. Sem complexos. Batalhou incessantemente, mesmo que a bola lhe não fosse endossada.

PERES — Apático e irregular no primeiro tempo, no segundo apareceu com outra disposição. Mas o cansaço atraçou-o.

LUA — Afectado pelas condições do terreno. Mas viu-se que não é jogador só com a «encadernação». Boa estampa e fácil remate.

MENDES — O melhor da sua equipa e dos melhores em campo. Autor de dois golos. Actividade, querer e perigo na sua boa exibição.

ARMANDO — Mesmo magoado não se entregou ao fatalismo. Tentou reagir. Credor de simpatia e de apreço.

7 dias em revista

Texto de Henrique Parreirão
Ilustrações de Pargana

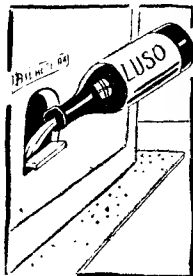
OUTRA MUSICA



DIA 11 — Não conseguiu Manuel de Oliveira inscrever o seu nome na lista dos vencedores da «S. Silvestre». Nunca a vitória, porém, esteve tão ao seu alcance...
Dizem os entendidos que Oliveira perdeu por um erro tático. E o beneficiado foi um francês, cujo nome não aparecia sequer entre os favoritos da prova.
Musicalmente falando acerca dos três corredores — Manuel de Oliveira (Portugal), Suarez (Argentina) e Aneur (França) — podemos concluir assim este apontamento: o homem do país dos Fados só se preocupou com o da terra dos Tangos e quem veio a ganhar foi o do país da Jara.

ÁGUA... O LUSO NAS BILHETEIRAS

DIA 1 — É curiosa a carreira do Luso no Campeonato Nacional de Futebol da 2.ª Divisão. Na sua ascensão da terceira para a segunda divisão deu um brusco e brilhante salto, colocando-se no 1.º lugar da classificação. Assim é que vale a pena subir.
O pior, todavia, é que o «fenómeno» deste progresso no campo desportivo não foi acompanhado do campeonato de bilheteiras, pois ao fim de oito jornadas o clube do Barreiro só apurou 1391\$80. Nenhum outro arrecadou menos. Temos água... da Luso nas bilheteiras.



ESCLARECIMENTO DE TRUZ...



DIA 2 — Apreciamos a sinceridade de um oportuno esclarecimento acerca da constituição clubística da nova Comissão Distrital de Arbitros de Lisboa: dois do Sporting, um do Benfica, um do Belenenses e um do Oriental.
O esclarecimento foi precioso, quando se julgou estranho que o Sporting contasse com dois homens na Comissão e o Benfica só tivesse um. Os outros não interessam... Logo com oportuna sinceridade levantou-se a voz da verdade: «não é bem assim... o Benfica também tem dois representantes na Comissão, pois o do Oriental também torce pelos «encarnados»... Assim, já não há razões para queixas.

O SEU A SEU DONO

DIA 3 — Data festiva para o Sporting Clube Olhanense. A Câmara Municipal de Olhão cedeu àquele clube os terrenos para a construção de um novo estádio, que irá substituir o velho «Padinha».
Numa época em que a maioria dos dirigentes desportivos só pensa em comprar jogadores... folgamos saber que existe um Olhanense preocupado e interessado na valorização do seu melhor património, que é o das instalações.
Proporcionou-se que os terrenos cedidos fossem precisamente os do Largo da Feira, onde o popular clube iniciou a sua actividade — pelo que é caso para dizer «o seu a seu dono».



PARABENS A VOCE



DIA 4 — Manuel de Oliveira ganha em S. Paulo os 5000 metros em pista — uma das provas brinde com que os organizadores da «S. Silvestre» costumam obsequiar os atletas que participam naquela importante corrida.
Desta vez o corredor «leonino» não teve que se preocupar com ninguém, pois o Oswaldo Suarez resolveu ir aos dez mil, bem como o francês Aneur.
Ficou assim o campeão português com maiores possibilidades nos cinco mil — e a vitória pertenceu-lhe naturalmente.
Parabéns a você... Manuel de Oliveira, ao Sporting e ao atletismo português. E parabéns, também, ao Suarez e ao Aneur por não terem ido aos 5 mil...

FINALMENTE: MARSELHA

DIA 5 — Chegou-se, finalmente, a acordo quanto ao local para a realização do 3.º desafio Portugal-Bulgária. Depois de se ter dado a volta ao Mundo à procura de uma cidade encontraram-se aqui mais pertinho... Marselha.
Nunca se viu coisa tão difícil... Só a nossa Federação fez 16 telefonemas internacionais para Sofia, Bordéus, Paris, Barcelona, Tarragona, Holanda e Bruxelas. Mais de duas dezenas de telegramas foram igualmente expedidos, com cerca de 200 palavras cada um.
Pelos vistos a Federação Portuguesa criou um serviço de estatística especial só para apurar estes numeros, que vêm onerar a organização do terceiro jogo...
AS TRES TABELAS...



DIA 6 — O mais sensacional do dia foi a vitória do Benfica em Guimarães. Um é que se chama Vitória e o outro é que ganhou. A esperança (por parte dos «leões» e nortenhos) de um resultado desfavorável aos «encarnados» pairou longo tempo em todo o País, graças aquela cadeia impressionante da rádio em que tão depressa estávamos a ouvir o que se passava em Guimarães, como iam escutar um golo em Évora, ou uma situação de perigo na Tapadinha ou Alvalade.
Até final o resultado de Guimarães esteve em dúvida. Chegou a haver três empates: 0-0, 1-1 e 3-3. Foi a seguir a este último que Eusébio se deu ao luxo de fazer um golo que mete inveja ao bilharista Jorge Pinto. Um golo a três tabelas: bola na barra, bola num calcanhar, bola nas malhas...

Campeonato Nacional D



Serafim consegue iludir a vigilância de dois adversários e caminha velozmente para as balizas alcantarenses

A vitória d no relv

(Continuação da 1.ª página)

facto deverá, contudo, filiar-se na «forcing» e, ao mesmo tempo, no azar do grupo no período inicial (e deste aspecto não tem o seu adversário culpa alguma) e, ainda, de uma decisão infeliz do árbitro no final do prelúdio que, todavia, dada a altura em que se verificou, já não poderia vir a ter qualquer influência no resultado, considerando o reduzido tempo que, então, havia para jogar.
Não obstante, algumas fortes batidas terem batido o estádio, já com o encontro a decorrer, a verdade é

que o relva danos, melho cou grandes mentação de foi possível de, de razão, putado ardo — repetim com o êxito e, talvez, at na sua mano No primei maior perig cutivamente Mas, de qu quando era por 0-1, o P trar a sua m A colocação certa, a mov quada e, jam tor defensivo quem puder evidente — lances de ap Sincerame equipa do F quase adivin praticamente mação na seg alcantarenses quebra física pa de Kalmz defensiva do maior veloci tendimento

SINFONIA DE JOGO MEDÍOCRE NO MOVIMENTADO EMBATE DE ÉVORA

Embora disputado com nervo, palmo a palmo, o despique entre os lisboetas de Belém e os alentejanos de Évora não atingiu craveira alta nem sequer regular.

O jogo, em si, se por um angulo criou um certo clima de interesse dimanado da marcação de cinco golos e da incerteza do resultado, que persistiu até aos derradeiros minutos, não chegara, todavia, a interessar, em face da fartura de lances a revelarem pobreza técnica e falhos de beleza espectacular.

O estado da relva, encharcada pelas recentes chuvas torrenciais, foi, regra geral, a grande culpada do mau cariz do jogo. Sucessivas quedas a interromperem o ritmo das jogadas, os frequentes descontrolos da bola e até o abusivo numero de choques — nem sempre bem intencionados, é certo — não proporcionaram um completo espectáculo desportivo, com todas as gamas de emoção necessárias para atingir nota de bom.

De tudo isto — uma verdadeira sinfonia de jogo medíocre — saiu a perder o Belenenses por um golo de diferença. E no começo do encontro, este não denunciava o de saire, porque o grupo da «Cruz de Cristo», foi aquele que, nos lances iniciais, melhor disposição patenteou para chamar a si o triunfo da partida. Pelo tempo adiante, entretanto, a sua linha avançada claudicou demasiadamente no contacto com a rude defesa eborense. Não suportou galhardamente o contacto e terminou até por se retrair, nos lances de finalização. E só por isso justificou a sua derrota, embora alguns dos seus elementos, nomeadamente Pelezinho e Yauca, se tenham inferiorizado fisicamente, antes de transcorrida meia hora de jogo.

A defesa do Belenenses, contra-

da e apática, também não esteve nos seus dias de maior acerto. Em dois minutos sofreu outros tantos golos, que a desorientaram demasiadamente, e a partir daí, Vicente, o mais perfeito jogador no terreno, viu-se coagido a recuar em missão de apoio à defesa, quebrando-se integralmente toda a ligação com o sector dianteiro azul. Herá sido eficaz a actuação do magnifico médio

ultramarino na posição defensiva, mas a organização atacante belenense ruiu estruturalmente e abriu um campo de boa manobra para a equipa adversária. Puro erro tático? Não queremos classificá-lo sem reboço, porquanto não podemos avaliar do que teria acontecido às redes de José Pereira se Vi-

(Continua na 6.ª página)

Com o seu sentido práctico os cufistas confundiram os feirenses

Os dois ultimos da classificação defrontaram-se ontem em Vila da Feira — e o Feirense, que voltou a perder, desta vez ante a C. U. F., ficou mais... ultimo.

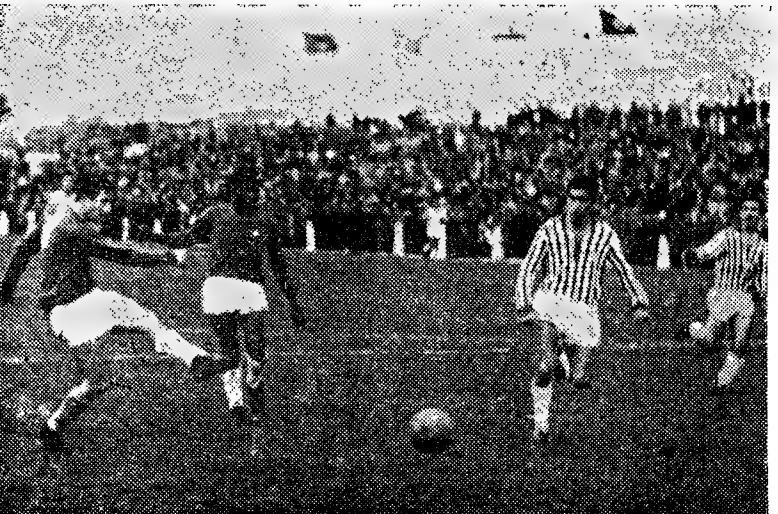
A chuva fustigou sempre, com inclemência, o publico, que affluu em numero apreciável, e jogadores. A invernã transformou obviamente o terreno em autentico lodaçal, onde os cufistas, mais experientes e pesados, tiraram nitida vantagem. Decididamente, a equipa de Vila da Feira anda sem sorte... Até porque os dois golos dos visitantes só foram possíveis devido a forte aragem de fortuna. Mas isso sempre contará no futebol. O certo é que os cufistas revelaram melhor conjunto e mais objectividade no ataque.

No entanto, algumas ocasiões de golo se negaram aos feirenses apenas porque o factor sorte os desprotegeu. Hábeis, não souberam tornear as dificuldades do terreno, insistindo contraproducentemente em

teias de pequenos passes, de bola rasa, quase sempre pela zona central. E foi precisamente a meio do campo que os cufistas conseguiram tomar franca ascendência.
Há ainda no «team» feirense acentuada dose de inexperiência e também escassez de fundo atlético para suportar as asperzas da competição. No entanto, está a altura de exhibir conjunto agradável, servido por elementos inquestionavelmente habilidosos, mas... em terreno mais propício.

Já os cufistas, denunciando agora melhor capacidade em relação aos primeiros jogos, puderam tirar ontem bom proveito do mau estado do terreno e da perturbação que atingiu os adversários. Defesas e médios revelaram superior homogeneidade e só os dianteiros claudicaram por vezes nos vários pormenores de jogo. Uma referência especial, todavia, para Vieira Dias, que actuou com finura e inteligência. Os cufistas procuraram não reter a bola, passando-a prestamente ao colega mais bem desmarcado, não hesitando mesmo nas tentativas de cruzamentos longos. E foi isso precisamente o que mais confundiu os adversários...

J. P.



O lance que antecedeu o terceiro golo do Belenenses, marcado por Peres e que o árbitro invalidou

	EM CASA					
	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica	5	4	1	1	17-4	8
Sporting	5	5	1	1	22-4	10
F. C. Porto ..	5	4	1	1	14-5	8
Académica	5	5	1	1	23-4	10
Leixões	5	2	3	1	5-3	7
Belenenses	5	3	1	2	14-6	6
Lusitano	5	4	1	1	11-6	8
Guimarães	5	2	1	2	8-8	5
Setubal	5	1	2	2	6-7	4
Barreirense ..	5	1	3	1	3-4	5
Olhanense	5	2	2	1	7-4	6
Atlético	5	3	1	2	11-9	6
C. U. F.	5	1	1	3	4-6	3
Feirense	5	1	1	4	4-10	2

O Campeão visão — que o meio maior: seguiu ontem respondentes Recapitulamos: Sporting-Olhanense-F. V. Guimarães Lusitano-Bel Leixões-V. Feirense-C. Barreirense

DA 1.ª DIVISÃO

ória dos «azuis e brancos» o relvado da Tapadinha

(página)

filhar-se na
tempo, no
o inicial (e
seu adver-
espantado ardorosamente e concluído
ainda, de
árbitro no
via, dada a
cou, já não
er influen-
rando o re-
havia para

s fortes bá-
dio, já com
a verdade é

GO
RE
ORA

o defensiva,
acante bele-
ente e abriu
obra para a
o erro táct-
classifica-
o não pude-
ria aconteci-
reira se Vi-

(página)

ático
renses

esses, de bola
a zona cen-
e a meio do
conseguiram
cia.
m) feirense-
xperiência e
undo atlético
ezas da com-
stá a altura
radável, ser-
questionável-
as... em ter-

nciando ago-
em relação
uderam tirar
o mau estado
curbação que
s. Defesas e
erior homo-
teiros claudi-
ários por me-
ferência es-
Vieira Dias,
a e inteligên-
aram não re-
prestante
desmarcado,
nas tentativas
s. E foi isso
ais confundiu

J. P.

XXXXXXXXXXXX

que o relvado não sofreu grandes danos, melhor dizendo, não provocou grandes dificuldades à movimentação dos jogadores. E, assim, foi possível assistir-se a um encontro de razoável nível técnico, disse o adversário ardorosamente e concluído ainda, de repetimos o ponto de vista — com o êxito da equipa mais serena e, talvez, até da mais esclarecida na sua manobra.

No primeiro período os lances de maior perigo pertenceram indiscutivelmente aos donos do campo. Mas, de qualquer modo, mesmo quando era dominado e já perdia por 0-1, o Porto pôde sempre mostrar a sua maturidade como equipa. A colocação das suas unidades era certa, a movimentação a mais adequada e, jamais, surgiu, no seu sector defensivo, o lance de «salve-se quem puder», muito embora, — é evidente — se tenham verificado lances de apuro.

Sinceramente, gostámos de ver a equipa do Porto, neste período e quase adivinhámos o seu êxito, que, praticamente, só veio a ter confirmação na segunda parte, quando os alcantarenses começaram a denotar quebra física. Nessa altura, a equipa de Kalmar juntou a serenidade defensiva do primeiro período uma maior velocidade, um superior entendimento no seu sector atacan-

te — então a poder ser já mais amparado, em virtude dos colapsos adversários, que começavam a ser frequentes.

Das várias vezes em que já vimos o Atlético, esta foi, sem dúvida, aquela em que a turma mais nos agradou. Bateu-se estoicamente tanto à defesa como no ataque, a princípio sabendo criar problemas ao seu antagonista.

Simplemente o seu jogo nos pareceu feito um tanto à base de coragem em detrimento da clarividência.

De resto, pensamos que na ausência de um binário construtor é que reside o mal do Atlético. A equipa conta, apenas, para esse papel, com Inácio. E convenhamos que é pouco. A tarefa que lhe confiaram é demasiado ingrata e o rapaz não consegue levá-la a cabo.

E, ontem, além do factor físico já referido o pormenor nos feriu a atenção.

Solucionado este problema — se é

(Continua na 6.ª página)

OS SETUBALENSES tornaram tudo difícil

O Leixões teve ontem, em sua casa, hóspede, verdadeiramente indesejável, que lhe tornou tudo difícil — jogo e resultado.

Repare-se que a classificação de indesejável, atribuída à equipa setubalense, não tem, neste caso, qualquer significado pejorativo para os simpáticos sadinos, antes pelo contrário.

Em realidade, o Vitória foi tão

valeroso como embaraçador para o grupo de Matosinhos, regateando-lhe o magro triunfo até ao ultimo instante e não lhe ficando em nada atrás na sua movimentação e sentido futebolístico.

Os setubalenses constituíram sempre uma equipa nervosa, no melhor sentido do termo, reagindo de pronto às contrariedades e pondo no seu jogo ligação e intuição, que a ligeireza e vivacidade da acção sobremodo valorizaram.

A pouca fortuna nos remates de Quim, Melo e Teixeira, estes principalmente, fez com que o rendimento do Vitória se ficasse pelo mi-

(Continua na 6.ª página)

Os jactos de Coimbra capotaram no Barreiro

A «operação» Barreiro que, de certo modo, se podia considerar como simples voo de rotina para os «jactos de Coimbra», afinal, ultrapassou os limites da rotina para acabar num revés para os «altos comandos» da Brisa, não obstante, o esquadrão de Wilson se apresentar no rectângulo de jogo com o mesmo potencial com que anteriormente havia batido os campeões nacionais, no sensacional encontro de há oito dias.

As condições climatéricas, propícias para a prática de futebol, não opunham, por isso, grandes dificuldades aos habilidosos e não menos rápidos homens da Académica até, mesmo, tendo em conta a falta de arrelvamento do campo «D. Manuel de Melo».

Todavia, e não obstante o onze de Coimbra reunir um conjunto de predicados que fazem dele um adversário temível, o alvo não foi atingido...

A barragem estabelecida pelos barreirenses, frente à zona das deztoit jardas, foi, de tal modo, fechada, para os «capas negras» que estes, não obstante, e inicialmente,

terem patenteado certo grau de objectividade, tornou extremamente difícil qualquer penetração efectiva, como assomos de perigo, para

OS TOUREIROS

derrotaram os artistas
mas em futebol...

MADRID, 7 — No estádio de Vallehermoso realizou-se ontem um desafio amigável de futebol entre uma equipa de toureiros e outra de artistas de cinema e teatro.

Os «matadores», que incluíam Curro, Rafael Giron, Gregorio Sanchez e Juan Bienvenida, venceram por 4-1 os artistas, entre os quais figurava o português Virgílio Teixeira.

O guarda-redes dos artistas, Tony Lebranc, apresentou-se à noite no teatro onde trabalhava com um ombro ligado por ter sofrido fractura de uma clavícula ao executar uma defesa. — (A. N. I.).

a baliza de Bráulio, à excepção de dois lances.

Se tivérmos em linha de conta, que só de duas oportunidades dispuseram que os rapazes da velha Lusa-Atenas para marcar — não restam dúvidas de que houve uma «capotagem» total dos «jactos de Coimbra», para a qual muito contribuiu a oposição, por parte dos barreirenses.

Sem poder contar com o rendimento absoluto do seu principal fulcro de ataque, a Académica desarticulou-se, na zona de remate, de tal modo que a defesa dos barreirenses, a jogar com garra e sentido de oportunidade, nas entradas, só raramente consentia que se criassem situações de perigo para a sua baliza.

Evidentemente, que os estudantes foram sempre mais práticos que os donos da casa. No entanto, os barreirenses, souberam anular, mercê de golpes de energia e de entusiástico esforço, a vivacidade dos ataques de Coimbra, o que deu ao jogo períodos de equilíbrio, e

(Continua na 6.ª página)



Gracia alivia o seu campo, anulando um avanço do Leixões

A marcha do campeonato

O Campeonato Nacional da I Divisão — que o mesmo é dizer o «dorneio maior» do nosso futebol — prosseguiu ontem com os encontros correspondentes à 10.ª jornada.

Recapitulando os resultados temos:

Sporting-Olanense		5-1
Atlético-F. C. Porto		2-3
V. Guimarães-Benfica		3-4
Lusitano-Belenenses		3-2
Leixões-V. Setubal		2-1
Feirense-C. U. F.		0-2
Barreirense-Académica	...	1-0

No confronto Lisboa-Província, o despique acabou com «honra para ambas as partes» — como soi dizer-se. Se é certo que o Sporting e o Benfica venceram, não é menos verdade que o Atlético e o Belenenses perderam, ainda que tangencialmente. Ora, para a pretendida superioridade do futebol lisboeta sobre o do «resto» do País, as coisas não correram, portanto, nada bem.

A jornada deixou para a história

(Continua na 6.ª página)

EM CASA						FORA						TOTAL					
V.	E.	D.	G.	P.		J.	V.	E.	D.	G.	P.	J.	V.	E.	D.	G.	P.
4	1	1	1	1	17-4	8	5	4	1	1	12-4	10	8	1	1	29-8	17
5	1	1	1	1	22-4	10	5	3	2	1	8-6	10	8	1	2	30-10	16
4	1	1	1	1	14-5	8	5	3	2	1	11-8	10	7	2	1	25-13	16
5	1	1	1	1	23-4	10	5	1	3	3	6-11	10	6	1	3	29-15	13
2	3	1	1	1	5-3	7	5	2	2	1	4-4	10	4	5	1	9-7	13
3	1	1	1	1	14-6	8	5	2	1	3	8-9	10	5	1	4	22-15	11
4	1	1	1	1	11-6	6	5	1	3	2	2-8	10	4	3	3	13-14	11
2	1	1	1	1	8-8	5	5	2	1	3	7-12	10	4	1	5	15-20	9
1	1	1	1	1	6-7	4	5	1	2	2	3-5	10	2	4	4	9-12	8
1	1	1	1	1	3-4	5	5	1	1	4	3-13	10	2	3	5	6-17	7
2	1	1	1	1	7-4	6	5	1	1	5	3-11	10	2	2	6	10-15	6
3	1	1	1	1	11-9	6	5	1	1	5	4-19	10	3	1	7	15-28	6
1	1	1	1	1	4-6	3	5	1	1	4	7-13	10	2	1	7	11-19	5
1	1	1	1	1	4-10	2	5	1	1	5	2-26	10	1	1	9	6-36	2



Uma fase do assédio dos estudantes à baliza do Barreirense, vendo-se o guarda Trancas a defender a soco

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JANEIRO DE 1963

Lusitano-Belenenses

(Continuação da página central)

cente não tivesse actuado na posição defensiva, já que a extrema defesa azul não adquiriu autoridade, nem patenteou qualidade, para responder por si própria.

Portanto, fica de pé a ideia de que, sem confiança nos seus defensores, o Belenenses muito dificilmente poderia pensar numa vitória no seu embate com o Lusitano.

Os eborenses, começando com cautelas especiais, não fosse o Diabo teclá-las, não se aventuraram nos primeiros lances, mas não tardou que Sosa, integrado momentaneamente na linha atacante, abrisse o activo aos dez minutos e logo no minuto seguinte, em jogada tirada a papel químico, Joab aumentasse o marcador. Estava encontrando o vencedor, pelo menos aparentemente. O grupo passou então a patenear personalidade e a exercer certo domínio facilitado pelas perturbações dos lisboetas até que, um pouco surpreendentemente, o Belenenses diminuiu a diferença. Suportaram os eborenses o golpe com valor e novo lhe foi vibrado por intermédio de Peres, e foi então que melhor se denunciou a organização lusitanista. Com o mar-

cador em igualdade, os eborenses cresceram de entusiasmo e assistiu-se então ao seu melhor período e aquele que viria a ser o melhor de toda a partida. Os seus esforços terminaram por alcançar a compensação e sem dúvida que o resultado expressa o seu quê de justo.

Individualmente, nos vencedores, Caraca foi a figura máxima. Magoado num pé, o dianteiro eborense não deixou de ser um terrível espinho cravado na defesa belenense e além de constituir uma constante ameaça, deu ainda seguimento a todos os lances em que foi chamado a intervir. Vital, embora mal batido no primeiro golo, mostrou depois segurança e valentia. Vicente foi depois o mais destacado elemento dos eborenses. Um pendulo.

No Belenenses, Vicente atingiu nível alto, cotando-se até como o melhor jogador no terreno. Secundaram-no na escala de merecimento Palico, um jogador inteligente e bom executante, Pelezinho, este enquanto actuou em boas condições físicas.

O sr. Curinha de Sousa, fechou os olhos a tanta tropelia e a tantos erros quer técnicos quer disciplinares, que não pode merecer as homenagens da crítica. Anulou um golo ao Belenenses e validou outro aos eborenses, que mereceram os protestos dos jogadores azuis. Em qualquer dos casos não podemos garantir que fosse desastrosa a sua decisão, mas também estamos longe de afirmar que nela houvesse absoluta justiça e imparcialidade... Arbitragem simplesmente medíocre, como o jogo.

CÉSAR DE CARVALHO

Leixões-Setúbal

(Continuação da página central)

nimo na casa respectiva do marcador, mas isso, se roubou aos visitantes uma expressão final mais ajustada ao seu esforço e agradável labor, não os fez esquecer o balanço da partida. Evidentemente que, no capítulo de oportunidades, o Leixões também as teve em género e numero mais que bastantes para angariar, em devido tempo, a margem tranquilizadora. Quer isto dizer que o triunfo não saiu errado, sendo incontestável que os locais, nos períodos em que forçaram o jogo levados pela iminência do perigo evidenciaram mais possibilidades do que os adversários como equipa para a competição. Mas a verdade é que, no seu todo, o Leixões realizou exibição acentuadamente fraca, sobretudo no sector ofensivo, onde o entendimento quase não existiu. Edmundo, muito perseguido, Oliveira, sem sorte a finalizar, e Gomes, pouco produtivo, fizeram baixar, sensivelmente, o nível habitual da ofensiva leixoiense, aliás, frouxamente apoiada pelos médios. Ventura, que costuma ser grande no meio-campo, não esteve, também, ontem, nos seus dias. E ressentindo-se destes factores e da agilidade embaraçante dos dianteiros de Setúbal, a própria defesa de Matosinhos teve períodos de oscilação, valendo a permanente firmeza de Narciso, Ribeiro e Nicolau.

Compreendem-se, assim, as dificuldades do triunfo, não sendo de mais repetir que a maior delas foi a entusiástica acção dos setubalenses, entre os quais, Mourinho, Polido, Emídio Graça, Alfredo e Quim lograram evidência relativa numa equipa que teve no equilíbrio do conjunto a sua melhor virtude.

ALBERTO LOBO

ATLÉTICO-F.C. PORTO

Continuação da página central

que dentro da equipa há homens em condições de o solucionar — o «quadro» alcantarense subirá, desde logo, bastantes furos, pelo menos, em produção de jogo, que, necessariamente, passará a ser mais claro, mais simples, mais geométrico, dignos.

Para além da boa impressão que nos deixou como equipa — e não esqueçamos que Hernani lhe fez muita falta — no quadro portuense houve três ou quatro unidades que merecem uma referência particular. Em primeiro lugar, o jovem Mesquita que está em defesa dos «pés á cabeça» e a quem, por certo, está reservado um brilhante futuro. Ontem foi, apenas, o melhor homem no terreno! Paula e o africano Joaquim Jorge, também se comportaram excelentemente, o mesmo, afinal, se podendo dizer de Serafim. No lado alcantarense, Vitor, um

NUNO MOTA

VOLEIBOL

Que a digressão a Marrocos

tenha sido a última aventura da selecção nacional...

Como se aguardava, a selecção nacional de voleibol classificou-se em terceiro lugar, na «poule» A do Torneio do Ocidente, em que participaram, também, as equipas da França e de Marrocos.

O último lugar entristeceu-nos, não porque não o esperássemos já, mas, antes, porque além de confirmar os nossos meios vem provar a evidência que, realmente, em vez de progredirmos, temos recuado.

Países com os quais nos chegamos a bater quase em pé de igualdade (a França) e a quem ganhávamos facilmente (Marrocos) derrotaram-nos, agora, por marcas ex-

pressivas, e, o que é ainda mais desagradável, sujeitaram-nos aquilo que, em gíria futebolística, é vulgarmente designado por «baile».

Uma lástima, uma autêntica vergonha, a que há que pôr cobro.

Embora o nosso voleibol não seja rico em jogadores, a verdade é que, mesmo com todas as deficiências, ainda é possível reunir um bom lote e, até, esperar que os muitos jovens que pululam nos nossos principais clubes possam, a continuarem a ser bem orientados, vir a atingir uma craveira técnica bem mais elevada. Mas para que tal possa acontecer torna-se imperioso encontrar, no plano de dirigentes, pessoas idóneas, conhecedoras, esclarecidas e perfeitamente capazes de arcar com a responsabilidade das soluções que, há muito, se preconizam. Não é possível, manter por mais tempo a actual organica, consentir-se que hajam dirigentes que por um passeio ao estrangeiro abandonem os trabalhos, que há muito se tornaram urgentes.

Há, realmente, que revogar, que substituir, de modo a salvar-se o que de bom há, ainda, no voleibol — os seus praticantes. Mas, esses mesmo socorram-se não houver mãos salvadoras, indivíduos conhecedores e clarividentes, repetimos, que consigam uma organização de provas, se não ótima pelo menos razoável.

Atribuir todas as culpas ao seleccionador (que afinal pretendeu, até, ser substituído com grande antecedência dada a sua impossibilidade futura) não nos parece que resolva o problema. O assunto deve ser visto mais em profundidade e ir procurar-se a origem do mal, que não estará, necessariamente, só no seleccionador. Então sim. Feito este trabalho poder-se-á voltar, novamente, a competir no estrangeiro e até, vamos lá, a discordar do ponto de vista do seleccionador uma vez que esse elemento disporá, então, de todas as condições para um trabalho eficiente.

Resta-nos desejar que esta ida a Marrocos tenha sido a última efectuada nestas condições e que a lição tenha servido aos actuais dirigentes e os disponha a fazerem a obra que todos ambicionam.

PEDRO DE CARVALHO



Faneça, do Barreiro, recebe a medalha de bom comportamento atribuída pela Federação Portuguesa de Futebol

Barreirense-Académica

(Continuação da página central)

até, certa verdade ao empate (0-0) que se verificava ao intervalo.

No segundo tempo, e dada a brancura do marcador, que persistia em manter-se nulo, o duelo entre as duas equipas, que procuravam desesperadamente o golo, ganhou maior poder de emotividade, com realce para os barreirenses, que passaram a exercer maior domínio, muito embora a defesa dos estudantes continuasse a manter-se unida.

Cerca dos trinta e três minutos, e graças a um golpe de infortúnio (Curado introduzia a bola na própria baliza), a Académica, sofria um golo.

Numa tentativa de reparação, os estudantes alteraram o seu «xadrez». Com permutas de lugares, procuraram resolutamente, e dentro de novos sistemas, a igualdade, criando situações de perigo para os barreirenses, cuja defesa continuava, no entanto, a evidenciar talento para manter intacta a vantagem de 1-0, margem exígua, é certo, mas que para a equipa da margem esquerda do Tejo, representava algo mais de precioso do que a obtenção dos dois pontos regulamentares da tabela classificativa, já que materializava a primeira vitória dos barreirenses no seu próprio terreno.

A EXPRESSÃO DE PODER E QUALIDADE foi dividida entre o Sporting e o Benfica no campeonato regional de corta-mato

Com cenário diferente do de 1962 (da Quinta Nova, em Carcavelos, passou para o Vale do Jamor, na Cruz Quebrada), o campeonato regional de principiantes teve algumas surpresas, principalmente, no que se refere à mentalidade de alguns participantes e, ainda, no predomínio dos rivais (Sporting e Benfica) no lote dos concorrentes que alinharam à partida, num total de quase meia centena o que é, sinceramente, de apreciar.

Temos, assim, que a expressão de poder e de qualidade não tombou para qualquer dos lados. A balança manteve o fiel, bem ao centro. Isto é, apesar do Sporting ganhar colectivamente — apenas por três pontos de diferença — assistiu-se a um equilíbrio de valores, que nos deixou de certo modo perplexos, dado que os «carnados» tinham na realidade pretensões.

Foi pena que o verdadeiro vencedor — Abílio Lacerias, do Spor-

ting — não se apercebesse das possibilidades que pesam áqueles que envergam uma camisola. Estamos cientes que errou, pois não nos pode passar pela ideia que o fiscal se apaixonasse a ponto de ver fraude onde ela não existia. Por outro lado, é inconcebível que outros dois atletas quisessem fazer uma «partidinha» ao juri, correndo menos uma volta.

A vitória de Antero Lourenço, do Benfica, não deixou de representar mérito, pois o jovem corredor andou sempre nos «calcanhares» dos homens da vanguarda, mesmo do seu clube, como Dalmiro Barral e João Ferreira, para não falarmos dos adversários: Abílio Lacerias, Rui Saraiva, Aníbal Rodrigues (todos do Sporting) e José Paixão, do Belenenses.

Foram estes os expoentes do torneio, mas outros, menos aptos, tiveram, também, preponderância na luta por equipas. Referimo-nos a

Mário Moço, Américo Maio, Vítor Pinto, Amácio Ramos e Jaime Soares, do Sporting; Joaquim Mata Dias, João Torráo, José Magalhães e João Barbosa, do Benfica.

Individualmente, já que não podiam formar equipa, as corridas de Alvaro Correia (Académica de San-

(Continua na página seguinte)

O SEDAN

mantém-se no comando do campeonato francês

PARIS, 7. — Os jogos de ontem para o campeonato de França terminaram com os seguintes resultados: Sedan-Nîmes, 3-0; Mónaco-Reims, 5-2; Montpellier-Lyon, 1-1; Racing-Toulouse, 2-2; Rennes-Stade Français, 2-0; Grenoble-Nice, 3-1; Rouen-Nancy, 2-1. O encontro Lens-Angers foi adiado por motivo do mau tempo.

O Sedan continua à frente da classificação.

OS GUIAS

do campeonato espanhol ganharam com dificuldade

MADRID, 7. — Resultados de ontem para o campeonato de Espanha: Valência-Sevilha, 1-0; Oviedo-Atlético de Madrid, 3-0; Valladolid-Saragoça, 2-1; Elche-Cordova, 0-1; Málaga-Osuna, 2-0; Barcelona-Maiorca, 1-1; Real Madrid-Atlético de Bilbao, 3-2; Bétis-Corunha, 4-0.

A frente da classificação continuam o Real Madrid e Oviedo, com 22 pontos, seguidos do Valladolid, com 20, e do Atlético de Madrid e do Valência, com 18.



A equipa de principiantes do Sporting que venceu o campeonato regional, por equipas

O academista Alberto Carvalho é campeão nacional de «ciclo-cross»

Prevista, por esmagadora maioria, a vitória de um dos dois primeiros classificados do torneio nortenho — Augusto FORTES, campeão, ou Azevedo Maia, 2.º classificado — não há dúvida que constituiu uma autêntica surpresa o triunfo alcançado pelo conhecido corredor do Académico do Porto, Alberto Carvalho.

O curioso do caso é que, durante as duas primeiras voltas, o favoritismo justamente concedido àqueles ciclistas teve plena confirmação, pois foram ganhas por Azevedo Maia, seguido de Augusto FORTES.

Faltava, porém, pouco para se completar o 3.º circuito (cerca de 200 metros, apenas) e começou a desenhar-se a reviravolta que daria por terra os mais fundamente vaticínios. Com efeito, Alberto Carvalho, que se atrasara logo no começo da prova, passando em 6.º lugar na meta, ao fim da primeira volta, teve uma reacção empolgante e, um a um, foi ultrapassando os adversários que o precediam. Tinha precisamente acabado

de passar por Augusto FORTES quando um percalço sofrido por Azevedo Maia (avaria nos carretos) veio abreviar aquilo que — tudo indicava — estava prestes a acontecer, ou seja mudança de comandante.

E tão categórica foi a corrida do ciclista do Académico que, sempre na dianteira até final, jamais deixou de oferecer dúvidas o seu triunfo. Apesar disso, o desfecho da prova não deixou de interessar, graças ao empenho posto na luta para o 2.º lugar, por banda de José Anastácio e Azevedo Maia. Este levou a melhor, mas manda a verdade que se diga que o campeão do Sul foi um adversário digno. Ultrapassou o rapaz do F. C. do Porto pouco depois de completada a 5.ª volta, manteve-se em 2.º lugar até quase ao termo da prova e foi já perto da entrada na pista que Azevedo Maia o ultrapassou definitivamente.

Outro pormenor que atesta a boa prova feita por Anastácio: o seu atraso em relação a Alberto Carva-

lho, que era de 50 s. na 6.ª volta, foi reduzido para 20 s. na seguinte, mas o ritmo não se manteve.

A vitória de Alberto Carvalho não sofreu contestação. A surpresa, de que atrás falamos, é até muito relativa, visto que se trata de um dos nossos mais experientes especialistas do género. Simplesmente, apenas se atentou no seu comportamento no campeonato do Norte, no qual nem se classificou por desistência na 1.ª prova, sendo apenas 3.º e 4.º nas duas seguintes.

O campeão destronado, foi bem batido. Apesar dos contratempos de que foi vítima — sofreu também um furo — Azevedo Maia peraceu-nos realmente em dia menos bem, desunindo-se mais do que se esperaria na segunda metade da prova.

De José Anastácio não se esperaria tanto, restando apenas referir que o campeão nortenho Augusto FORTES foi forçado a desistir por motivo de queda, entre a 2.ª e 3.ª voltas, portanto, sem tempo para fornecer indicações concretas, apesar de seguir na altura em 3.º lugar, perto do «guia», Mário Sá, Joaquim Leão (F. C. P.) e António Santos (Leixões), foram os restantes desistentes.

A marcação do Campeonato para a Malveira, se não resultou sob o ponto de vista propagandístico (o público, talvez devido ao mau tempo, não acorreu em grande número), foi, todavia, feliz pelo excelente traçado escolhido para o percurso. Com um dia de sol, teria sido uma manhã de inteiro agrado, desportiva e espectacularmente.



O benfiquista Antero Lourenço, campeão regional de principiantes, em pleno esforço

Atletismo

(Continuação da página anterior)

tarém) e Manuel Alonso (Universitário) merecem, sem dúvida, um apontamento, pelo esforço que desenvolveram, enquadrando-se, sempre que possível, no pelotão da vanguarda.

É curioso registar que alguns dos participantes já tinham dado provas a época passada. Assim, por exemplo, Abílio Lacerias (Sp.), José Paixão (Bel.) e Antero Lourenço (Bf.), classificaram-se no «Regional» ou «Nacional» de principiantes de 1962.

Como nota de confronto registar-se, também, que os «leões» perderam eficiência em relação ao ano transacto em que viram sete atletas classificados entre os dez primeiros (1-2-4-5-7-8-10). Entretanto, e depois, de arrebataram ao Benfica, em 1961, o título colectivo ainda não o perderam.

A organização esforçou-se para corresponder ao que dela se esperava na propaganda das competições através do campo. Enfim, boa perspectiva para os «Nacionais» que, este ano, se disputarão em Viseu, e, dentro daquele espírito.

Desta maneira, a expensas da Federação, deslocar-se-ão àquela cidade: Associação de Lisboa — Os 15 primeiros classificados, até um máximo de 5 por clube e 1 delegado por cada equipa constituída; Associação do Porto — Os 10 primeiros classificados, até um máximo de 5 por clube e 1 delegado por equipa constituída; Associação de Coimbra — Os 8 primeiros classificados, até um máximo de 5 por clube e 1 delegado; e Associação de Faro — Os 5 primeiros classificados e 1 delegado.

No caso de Lisboa, tanto o Benfica como o Sporting, beneficiam de seis deslocações cada e o Belenenses, Académica de Santarém e Universitário, um cada.

ZONA SUL

(Continuação da 6.ª página)

denciaram Barroqueiro, Aniceto e Onório.

A equipa algarvia não chegou ao seu habitual, pois a maior parte dos seus elementos denotaram fadiga e revelaram falta de condições para actuar em terrenos pesados. No entanto, Bento, Reina, Penhalver e Djunga actuaram em bom plano, enquanto na equipa seixalense, que cumpria bem, salientaram-se Necas, Onório e Serra Coelho.

A arbitragem esteve aceitável.

PEDRO MARTINS

Jogo agradável em Peniche

Esperava-se que o Peniche, nitidamente a subir de forma, arrancasse um bom resultado, pelo qual o seu público, há muito tempo, anda ansioso.

Tal, porém, não aconteceu mais uma vez, não obstante a boa exibição realizada, frente a um adversário animoso.

Nos primeiros 45 minutos, assistiu-se a bom futebol de parte a parte, não resultando, no entanto, devido à boa actuação dos sectores defensivos.

Na segunda metade, a feição foi diferente; o Peniche, lançado deliberadamente ao ataque, dominou largamente, só não conseguindo marcar, por falta de dianteiros realizadores e, também, pela actuação da defesa sacavenense, nomeadamente do seu guarda-redes que fez grande exibição.

O Peniche, com a sua linha renovada, com alguns jovens, produziu jogo agradável, apenas, pecando por falta de remate.

O Sacavenense deu réplica sempre animosa e foi um adversário brioso, não obstante o lesionamento de um dos seus elementos.

De assinalar a correcção da partida, sem grande trabalho para o árbitro o que fez com muito acerto.

No Peniche, destacaram-se: de longe, Ceia, o seu jovem defensor central; João Manuel, Aurélio e Lúcio. No Sacavenense, Casimiro, Mota, Macedo e Licas.

JOÃO CONCEIÇÃO

«DIÁRIO DE LISBOA»

O Clube Amadores de Pesca de Tomar agradeceu-nos o apoio prestado na organização do 1.º Concurso Internacional de Tomar (taça «Cidades Europeias»), o qual alcançou excelente êxito.

Três provas da A. F. L. vistas de relance

A 13.ª jornada do campeonato distrital da 1.ª Divisão afinou pelo diapasão das anteriores no tocante a resultados pouco expressivos, pois nem mesmo os 3-0 do Vilafranquense ao Arroios (a melhor marca do dia) chegam para dar a impressão de um grande desnível. No entanto, deve anotar-se que o triunfo foi obtido em casa do adversário.

O Sintrense contra o Futebol Benfica e o S. L. Olivais contra o Vitória experimentaram as dificuldades previstas, maiores, talvez, por serem visitantes. Os olivalenses não foram além de um empate, de que, afinal, veio a beneficiar o Loures, para se aproximar do guia — o S. L. Olivais. O empate Desp. Olivais-Estoril é um resultado que corresponde às previsões.

*

No «Distrital» da II Divisão, a no-

O REAL MADRID

voltou a vencer o Benfica em basquetebol

MADRID, 7 — A equipa de basquetebol do Real Madrid qualificou-se esta noite para os oitavos de final da «Taça da Europa dos Clubes» ao vencer o Benfica por 110-47, com 43-16 ao intervalo.

No jogo da primeira mão, em Lisboa, os madrilenos haviam conseguido já uma vantagem de 36 pontos (97-61) e a sua qualificação não podia ser posta em dúvida antes mesmo do segundo encontro, que atraiu uns mil espectadores ao frontão Fiesta Alegre, ginásio do real.

Prejudicados pela sua pequena estatura, os portugueses não deixaram por isso de se bater com brio. Tiveram a má sorte de encontrar um Real em forma e bem decidido a ganhar.

Era a estrela em Madrid em competição internacional dos dois novos estudantes americanos do Real, Burgess e Luyk. Não decepcionaram os seus admiradores e foram a origem da vitória da sua equipa.

Do lado português, Costa e Santos foram os homens da primeira parte; Valente e Coelho, os da segunda. No Real, devem citar-se, além dos dois americanos, Emiliano, pela sua segunda parte relampejante (24 pontos para os últimos vinte minutos), Sevilhano, pelo seu início, assim como o regular e eficaz Sainz.

As equipas alinharam inicialmente:

BENFICA — J. Campos, Santos, Simões, Manuel Campos e Coelho. REAL MADRID — Sainz, Emiliano, Sevilhano, Burgess e Luyk.

Os melhores marcadores: pelo Benfica — Coelho (17 p.), Valente (11), Santos (6), Costa (6), J. Campos (4) e M. Campos (3); e pelo Real — Descartin (8), Luyk (29), Sainz (19), Emiliano (26), Sevilhano (14) e Burgess (14). — (F. P.).

ta saliente da 12.ª jornada está na vitória do Vialonga sobre o Santa Iria (5-1), demasiadamente expressiva, se atendermos a que o jogo se efectuou em Santa Iria. Nem que o jogo se realizasse em Vialonga, seria de crer em tão grande desnível. De salientar, também, que o Linda-a-Velha, num campo considerado como seu, não foi além de um empate contra o Operário, de limitadas possibilidades. Quanto ao resto... tudo normal.

*

E passemos a falar dos juniores da I Divisão. Entrou-se na 2.ª fase, limitada a oito equipas. Dois jogos, porque constituíam novidade, chamaram sobre si especiais atenções. No Torriense-Atlético (2-5) anotou-se a marca mais expressiva; no Belenenses-Sporting... a mais nivelada (1-0). E assim, o Atlético e o Benfica (vencedor do Oriental, por 2-0) — ambos vencedores das séries da 1.ª fase do campeonato — ficaram desde logo a comandar as classificações das séries da 2.ª fase. Resta referir que o desfecho mais surpreendente foi o do jogo Estoril-Tarujense. Sendo o jogo «na Amoreira e tendo a equipa da Costa do Sol ficado à frente do seu adversário na fase inicial da prova, era de prever que vencessem os visitantes, que... afinal, perderam (0-1).

EXCELENTE CARREIRA DO PALMENSE no «Regional» de hóquei em campo

Adiado, devido ao estado lamentoso do pelado da Tapadinha, o encontro entre o Atlético e o Futebol Benfica, o mais importante da ronda, ficou incompleta a segunda jornada do Campeonato de Lisboa de hóquei em campo.

A chuva que tem caído ultimamente tornou os campos difíceis para a prática da modalidade. Por esse motivo aplaudimos os árbitros que decidiram não efectuar o desafio entre alcantarenses e «encarnados e pretos», tanto mais que já se havia realizado um encontro antes, entre a reserva dos dois clubes, que tinha decorrido sem brilho, devido ao estado do terreno.

Assim, o encontro de maior interesse passou a ser o realizado, no Campo Grande, entre o Benfica e o Palmense.

Os «encarnados» com três jogadores suspensos — Garcia, Gema e Eduardo de Sousa — até conclusão do inquérito aos incidentes verificados no desafio da primeira jornada, em Benfica, apresentaram uma formação diferente da habitual, mais fraca, portanto, pois tanto Gema como Eduardo de Sousa são duas boas pedras no esquema dos benfiquistas.

Se juntarmos o facto de o terreno estar difícil e de o Palmense estar a fazer excelente carreira e contra os

«encarnados» realizarem sempre boas partidas, temos de admitir o resultado, um empate, como o mais certo e aceitável, embora os donos da casa tivessem construído maior número de lances de ataque.

No Restelo, os «azuis» receberam a visita do Hóquei.

Sem serem obrigados a grande dispêndio de energias, embora o adversário procurasse replicar com entusiasmo, os donos da casa venceram, com facilidade, folgadoamente.

Após esta jornada a classificação encontra-se ordenada da seguinte maneira:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Palmense	2	1	1	—	2	1
Belenenses	2	1	—	1	6	2
Atlético	1	1	—	—	10	0
Fut. Benfica	1	1	—	—	5	0
Benfica	2	—	1	1	1	6
Hóquei	2	—	—	2	1	6

Reunião de divulgações de regras no próximo dia 11

Encontra-se marcada para a próxima sexta-feira, 11 do corrente, às 21 horas, na sede da Associação de Lisboa, promovida pela Comissão Central de Arbitros, uma reunião para divulgação e esclarecimento das alterações das regras por que se rege a modalidade.

O SPORTING

é campeão regional de handebol

Quando, ao iniciar-se a segunda volta do Campeonato da 1.ª Divisão, de handebol de onze, o Sporting confirmou o seu triunfo da jornada inaugural, sobre o Benfica, o seu mais directo adversário, imediatamente assegurou a conquista do título, porquanto, só em condições anormais, a equipa leonina iria perder dois dos cinco encontros que ele tinha para disputar.

Agora, que ao Sporting apenas falta derrotar o Almada para concluir o Campeonato, só poderá subsistir uma dúvida, a de que os «leões» consigam conquistar o título, mantendo a invencibilidade, já que nada os poderá afastar da proeza — tão peculiar ao clube — de aumentarem ao seu impressionante palmarés, mais um campeonato, na modalidade, o 21.º!

Na jornada de ontem, Sporting e Benfica, que serão os representantes lisboetas no «Nacional», não tiveram dificuldades, apesar de se-

rem visitantes, em se desembaraçarem dos seus adversários, respectivamente, o Cova da Piedade (3-9) e o Alverca (1-7).

O jogo de Marvila serviu ao Almada para obter a desforra da derrota sofrida na primeira volta, confirmando-se, assim, a subida de forma da equipa da outra margem do Tejo.

A classificação actual, é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting ...	11	11	—	—	136-60	33
Benfica ...	10	8	—	2	118-70	26
Almada ...	10	3	2	5	73-76	19
Belenenses ...	10	4	1	5	75-83	19
Oriental ...	10	2	2	6	64-92	16
C. Piedade ...	11	1	3	7	49-89	16
Alverca ...	10	2	1	7	43-88	15

O Belenenses alcançou o Benfica no «Distrital» de Juniores

O Sporting impôs ao Benfica, a primeira derrota no Campeonato de Juniores, o que veio dar à competição uma maior expectativa, já que o Belenenses, excelente vencedor dos almadenses e com uma equipa de muito valor, alcançou os «encarnados» no topo da tabela classificativa, ficando os «leões» apenas a um ponto dos guias.

O embate do próximo domingo, entre «azuis» e «encarnados» poderá dar já uma indicação, quanto ao vencedor da prova, pois não pode esquecer-se que se iniciou ontem a segunda volta da prova.

A classificação actual é a seguinte: 1.º, Benfica, 15 pontos (39-18); e Belenenses (35-21); 3.º, Sporting, 14 (33-22); 4.º, Oriental, 12 p. (27-35); 5.º, Almada, 10 (31-43) e 6.º, C. da Piedade, 6 (14-40).

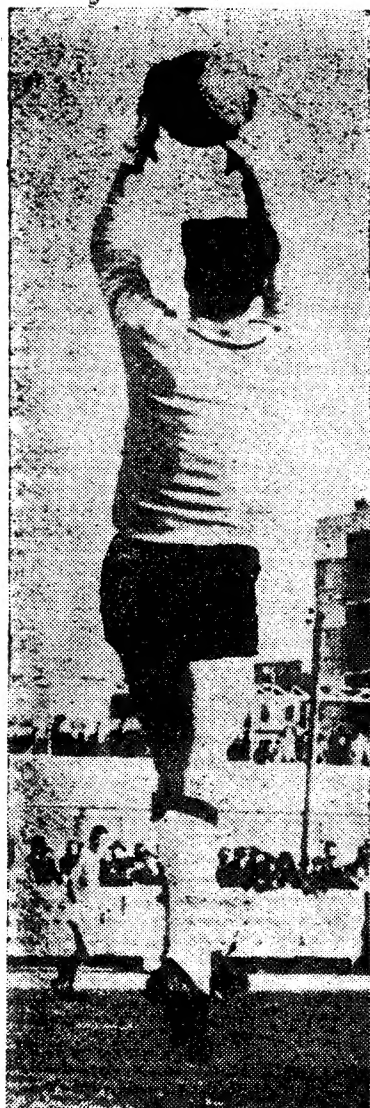
Foi suspenso o torneio do Atlético da Encarnação

Devido ao estado do tempo, que tem obrigado a sucessivos adiamentos os jogos do torneio de sete, organizado pelo Atlético da Encarnação, foi resolvido suspender a competição até data a indicar oportunamente.

O GRASSHOPPERS não poderá jogar em Israel

TELAVIVE, 7 — A Federação israelita de futebol anunciou não aprovar que a equipa suíça Grasshoppers seja convidada para jogar em Israel. A Federação afirma que aquele clube de Zurich pratica discriminação contra os judeus, não os admitindo como sócios e durante a segunda guerra mundial adoptou uma atitude pró-nazi. — (A. N. I.).

Mourinho



Elegância



Elasticidade



Decisão



A vontade

Nome — José Manuel Mourinho Felix. **Idade** — 24 anos. **Peso** — 71,500 quilos. **Altura** — 1,75 m. **Naturalidade** — Ferragudo (Algarve). **Data do nascimento** — 12 de Fevereiro de

1938. **Internacionalizações** — 5 vezes na selecção militar. **Lugares em que tem jogado** — Guarda-rêdes. **Clubes que representou** — Vitória de Setúbal.

do Vitória de Setúbal



MAGAZINE



O barbeiro aficionado

Um mutilado, a quem falta um braço, entra numa barbearia. O «oficial», enquanto o escanhoa, discute acaloradamente com os outros clientes o último jogo de futebol da sua equipa.

Quando o serviço acaba, o freguês sangra em toda a face. E o barbeiro pergunta-lhe:

— Já o servi de outra vez, não é verdade?

— Não, senhor — responde o mutilado; — isto foi feito por uma bomba na guerra.

Um apito original

Quando Ramón Melcón era árbitro de futebol, nos tempos heróicos deste desporto, extraviou-se-lhe o apito durante o intervalo.

Fizeram-se buscas para encontrar outro, mas sem resultado. Apenas se conseguiu arranjar uma flauta de cana.

Melcón arbitrou o segundo tempo da partida, com aquele «apito» original.

E, ao que parece, a flauta soava bastante bem, fazendo rir o publico, que até se esqueceu de protestar...

Jogos nocturnos

Um sócio de um clube lisboeta protestava, há dias, contra os jogos nocturnos, com os seguintes argumentos:

— Adquiri um lugar cativo para ficar protegido do Sol. Afinal, uma grande parte dos desafios é feita de noite. Não há direito!...

E a nós parece-nos que o melhor é o descontente marcar dois lugares: um para os jogos á noite e, outro, para os de dia.

Os doces e o jogador

Em casa de Hector Nuñez, um dianteiro do Valência que está a causar furor em Espa-

lha; a sua mulher faz, quase diariamente, uma torta.

Sabedor do caso, o treinador do clube levantino chamou a atenção ao jogador, afim de evitar que ele engordasse. Mas Nuñez não toca nos doces e explicou porquê:

— Quando completei doze anos, a minha mãe deu-me uma torta; a minha madrinha outra e uma vizinha ofereceu-me o mesmo bolo. A de minha madrinha era de chocolate; comi-a inteira e senti-me terrivelmente indisposto. Nunca mais comi doces.

E o treinador descansou...

Os «bats» do «cricket»

Uma inglesa, de 61 anos, a sr.^a Nellie Cochrane, é a única mulher no Mundo que se dedica ao fabrico de «bats» do «cricket», um desporto retintamente inglês.

Há 54 anos que o marido da veneranda dama tem tal officio e, ambos, costumam fabricar, anualmente, de 1500 a 2000 «pauzinhos».

E os seus «bats» não saem nada baratos, pois são feitos com madeira importada das Ilhas holandesas.

Uns paus de luxo, portanto...

Orgulho «Real»

A Santiago Bernabeu perguntaram se o Real Madrid, no caso de não participar na Taça dos Clubes Campeões Europeus, deveria concorrer á Taça dos Vencedores das Taças ou, se não houvesse sido apurado para esta prova, á Taça das Cidades com Feiras.

Resposta orgulhosa do presidente do Madrid:

— Se isso acontecer, a direcção estudará o que mais convenha; mas o meu voto é de que não deve intervir nessas competições. Eu só admito uma Taça da Europa: a clássica. As restantes são sucedaneos.

Bater as palmas — motivo para castigo

A Federação Inglesa de Futebol acaba de admoestar seriamente dez jogadores do Mansfield por comportamento incorrecto para com o árbitro.

Mr. Kevin, o homem do apito, marcou, contra o Mansfield, uma grande penalidade, a trinta segundos do final de um encontro com o Crystal Palace, que, mercê desse facto, ganhou o jogo.

Então, os futebolistas do grupo vencido formaram alas e despediram o juiz com uma estrondosa salva de palmas.

O tão falado humor inglês...

Classifique-se a si mesmo

Seis respostas certas — excelente; cinco — muito bom; quatro — bom; três — suficiente; dois — medíocre; uma — mau; zero — péssimo.

1 — Qual o nome completo do clube de Elvas?

2 — Como se chama a pista de ciclismo da Malveira?

3 — Quem foi o último ciclista do sul que venceu a Volta a Portugal?

4 — Onde fica o campo dos Bargos?

5 — Manuel Marques, do Sporting, venceu a «S. Silvestre» lisboeta deste ano. Quem ganhou a do ano passado?

6 — Sabe quem foi o ciclista da C. U. F. que ganhou uma Volta a Portugal?

Soluções

- 1 — O Elvas — Clube Alentejano de Desportos.
- 2 — Tullio Pereira.
- 3 — José Martins (Benfica).
- 4 — em 1947.
- 5 — O mesmo atleta.
- 6 — Joaquim Fernandes, em 1939.



Precaução

INSTANTÂNEOS DE DOMINGO

■ O Benfica, como é tradição, viu-se e desejou-se para transpor o obstáculo do campo da Amorosa.

■ Os vimeanenses foram batidos, através de um golo obtido por um dos seus, em lance de relativo apuro para as redes dos minhotos.

■ O Sporting esteve optimamente no primeiro período do desafio. Dois dos cinco tentos que obteve, nesse meio tempo, levantaram «olés» aos apaniguados dos campeões nacionais. Na segunda parte, a figuração do jogo dos «deões» foi assaz diferente. O pensamento terá, então, sido atraído pelo jogo do próximo domingo.

■ Na Tapadinha, os portuenses, mais personalizados, conquistaram dois preciosos pontos, continuando o triunfo final dentro do seu horizonte visual.

■ Os «atléticos», contudo, ao fim e ao cabo, queixaram-se da falta de sorte.

■ No curto espaço de um minuto o Belenenses sofreu dois golos. Havia ainda muito tempo para os «azuis» cha-

marem a si o triunfo. Os lusitanistas, porém, não tinham a mesma opinião, como se verificou no final da partida.

■ A Académica foi batida no Barreiro. O seu revés não era tido como coisa provável.

■ O Feirense continua a demonstrar débeis possibilidades de se manter na divisão maior.

■ O Luso averbou o primeiro desaire na presente competição. O facto, porém, é curioso pela circunstancia de a derrota ter sido sofrida no seu campo.

■ Ao Portimonense coube a honra de ser o autor da derrota dos lusos.

■ Entretanto, o Varzim cedeu o primeiro ponto em casa. Isso custou-lhe ser apanhado pelo Beira-Mar.

■ Faneca, futebolista do Barreirense, recebeu a medalha de comportamento exemplar por ter efectuado 265 jogos oficiais, sem castigos.

■ Alberto Carvalho, do Académico do Porto, é campeão nacional de corta-mato ciclo-pedestre.